**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Educação Física e Desportos

Lúcia Aparecida Martins Campos Coelho

# Nas telas de cinema e nas salas de dança de salão: a vez e a voz das idosas

Rio de Janeiro

2017

Lúcia Aparecida Martins Campos Coelho

# Nas telas de cinema e nas salas de dança de salão: a vez e a voz das idosas

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Aspectos Biopsicossociais do Exercício Físico.

Orientadora: Profª. Dra. Monique de Assis

Rio de Janeiro

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

C672 Coelho, Lúcia Aparecida Martins Campos.
Nas telas de cinema e nas salas de dança de salão : a vez e a voz das idosas / Lúcia Aparecida Martins Campos Coelho – 2017.
121 f. : il.

Orientadora: Monique de Assis.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Educação Física e Desportos.

1. Envelhecimento - Teses. 2. Velhice – Teses. 3. Dança de salão – Teses. 4. Mulheres idosas – Teses. 5. Qualidade de vida – Teses. 6. Bodansky, Laís, 1969-. Chega de saudade [filme] – Teses. I. Assis, Monique de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Educação Física e Desportos. III. Título.

CDU 793.33-053.9

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese desde que citada a fonte.

_____ _____
Assinatura Data

Lúcia Aparecida Martins Campos Coelho

**Nas telas de cinema e nas salas de dança de salão: a vez e a voz das idosas**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Aspectos Biopsicossociais do Exercício Físico.

Aprovada em 13 de setembro de 2017.

Banca Examinadora:

_____

Profª. Dra. Monique Ribeiro de Assis (Orientadora)

Instituto de Educação Física e Desportos- UERJ

_____

Prof. Dr. Elirez Bezerra da Silva

Instituto de Educação Física e Desportos- UERJ

_____

Prof. Dr. Silvio de Cassio Costa Telles

Instituto de Educação Física e Desportos- UERJ

_____

Profª. Dra. Ludmila Mourão

Universidade Federal de Juiz de Fora

_____

Profª. Dra. Nícea Helena de Almeida Nogueira

Universidade Federal de Juiz de Fora

Rio de Janeiro

2017

# DEDICATÓRIA

Dedico essa tese a minha amada mãe Joventina e minha querida irmã Dôra. Elas já não estão mais aqui, partiram durante o tempo em que eu cursava o doutorado, deixando um vazio e uma saudade enormes no meu coração! Se eu pudesse pediria a Deus que deixasse minha mãezinha voltar, só por hoje, para que ela pudesse, orgulhosa, me ver defender esta tese e eu pudesse, depois de tanta luta, descansar um pouco no seu colo macio e quente. Mãe, eu te amo, obrigada por tudo!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e à Nossa Senhora Aparecida por terem me concedido vida para chegar até aqui!

Aos meus amados e saudosos pais, Aristides e Joventina que me deram a vida e me amaram incondicionalmente, agradeço pelos exemplos de família, caráter, doação, amor e fé!

Ao meu marido Pedro, obrigada pelas inúmeras vezes que você me levou ao Rio de Janeiro e pelos muitos copos d'agua e mingaus que você preparou enquanto eu redigia a tese. Agradeço também pelo companheirismo durante o tratamento do câncer que enfrentei neste período, socorro sempre presente nos muitos momentos de angústia e dor! O que seria de mim sem você?! Eu não teria chegado até aqui. Portanto, essa vitória é muito mais sua do que minha!

As minhas filhas, Cristina e Débora, razão do meu viver e presentes que Deus generosamente colocou em minha vida! Obrigada pelos constantes auxílios que vocês me deram durante a minha trajetória de estudos e também pela presença, dedicação e amor durante os momentos mais difíceis do meu tratamento. Sem vocês tudo teria sido muito mais difícil, foi por vocês que eu lutei e sobrevivi!

A minha querida irmã Maristela, agradeço imensamente pela disponibilidade, generosidade e dedicação com que me ajudou na compilação dos dados, gráficos, digitações e traduções!

Aos meus queridos amigos Warle e Josiane, muito obrigada pela amizade sincera e pelas correções e digitações!

As queridas professoras doutoras Nilda, Ludmila e Monique, por me aceitarem como orientanda, pelos valiosos ensinamentos e por tornarem esse sonho possível!

A querida professora doutora Nícea pela generosidade com que me aceitou como aluna especial em sua disciplina e por fazer parte da minha banca de Qualificação e Defesa!

Ao Centro de Convivência do Idoso e a todas as mulheres que participaram das entrevistas, muito obrigada pela confiança e por doarem seus preciosos tempos e depoimentos!

# RESUMO

COELHO, Lúcia Aparecida Martins Campos. *Nas telas de cinema e nas salas de dança de salão*: a vez e a voz das idosas. 2017. 121 f. Tese (Doutorado em Ciência do Exercício e do Esporte) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, foi inspirada na fruição do filme *Chega de saudade* (2008), de Laís Bodansky e foi composta por dois estudos, ambos norteados pelos mesmos fios condutores: o envelhecimento, a velhice e a dança de salão. O primeiro estudo caracterizou-se como um ensaio e teve como principal objetivo pensar a temática em e a partir da película fílmica de Bodansky. Para isso foram destacadas cenas e diálogos que nos possibilitaram refletir sobre tais questões, uma vez que o filme narra uma trama ambientada durante um baile para a "terceira idade". Concluímos que a dança de salão é protagonista do filme e que o envelhecimento é seu tema central. Bodansky traz para as telas uma variedade de gêneros musicais e danças, além de detalhes e situações típicas dos bailes de dança de salão. A velhice é assumida, mantendo-se em movimento e em busca do prazer sem, contudo, negar as suas (im)possibilidades e ambiguidades. O segundo estudo caracterizou-se como uma pesquisa de campo e foi realizada no contexto de um centro de convivência de idosos. A amostra foi composta por oito idosas que frequentavam as aulas de dança de salão da instituição pesquisada. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e observações das aulas, objetivando dar voz a essas idosas e apreender o que elas querem e pensam acerca da prática da dança de salão e da velhice. Após a realização da pesquisa de campo foi feita a análise dos dados, com a transcrição e síntese dos mesmos. Visando a aprimorar tais interpretações, complementamos as interpretações iniciais com os registros do diário de campo e as teorias pertinentes, desenvolvidas por estudiosos do tema. A pesquisa evidenciou a importância que as idosas atribuem à dança de salão, revelando ganhos advindos de sua prática, tanto nas esferas físicas, quanto nas psíquicas e sociais. Um dos pontos que se destacaram foram suas queixas acerca dos colegas homens que, segundo elas, são, além de poucos, extremamente seletivos na escolha das parceiras de dança e o outro ponto foi o enorme prazer que elas sentem ao dançar, bem como a satisfação com a atual fase de suas vidas. Foi possível perceber que, a partir do sentimento de solidão e liberdade experimentados nessa fase da vida, tais idosas, através da prática da dança de salão, se reinventaram. Em síntese, nas aulas de dança de salão, muito mais do que qualquer ensinamento técnico, interessa a essas idosas a companhia, o acolhimento, a alegria, a possibilidade de se distanciarem de seus problemas e a vivência do prazer e da liberdade, somente agora possíveis de serem vivenciados.

Palavras-chave: Dança. Envelhecimento. Filme. Pesquisa Qualitativa.

**ABSTRACT**

COELHO, Lúcia Aparecida Martins Campos. *On the movie screens and in the ballroom dance halls*: the turn and the voice of the elderly. 2017. 121 f. Tese (Doutorado em Ciência do Exercício e do Esporte) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

This qualitative research was inspired by Laís Bodansky's film *Chega de saudade* (2008) and was composed of two studies, both guided by the same conducting threads: aging, old age and ballroom dancing. The first study was characterized as an essay and had as main objective to think thematic in and from the film of Bodansky. For that we have highlighted scenes and dialogues that allowed us to reflect on such issues, since the film narrates a plot set during a dance for "old age." We conclude that ballroom dancing is the protagonist of the film and that aging is its central theme. Bodansky brings to the canvas a variety of musical genres and dances, as well as details and typical situations of ballroom dancing. Old age is assumed, keeping in motion and seeking pleasure without, however, denying its (im) possibilities and ambiguities. The second study was characterized as a field research and was carried out in the context of an elderly cohabitation center. The sample consisted of eight elderly women who attended the dance classes of the institution studied. Semi-structured interviews and classroom observations were carried out in order to give these elderly women a voice and understand what they want and think about the practice of ballroom dancing and old age. After the field research and the transcription of the data, their synthesis and analysis were done In order to improve such interpretations, we complement the initial interpretations with the field diary records and the pertinent theories developed by scholars of the subject. The research evidenced the importance that the elderly women attribute to the ballroom dance, revealing gains derived from their practice, both in the physical, as well as in the psychic and social spheres. One of the points that stood out was their complaints about their male colleagues who, according to them, are, in addition to a few, extremely selective in their choice of dance partners and the other point was the enormous pleasure they feel when dancing, as well as satisfaction with the current phase of their lives. It was possible to perceive that, from the feeling of solitude and freedom experienced in this phase of life, these elderly women, through the practice of ballroom dancing, reinvented themselves. In short, in the classroom dance classes, much more than any technical teaching, these women are interested in the company, the welcome, the joy, the possibility of distancing themselves from their problems and the experience of pleasure and freedom, only possible to be experienced now.

Keywords: Dancing. Aging. Motion Picture. Qualitative Research.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ingresso ..... 59
Figura 2 - Apoio ..... 60
Figura 3 - O que mais gostam de dançar ..... 68
Figura 4 - O que menos gostam de dançar ..... 69
Figura 5 - Como deve ser o professor ..... 70
Figura 6 - Críticas ..... 71

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Motivação para ingresso e permanência ..... 60
Quadro 2 - Relacionamentos ..... 69
Quadro 3 - Satisfação com os dias e horários..... 70
Quadro 4 - Ganhos..... 82
Quadro 5 - Sensações ..... 83

**SUMÁRIO**


**INTRODUÇÃO** ..... 10

1 **ESTUDO I: DOS SALÕES DE BAILE PARA AS TELAS DE CINEMA: PENSANDO A DANÇA DE SALÃO E O ENVELHECIMENTO EM E A PARTIR DE *CHEGA DE SAUDADE*, DE LAÍS BODANSKY** ..... 13

1.1 **Acendendo as luzes** ..... 14

1.2 ***In* cena** ..... 16

1.3 **Apagando as luzes** ..... 33

2 **ESTUDO II: PRIMEIRO AS DAMAS: A VOZ DAS IDOSAS DANÇARINAS** ..... 39

2.1 **Introdução** ..... 40

2.2 **Metodologia** ..... 41

2.2.1 Contextualização do campo empírico ..... 46

2.3 **Resultados e discussão** ..... 47

2.3.1 Damas: quem são e de onde falam? ..... 47

2.3.1.1 Damas: quem são e de onde falam? - sentidos e possibilidades ..... 52

2.3.2 Primeiros passos ..... 59

2.3.2.1 Primeiros passos: a voz das idosas ..... 61

2.3.2.2 Primeiros passos: sentidos e possibilidades ..... 64

2.3.3 Dançando ..... 68

2.3.3.1 Dançando: a voz das idosas ..... 71

2.3.3.2 Dançando: sentidos e possibilidades ..... 76

2.3.4 Ganhos e sensações ..... 82

2.3.4.1 Ganhos e sensações: a voz das idosas ..... 83

2.3.4.2 Ganhos e sensações: sentidos e possibilidades ..... 86

2.4 **Considerações finais** ..... 91

**CONCLUSÃO** ..... 98

**APÊNDICE A** ..... 103

**APÊNDICE B** ..... 118

**APÊNDICE C** ..... 120

# INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional e a dança de salão vivem hoje, no Brasil, momentos de intenso protagonismo. Quanto ao envelhecimento, atualmente observa-se uma diminuição relativa da população jovem, e um aumento proporcional de idosos que já corresponde a mais de 11% da população. Ainda segundo dados do DATASUS (BRASIL, 2012), aproximadamente vinte e um milhões de brasileiros têm hoje idade igual ou superior a sessenta anos e desse contingente cerca de 12 milhões são mulheres, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Em Minas Gerais a população idosa já ultrapassa a marca de dois milhões de mineiros e em Juiz de Fora/MG, segundo estudo realizado pelo Centro de Pesquisas Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (2012), o percentual de idosos já corresponde a 13,62% da sua população, fazendo dela um dos municípios brasileiros com o maior número de idosos.

No que tange à dança de salão brasileira, observam-se na atualidade a sua expansão e um aumento considerável do número de pessoas que a praticam, fenômeno este possivelmente explicado em função da sua maciça projeção na mídia, especialmente em programas de televisão. Nesses programas a mensagem veiculada quase sempre se refere aos inúmeros benefícios biopsicossociais da dança de salão para a saúde e qualidade de vida das pessoas, bem como da possibilidade de adequação desta modalidade de dança para todo e qualquer perfil de praticante, inclusive e principalmente por idosos. Quanto ao teor do discurso midiático acerca da dança de salão na velhice, constata-se um acentuado estímulo a sua prática por homens e mulheres de idade mais avançada, ficando explícita a mensagem de que a dança de salão contribui consideravelmente para um envelhecimento saudável.

Em Juiz de Fora/MG, também constata-se um aumento considerável do número de pessoas que praticam essa modalidade de dança, especialmente no que concerne o público idoso feminino. Nesse município, a prática da dança de salão não mais se limita às escolas específicas de dança, mas invade os mais variados espaços, como é o caso do Centro de Convivência do Idoso “Dona Itália Franco” (CCI). Segundo a professora de dança de salão do CCI, a referida instituição possui 112 alunos inscritos, sendo que 88 são mulheres e apenas 24 são homens. A partir desse cenário elegemos como um dos problemas de investigação dessa pesquisa: por que tantas mulheres buscam as aulas de dança de salão nesse local e o que elas querem e pensam acerca da dança de salão e da velhice?

A escolha do CCI como campo empírico foi motivada e considerada adequada devido ao mesmo ser uma instituição pública voltada para pessoas idosas e a mais representativa de Juiz de Fora/MG, tanto em tempo de existência, uma vez que ele foi criado em 1988, quanto em número de usuários, no caso cerca de 2.500 inscritos, sendo aproximadamente 2.000 mulheres e 500 homens, segundo informações da Coordenadora do CCI. Tal local também foi eleito para sediar o presente estudo devido ao mesmo oferecer, há mais de uma década, aulas regulares de dança de salão para os idosos.

A inspiração para esse estudo surgiu da fruição do filme *Chega de saudade*, de Laís Bodansky, que tem como tema central o envelhecimento dos frequentadores de um baile da "terceira idade", sendo a história ambientada em um clube de dança de salão de São Paulo, que abre suas portas ainda com a luz do sol, cerrando-as pouco antes da meia-noite, findando o baile e a trama de Bodansky. Assim sendo é também problema de investigação da presente pesquisa a seguinte questão: como esse artefato cultural e visual representa a dança de salão e o envelhecimento e como ele pode contribuir para pensarmos as questões que abarcam essa temática na contemporaneidade?

Para respondermos adequadamente aos dois problemas de pesquisa elencados, optamos por estruturar esta tese em dois estudos distintos, porém, ambos norteados pelos mesmos fios condutores: o envelhecimento, a dança de salão e a velhice. O primeiro estudo, assim definido por ter inspirado a realização da pesquisa de campo feita no CCI, caracterizou-se como um ensaio, intitulado **Dos salões de baile para as telas de cinema: pensando a dança de salão e o envelhecimento em e a partir de *Chega de saudade,* de Laís Bodansky**. Seu objetivo geral foi refletir sobre a dança de salão e o envelhecimento a partir da referida obra cinematográfica, tendo o seguinte objetivo específico: Destacar do filme *Chega de saudade* algumas cenas e diálogos que nos possibilitassem pensar a dança de salão e o envelhecimento na película fílmica e na contemporaneidade. Cabe aqui ressaltar que a realização desse ensaio foi fundamental para a imersão no campo empírico, contribuindo significativamente para o embasamento teórico da pesquisa.

O segundo estudo, configurou-se como um artigo, intitulado **Primeiro as damas: a voz das idosas dançarinas** e teve como objetivo geral ouvir e dar voz às idosas que frequentavam as aulas de dança de salão do Centro de Convivência do Idoso "Dona Itália Franco" (CCI), tendo os seguintes objetivos específicos:

- Identificar o perfil sociodemográfico e psicossocial das idosas que frequentam as aulas de dança de salão do CCI;

- Verificar como e quais as motivações para o ingresso e permanência das idosas nas aulas de dança de salão do CCI, bem como se elas tiveram ou não apoio de seus familiares;
- Evidenciar as opiniões das idosas acerca da atual fase de suas vidas e das aulas de dança de salão do CCI;
- Descrever os ganhos e sensações que a prática de dança de salão confere as idosas do CCI.

Para concluir a presente pesquisa, finalizamos tecendo as considerações finais, apresentando uma síntese dos dois estudos, apontando suas limitações e sugerindo novas possibilidades de pesquisas relacionadas ao tema. Informamos que após a apresentação dos dois estudos, julgamos necessário incluir uma concisa revisão da literatura acerca da dança de salão, do envelhecimento e da velhice, visando a contribuir para a contextualização e aporte teórico dos mesmos (Apêndice A).

Nesta pesquisa defendemos a seguinte tese: O Centro de Convivência do Idoso "Dona Itália Franco" configura-se, por intermédio da oferta das aulas de dança de salão, como *locus* privilegiado de reinserção, redimensionamento e reconstrução da vivência da velhice das idosas que ali praticam a dança de salão. Sendo assim, dar voz a essas mulheres, conhecendo os seus desejos e necessidades, é de suma importância para que os professores(as) de dança de salão, compreendam suas expectativas e possam melhor atendê-las e, consequentemente, motivá-las a continuarem praticando esta dança.

A relevância desta pesquisa reside também na possibilidade de dar visibilidade às idosas, por meio da escuta atenta e do registro fiel de suas vozes, pois, segundo Mercadante e Brandão (2009, p. 12) os trabalhos acerca do envelhecimento e velhice "falam sobre os idosos, de uma perspectiva externa a eles, mas não ouvem sua própria voz". As autoras afirmam ainda que os idosos, nessas pesquisas, frequentemente são vistos como meros "objetos de estudos", e muitas vezes suas falas surgem "codificadas e mesmo deturpadas" nos resultados dos trabalhos. Assim posto, a presente pesquisa justifica-se e mostra-se relevante, uma vez que, ao ouvirmos e priorizarmos a perspectiva e a palavra da mulher idosa, "podemos fortalecer a sua autoestima e sentido de pertencimento, trazendo a voz do ser ainda desejante, senhor de sua vontade" (MERCADANTE; BRANDÃO, 2009, p. 12). Esperamos que a sua execução possa fomentar e subsidiar reflexões e debates sobre a prática da dança de salão na velhice, contribuindo também para as áreas da Educação Física e da Dança.

# 1 ESTUDO I: DOS SALÕES DE BAILE PARA AS TELAS DE CINEMA: PENSANDO A DANÇA DE SALÃO E O ENVELHECIMENTO EM E A PARTIR DE *CHEGA DE SAUDADE*, DE LAÍS BODANSKY


## RESUMO

O presente ensaio teve como principal objetivo pensar a dança de salão, o envelhecimento e a velhice em e a partir do filme *Chega de saudade* (2008), de Laís Bodansky. Para isso foram destacadas algumas cenas e diálogos que nos possibilitaram refletir sobre tais questões, uma vez que o filme narra uma trama ambientada durante um baile para a “terceira idade”. Concluímos que a dança de salão é a protagonista do filme, bem como a importância dessa prática para os idosos. Concluímos também que o envelhecimento é seu tema central, retratado como uma velhice assumida, que se mantém em movimento e em busca do prazer sem, contudo, negar as (im)possibilidades e ambiguidades do envelhecimento e do próprio viver.


Palavras-chave: Dança. Filme. Idoso.


## ABSTRACT

The main objective of this essay was to think of ballroom dancing, aging and old age in and from the film Chega de saudade (2008), by Lais Bodansky. To this, some scenes and dialogues were highlighted to allow us to reflect on such issues, since the film narrates a plot set during a dance for "old age." We conclude that ballroom dancing is the protagonist of the film, as well as the importance of this practice for the elderly. We also conclude that aging is its central theme, portrayed as an assumed old age that keeps moving and in search of pleasure without, however, denying the (im)possibilities and ambiguities of aging and of living itself.


Keywords: Dancing. Motion Picture. Aged.

## 1.1 **Acendendo as luzes**

Este ensaio configura-se a partir de um artefato cultural, a narrativa fílmica brasileira intitulada *Chega de saudade*. O filme, do gênero drama, estreou no Brasil em vinte e um de março de 2008 e recebeu o Troféu Candango de melhor filme, roteiro e direção no Festival de Brasília. Com uma duração aproximada de 95 minutos, roteiro de Luiz Bolognesi e fotografia de Walter Carvalho, *Chega de saudade* teve a direção da cineasta Laís Bodansky, que nasceu em São Paulo, no dia 23 de setembro de 1969.

De acordo com a sinopse da obra, *Chega de saudade* é um filme que, com muita música e dança, conta, numa única noite, várias histórias vividas pelos frequentadores de um baile de "terceira idade". A história é ambientada num clube de dança de São Paulo, o salão *União Francesa*, iniciando-se com a luz do dia e finalizando pouco antes da meia-noite. Segundo Bodansky, a inspiração para a sua obra cinematográfica veio de um dos filmes de Ettore Scola, intitulado *O jantar* (1998), pois no mesmo toda a trama ocorre em uma única noite, enquanto que Bolognesi afirma que o roteiro de *Chega de saudade* foi influenciado por duas renomadas obras, a saber, *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, de Ecléa Bosi (1994) e *A Velhice*, de Simone de Beauvoir (1990). Bodansky também relata que antes mesmo de seu filme estruturar-se como um projeto bem definido, ela já estava certa de que teria como personagem um salão de dança, pois o considera uma metáfora da vida, um verdadeiro mosaico de personagens fantásticos, onde o desejo pulsa e a sensualidade transborda. A cineasta afirma ainda que sempre gostou de dançar e de frequentar casas de dança, sendo que o que mais a encanta nos frequentadores de bailes são suas atitudes de sair do casulo e partirem em busca de momentos felizes. Segundo a cineasta, ao dançar, o indivíduo experimenta uma sensação de vida e plenitude.

O envelhecimento humano é o principal tema da narrativa fílmica de Bodansky, o que ela deixou claro quando optou por não disfarçar as marcas do tempo impressas nos corpos de seus personagens. Durante toda a trama a cineasta fez questão de exibir as manchas, as marcas e as rugas dos atores e atrizes, evidenciando o desejo de induzir-nos a uma reflexão sobre como lidamos com a passagem do tempo e com a finitude.

Quanto ao título do filme o mesmo nos remete, inicialmente, aos tradicionais "bailes da saudade", que são eventos dançantes destinados a um público composto por pessoas mais velhas, porém, quando atentamos melhor para o seu possível sentido, percebemos que ele, já a partir daí, faz visível a proposta de Bodansky no que concerne ao envelhecimento e velhice.

*Chega de saudade* quer evidenciar a opção dos idosos dançarinos por viver o presente, libertando-se da nostalgia, saudosismo e da possibilidade de viver apenas a partir de um passado, onde a alegria e o prazer somente são possíveis no pretérito, “no meu tempo”. As imagens da capa do filme também explicitam as intenções da cineasta, pois nela predominam corpos enlaçados, sorrisos e uma profusão de cores quentes, sugerindo alegria e movimento.

O elenco do filme é composto por grandes nomes da história da televisão e do cinema brasileiro e é resultado de mais de quatro anos de produção e pesquisa sobre o universo e os personagens dos salões de baile. *Chega de saudade* revela os dramas e as alegrias vividos por alguns núcleos de personagens, dentre eles, o casal Marici e Eudes, interpretados respectivamente por Cássia Kiss e Stepan Nercessian que, no decorrer do baile, manifesta interesse pela jovem Bel, namorada do DJ Marquinhos, interpretados por Maria Flor e Paulo Vilhena. Paralelamente acompanhamos a história do casal Alice (Tônia Carreiro) e Álvaro (Leonardo Villar), que enfrentam as limitações impostas pela idade, bem como as histórias das amigas Elza e Nice, interpretadas por Bety Faria e Mírian Mehler e de Ernesto (Luiz Serra). Também presentes na trama, um casal de dançarinos de tango de meia-idade, o argentino Hugo (Raul Bordale) e a sedutora Rita (Clarisse Abujamra), que vivenciam intensamente suas vibrantes libidos; além de um triângulo amoroso vivido por Vágner, a esposa Liana e a amante Aurelina, interpretados por Domingos de Santis, Marly Marlei e Conceição Senna. O grande, gordo e suado Ferreira (Beno Bider), dança sozinho e feliz durante toda a noite, e Gilson, o simpático garçom, interpretado por Marcos Cesana, acompanha de perto o que acontece com os demais personagens do filme.

De acordo com Bodansky, a criação de um clima de proximidade e intimidade entre espectador e personagem foi um dos principais objetivos do filme *Chega de saudade*, objetivo aparentemente alcançado, a julgar pelo relato de uma mulher de 50 anos, que após assistir a uma sessão teste do filme disse que se sentiu extremamente íntima de cada personagem e profundamente sensibilizada com suas histórias e sentimentos. Tal relato nos faz refletir acerca das possibilidades pedagógicas do discurso cinematográfico, nos remetendo a Fabris (2005, p. 21), que afirma que as narrativas fílmicas “nos interpelam de um modo avassalador, porque não dispensam o prazer, o sonho e a imaginação”. Suas histórias “mexem com nosso inconsciente, elas embaralham as fronteiras do que entendemos por realidade e ficção”.

Sendo assim o presente ensaio teve como principal intuito pensar a dança de salão, o envelhecimento e a velhice em e a partir do filme *Chega de saudade* (2008), de Laís Bodansky. Para que esse objetivo fosse atingindo (re)visitamos atentamente a película em questão e selecionamos algumas cenas e diálogos que possibilitassem diferentes

problematizações acerca do tema central do presente estudo, utilizando como suporte para a análise alguns elementos da linguagem cinematográfica, tais como, figurino, cenário, texto, iluminação, sons, ângulos de câmera e enquadramentos (BULLARA; MONTEIRO, 1991; BERNARDET, 2006; SENTA, 2012). Feito isso, tomando como referência a nossa experiência no ensino da dança, buscamos, respaldadas por uma bibliografia específica, promover um diálogo entre teoria e prática, evidenciando uma das possibilidades de utilização e potencialidades do cinema, entendendo-o, como uma "importante instância pedagógica da contemporaneidade" (LOURO, 2011, p. 11).

## 1.2 ***In* cena**

O filme *Chega de saudade* inicia-se com um plano detalhe[1], no qual a câmera focaliza parte das pernas e os pés de um homem e de uma mulher que juntos caminham em direção a um estabelecimento. Ela, de saia esvoaçante estampada e de sandálias de salto alto, e ele, de calça e sapatos sociais, nos dão indícios de que este será um filme onde relações de gênero estarão presentes. A seguir vemos, em mais um plano detalhe, o relógio de pulso de um homem grisalho e com muitas rugas no rosto. São 16h e 35 min. Interessante também atentarmos para o cartaz exibido atrás do homem: nele vemos a imagem de uma jovem mulher, o que poderíamos interpretar como um indício de que não só relações de gênero estarão presentes nesta narrativa fílmica, mas também o envelhecimento aí será abordado.

Quanto ao envelhecimento, *Chega de saudade* trata o tema sob uma perspectiva diferenciada, indo além dos estereótipos ainda existentes acerca desta fase da vida, que liga a velhice à tristeza, à solidão e à doença, bem como do estereótipo que atualmente encontra-se em circulação, que é a imagem do idoso extremamente feliz, saudável e jovial (LIMA; LOPES, 2011). O que Bodansky exibe em sua película é a velhice como mais uma das fases da vida, nem pior e nem melhor que as demais. Durante toda a sua narrativa a cineasta deixa

[1] Planos de câmera é toda imagem que aparece na tela, sendo os mesmos nomeados de acordo com a distância da câmera até o objeto ou personagem que a mesma registra. Utilizados intencionalmente para mostrar algo, os planos recebem profissionalmente uma variada terminologia, que longe de ser rígida, apresenta inúmeras variações. Quanto ao plano detalhe este é utilizado para evidenciar um determinado detalhe do personagem ou objeto em cena, sendo que ao priorizá-los, o plano detalhe direciona, conduz e induz o espectador a interpretar uma cena (BERNARDET, 2006; BULLARA; MONTEIRO, 1991).

claro, através do frequente uso do *close-up*[2] e do plano detalhe, os sinais de envelhecimento dos personagens, evidenciando assim a beleza, a elegância e a sensualidade de seus corpos maduros, que simplesmente vivenciam, a seus modos, mais uma tarde/noite de suas vidas. De acordo com Louro (2011, p. 20), em *Chega de saudade*, os idosos "não se travestem de jovens, não os imitam [...]. Suas músicas, roupas, gestos, seus namoros e até suas brigas têm seu próprio estilo. Não parecem pretender qualquer revolução, só querem curtir a vida".

No que diz respeito ao envelhecimento, atualmente constata-se um grande aumento da população idosa em todo o mundo. No Brasil, o envelhecimento populacional passou a ser uma preocupação, tornando-se tema e foco de estudos acadêmicos e das políticas públicas, pois, segundo Bezerra, Almeida e Nóbrega-Therrien (2012), o número de brasileiros com idade acima de sessenta anos ultrapassou a marca de 20 milhões em 2010, sendo estimado que em 2020 essa marca alcance 32 milhões de idosos. Tal fato pode ser em parte explicado pela queda da natalidade e da mortalidade, bem como pelo aumento da expectativa de vida da população, que foram impulsionados, sobretudo, pelos avanços da ciência e da tecnologia. Ferreira, Corrêa e Banhato (2010) afirmam que o progresso da farmacologia, bem como o desenvolvimento de novas e sofisticadas técnicas de exames laboratoriais e de imagens, além do maior acesso à assistência médica, ao saneamento básico e aos programas de vacinação e prevenção de doenças, em muito contribuem para aumentar o ciclo vital humano.

Porém, percebe-se que, apesar da longevidade representar um ganho para a população e uma conquista para a ciência, prevalece na sociedade ocidental contemporânea uma concepção sombria e negativa do envelhecimento. Paradoxalmente, todos querem viver muito, mas, postergam, ao máximo, o envelhecimento, negando e renegando a velhice (COUTO, MEYER, 2011). No que concerne a esta afirmação, Delboni e colaboradores (2013, p. 203) afirmam que a mídia pode acentuar a preocupação frente ao envelhecer, contribuindo para o surgimento de uma determinada fobia: a gerascofobia.

> Para o gerascofóbico o despertar da doença é pertinente a um temor do que lhes espera na maturidade, com isso cria-se um medo do decorrer do ciclo da vida, não compreendendo de forma natural as consequências que o processo de envelhecer aborda, arriscando de diversas maneiras retardar os sinais da velhice. Percebe-se, então, a presença de sintomas fisiológicos reais de ansiedade patológica, que se caracteriza de um medo exacerbado, podendo afetar a vida de um indivíduo, causando tensões, angústias e preocupações exageradas, levando à busca, a qualquer custo, da "fonte da juventude", sem considerar os riscos relacionados a essa prática.

[2]O *close-up*, muito utilizado na teledramaturgia e filmes românticos, é um tipo de plano essencialmente emotivo, que proporciona intensa proximidade afetiva com o personagem. Enquadra o rosto e ressalta completamente o personagem, dissolvendo todo o espaço (BERNARDET, 2006; BULLARA; MONTEIRO, 1991).

Segundo Neri (2007, p. 40), a utilização de certas formas de tratamento, aparentemente carinhosas e coloquiais, como, “velhinho”, “vovozinha” e “tia”, assim como a utilização de alguns termos como “terceira idade”, “melhor idade”, “maior idade”, são meros eufemismos, que “no fundo servem para mascarar a rejeição da velhice”. Ainda sobre o envelhecimento na contemporaneidade, é importante nos remetermos a Almeida (2003), que afirma que estamos passando por um período de acirramento da vivência da juventude como modelo de ser e de agir, logo, quem é classificado como velho deve buscar, antes de tudo, o “sentir-se jovem”, na medida em que a juventude não somente é um valor em nossa sociedade, como também é algo que “deve ser perseguido como um ideal” (MASSENA, 2006).

Na noite de estreia de *Chega de saudade*, na qual estivemos presentes juntamente com outros professores de dança de salão, ficamos perplexas com os posicionamentos dos mesmos, que veementemente afirmaram que ali não estava devidamente representada a dança de salão e que o filme desvalorizava e denegria a sua imagem. Só mais tarde, ao iniciarmos os estudos sobre o envelhecimento humano compreendemos o que se passara naquela noite: ver a velhice, ainda que alheia, assusta, desconforta e amedronta, pois ela nos remete à nossa própria velhice e finitude (CONCONE, 2007).

No que concerne à morte, Rodrigues (2011, p. 382) afirma que na atualidade tem ocorrido uma crescente dificuldade de aceitação da mesma, afirmando também que para a nova mentalidade, a morte só pode atingir os idosos (as), gerando nos “não velhos” uma sensação de serem “dispensados de pensar e falar” sobre ela. O autor afirma ainda sobre a atual imposição de silêncio em relação à morte, alertando para o fato de ela ter sido deslocada do aconchego da família para a impessoalidade e frieza dos asilos e hospitais, ficando o morto a cargo das empresas funerárias, que rapidamente realizam os enterros em discretas sepulturas de cemitérios que mais lembram agradáveis parques. Tudo isso “para que a morte seja maquiada e tenha escondida a sua fisionomia”.

Quanto ao posicionamento dos professores, também entendemos, a partir das nossas leituras, que atrelar a imagem da dança de salão ao envelhecimento pode desvalorizar tal prática, uma vez que “para a sociedade, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar”. (BEAUVOIR, 1990, p. 8).

A este ponto julgamos necessário contextualizar brevemente a dança de salão. Quanto às origens da dança de salão, Perna (2001, p. 11) afirma que o surgimento desta dança ocorreu na Europa, na época do Renascimento, tornando-se, desde o século XV, uma forma de lazer muito apreciada pelos nobres e também pela plebe. Ele também nos informa que a dança de

salão chegou ao Brasil no século XVI, sendo trazida pelos portugueses e, posteriormente, pelos imigrantes de outras nacionalidades europeias que aqui chegaram. O autor ainda afirma que a dança de salão também é conhecida pelo nome de dança social, por propiciar o estreitamento das relações sociais de quem a pratica, afirmando também que o termo "salão" encontra justificativa na necessidade de salas grandes para a sua realização.

Segundo Volp, Deutsch e Schwartz (1995), a dança de salão é uma atividade realizada aos pares, sendo a mesma típica de reuniões sociais, podendo ser executada com ou sem técnica, com o intuito de entretenimento ou competição. Nela o casal, estabelecendo entre si algum contato corporal, executa, por meio da condução de um dos integrantes da dupla, uma série de movimentos e deslocamentos, sempre realizados no sentido anti-horário do salão. Geralmente o bolero, o samba, o forró e o soltinho são os gêneros musicais mais frequentemente ensinados pelos professores em suas aulas, sendo também os mais presentes nos bailes de dança de salão. Porém, apesar de menos frequentes, outros também se fazem presentes nos bailes e aulas de dança de salão, como é o caso da valsa, da salsa, do *zouk* e do tango, sendo estes, normalmente, mais desenvolvidos em aulas específicas e bailes temáticos.

No caso do filme *Chega de saudade*, Bodansky nos faz deslizar pelo salão nos braços de seus personagens, dançando com eles desde o romantismo de um bolero, à malemolência de um samba e a alegria de um forró, até a sensualidade ardente do tango argentino, cabendo ao bailarino e coreógrafo de dança, J.C Violla, a tarefa de dirigir os dançarinos no decorrer da trama. Violla afirma ter desempenhado tal função lançando mão de uma direção que conseguisse dar um conjunto ao grupo, mas que não limitasse a individualidade de cada dançarino, pois, segundo o coreógrafo, normalmente os frequentadores de bailes não seguem cartilha, eles dançam naturalmente, com espontaneidade, realizando pouca variação de passos e dançando todos os gêneros musicais quase que da mesma forma. Tal afirmação é verdadeira e pode ser facilmente constatada observando as performances dos casais nos bailes destinados a um público mais idoso, pois, apesar de ser possível reconhecer nas pistas uma movimentação típica do universo da dança de salão, é muito comum identificar passos típicos de um determinado gênero musical sendo repetidos em outros.

A mídia brasileira, em especial a televisiva, tem divulgado amplamente a dança de salão, seja através das telenovelas ou de suas demais programações. Um dos quadros de um programa dominical da Rede Globo de Televisão, intitulado "A Dança dos Famosos", por exemplo, há vários anos exibe uma competição de dança, na qual vários "famosos(as)" são convidados(as) a se apresentarem semanalmente, junto com um professor ou professora de dança. É consenso entre os profissionais da dança de salão que tal programa tem sido

responsável pela crescente popularização da mesma e pelo aumento dos seus praticantes que, movidos pelo desejo de “fazer bonito como na TV”, tem lotado as escolas de dança de salão de todo o Brasil.

Tal público é composto por pessoas de todas as idades, cabendo aqui ressaltar, que ao contrário de alguns anos atrás, tem sido cada vez mais expressivo o número de jovens que tem buscado as aulas de dança de salão. Acreditamos que a origem de tal fenômeno possa estar no fato de a televisão estar desconstruindo um imaginário popular que atrelava a dança de salão à “terceira idade”, o que possivelmente vem em muito contribuir para o surgimento de uma dança a dois, cada vez mais técnica, acrobática e dinâmica, na tentativa de adequar-se ao jovem público que chega às salas de aulas. Percebemos também que não só a dança de salão, como também os profissionais que com ela trabalham ganharam um maior *status* social, proliferando e diversificando os locais de tal prática.

Não é nosso objetivo fazer uma reflexão sobre os possíveis efeitos positivos ou negativos da midiatização da dança de salão, mas, sim, buscar subsídios que nos ajudem a compreender os possíveis motivos que levaram os colegas de profissão a considerarem que o filme *Chega de saudade* desvalorizava e denegria a imagem da dança de salão. Encontramos em Lovisolo (2006) uma possível justificativa, na medida em que ele afirma que em nossa sociedade predomina um discurso de valorização de ideais de juventude, de beleza e de saúde. Talvez tal afirmação também nos leve a compreender o atual *status* social adquirido pela dança de salão, bem como entender a sua crescente popularização.

Embasadas em Beauvoir (1990) que afirma que se os velhos manifestam os mesmos desejos, sentimentos e reinvindicações dos jovens, eles escandalizam e que neles o amor, o ciúme e a sexualidade se fazem ridículos e repugnantes, talvez possamos compreender porque nossos colegas de profissão, ao assistirem *Chega de saudade*, se incomodaram tanto com determinadas cenas do filme. Destacamos aqui a cena em que Rita, uma misteriosa e sensual dançarina de meia-idade se masturba no banheiro após dançar um tango com o argentino Hugo, citando também a ardente cena deste mesmo casal numa das mesas do salão de baile, por ocasião de uma queda da luz elétrica. Perguntamo-nos se os jovens colegas de dança de salão teriam a mesma reação se na cena em questão os amantes fossem um jovem casal. Possivelmente não, pois, segundo Lima e Lopes (2011), em nossa sociedade a sexualidade na velhice ainda é um tabu. Em nosso meio ela é um privilégio, na maioria das vezes, apenas concedido aos jovens, sendo a eles não só autorizada, como também valorizada e estimulada (COSTA, 2012).

Segundo Gregersen (1983, p. 179), mesmo com as novas concepções ideológicas de sexualidade dos últimos tempos, a relação da sexualidade com a cultura é ainda bastante complexa, pois que "[...] os aspectos culturais podem modificar-se drasticamente, porém talvez a cultura da sexualidade seja mais estável do que se suponha". Sendo assim, é extremamente comum ouvirmos cruéis comentários de jovens frente a qualquer manifestação de sensualidade e sexualidade de pessoas mais velhas, ridicularizando-as e até mesmo demonstrando repugnância diante dessa visão. Negreiros (2004) afirma que até nos dias atuais observa-se uma pressão social dos jovens, especialmente de filhos e netos, para que seus pais e avós se mantenham "em seus lugares", "se enxerguem", "tenham autocrítica". Frequentemente espera-se que os mais velhos apenas abram portas para o recolhimento, fechando-as completamente para os prazeres, romances e aventuras (NEGREIROS, 2004, p. 83).

Encontramos em Sibilia (2012, p. 152) a afirmação de que a aversão provocada por filmes que exibem cenas eróticas protagonizadas por mulheres e homens velhos podem ser explicadas não apenas pela nudez de seus corpos e na intensidade de seus atos sexuais, mas, sim, no fato de os filmes desafiarem "a rígida moral vigente, que impõe as tiranias do aspecto juvenil obrigatório e condena à invisibilidade tudo aquilo que ousa se distanciar dessa norma tão tenaz". Não seria também essa afirmação uma das motivações para a polêmica e repúdio expressos por alguns profissionais da dança de salão, mediante determinadas cenas eróticas do filme *Chega de saudade*? Possivelmente sim, pois, ainda segundo a autora acima citada, o corpo velho não deve ser exibido. "Assim em meio a uma crescente tirania das aparências juvenis, a velhice é censurada como algo obsceno e vergonhoso, que deveria permanecer oculta, e sem ambicionar a tão cotada visibilidade" (SIBILIA, 2012, p. 149-150). A autora afirma também que atualmente ninguém tem o direito de envelhecer e que em especial são as mulheres que mais sofrem com tal proibição.

> Não surpreende que nenhuma mulher queira virar "coroa", pois o dinâmico mundo contemporâneo não cessa de martelar que ninguém pode ficar velho - ou, pelo menos, ninguém deveria se deixar vencer por essas forças obscuras que com tanta insistência nos assediam. Nessa luta, tudo ou quase tudo vale. Inclusive, e muito curiosamente numa cultura que se considera "hedonista" como a nossa, cabe também o sacrifício da própria vida, seja o mais minúsculo e cotidiano ou o derradeiro e fatal, que se constata nas mortes por complicações em cirurgias plásticas, consumo de anabolizantes e excessos nos exercícios físicos ou dietas (SIBILIA, 2011, p. 106).

A partir da afirmação acima citada, podemos inferir que as dificuldades vivenciadas pelas mulheres, em especial no que tange às das camadas médias, não terminam com o fim de

suas vidas adultas, mas, sim, cruelmente insistem em perdurar em suas velhices, já que delas "tradicionalmente foram cobradas juventude e beleza" (MOTTA, 2006, p. 229), e dos homens, como não lhes são solicitadas qualidades passivas de um objeto, as modificações de seus rostos e corpos não prejudicam suas possibilidades de sedução (BEAUVOIR, 1980, apud MOTTA, 2006, p. 229). Assim é muito frequente ouvirmos dizer que um homem de cabelos grisalhos é um "coroa charmoso", ao passo que uma mulher nessa mesma condição, normalmente é considerada como uma "velha desleixada".

"Velha safada, nojenta...!", foi o comentário que mais nos deixaram perplexas na noite de estreia do filme *Chega de saudade*, nos remetendo à Risman (2005), que afirma que, fruto de uma série de comportamentos e regras existentes desde a Antiguidade, a sociedade frequentemente considera que a mulher que envelhece "aposenta" seus desejos, tornando-se assim assexuada. Mas não é isso o que vemos representado na narrativa fílmica de Laís Bodansky, uma vez que a cineasta apresenta-nos uma mulher que, transbordando sensualidade, chega sozinha a um baile, toma a iniciativa de dançar e de se relacionar sexualmente com um homem e que, satisfeita, paga a conta e parte novamente só. Os contínuos planos detalhes das sandálias pretas e altas da dançarina de tango nos remete à sua ardente sexualidade e transgressão, uma vez que, segundo Lexikon (1990), o sapato associa-se ao simbolismo fálico do pé e à liberdade, visto que, na Antiguidade, andar calçado era um privilégio somente dos homens livres. Os sapatos, que segundo Souza (2009, p. 8), simbolizam a vagina e também o pênis ausente na mulher, também simbolizam a fecundidade e a liberdade.

A este ponto consideramos importante ressaltar que durante toda a trama de Laís Bodansky, ela também nos induz a observar por inúmeras vezes os pés e os sapatos dos dançarinos, o que nos leva a refletir sobre a sensualidade que permeia a dança de salão, como também para uma forte representação de feminilidade e masculinidade aí presentes. No decorrer do filme vimos os homens usando exóticos sapatos, com saltos diferenciados e cores variadas, sendo emblemática a presença dos sapatos brancos e bicolores dos "pés-de-valsa". Quanto às mulheres, as dançarinas menos idosas exibem nos pés sandálias de saltos mais altos, revelando assim não só a sensualidade pulsante de seus corpos, como também uma maior habilidade corporal e o domínio da técnica da dança de salão, visto que, em tal prática, as dançarinas iniciantes ou mais velhas, quase sempre fazem uso de sapatilhas ou de sapatos mais confortáveis e baixos.

Interessante também nos reportarmos ao plano detalhe dos pés dos dançarinos que derramaram no chão um pó esbranquiçado e esfregaram nele as solas de seus sapatos,

revelando assim o alto grau de intimidade de Laís Bodansky para com os salões de bailes. Tal produto é conhecido no universo da dança como “breu”, sendo muito utilizado pelos dançarinos quando a pista de dança ou os seus sapatos estão excessivamente escorregadios, o que representa um perigo, já que giros e rodopios são extremamente frequentes na execução da dança de salão.

Quanto à cena do filme que apresenta o casal dançando um tango, queremos destacar a atitude de Ferreira, o homem grande, gordo e suado que dançava sozinho e feliz, ao utilizar uma lanterna para iluminar os pés do casal. Sua atitude desvenda não apenas os passos executados pelos dançarinos, mas também nos oferece indícios de que, assim como a luz simbolicamente representa a vida, a sensualidade presente naqueles pés e pernas que habilmente dialogam, é o que ilumina a vida, nos fazendo refletir sobre a existência e importância da sexualidade em qualquer fase da vida. Nesse sentido, percebemos que o filme *Chega de saudade* apresenta a sexualidade na velhice com naturalidade e sem falsos pudores, visto que, ao longo de toda a trama, a sensualidade transborda na tela, emergindo dos mais variados lugares e situações, seja “nos olhares, nas falas, nos rostos colados, nos passos e pernas que se entrecruzam, nos corpos que se encostam e se embalam” (LOURO, 2011, p. 12). Deste modo Bodansky quer desconstruir um imaginário ainda muito presente em nossa sociedade, que é a de que homens e mulheres idosos não possuem desejos e nem vida sexual.

No início de *Chega de saudade*, vemos surgir na tela uma Marajó, velha e mal cuidada, que subitamente para na entrada do salão de baile e vemos dela sair um jovem e uma jovem. Trata-se de Marquinhos e Bel, um casal de namorados, sendo ele o DJ responsável pela sonorização do evento e ela, sua acompanhante. Após descarregar, apressadamente e com visível mau humor, seus equipamentos, Marquinhos dá partida no seu veículo, saindo em busca de um local para estacioná-lo. A namorada aguarda o seu retorno. Tem-se neste momento um *close-up* da jovem Bel, evidenciando seu rosto jovem e liso. Ela observa a chegada de um táxi. Dentro do veículo, um homem e uma mulher. É Alice e Álvaro, um casal de idosos que chega para o baile. Novamente, em um plano detalhe, vemos parte de pernas e pés. Só que desta vez não vemos pés caminhando firmes e ágeis, mas, sim, pés marcados pela lentidão e imobilidade. É Alice que se prepara para descer do veículo, terminando de calçar as sandálias baixas e Álvaro, rabugento, criticando a parceira, que sai do carro exibindo o pé esquerdo imobilizado por uma bota ortopédica. Bodansky mais uma vez fornece aos espectadores, contínuas e constantes pistas de que em sua trama estarão presentes questões de gênero e envelhecimento.

Já nesta cena do filme, somos levados a refletir sobre os estereótipos que cercam a velhice. Bodansky apresenta-nos dois casais fisicamente bem distintos, induzindo-nos a traçar um paralelo entre juventude e velhice. Diferente do que poderíamos ser levados a pensar, a cineasta exibe não apenas o homem idoso como "o rabugento", mas também apresenta o jovem rapaz igualmente mal humorado, levando-nos a (re)pensar mais uma das representações de velhice elaboradas no decorrer dos tempos e que ainda persiste em nossa sociedade, na qual os idosos frequentemente são representados como chatos, insatisfeitos, pessoas que sempre reclamam de tudo.

Auxiliados pelo amigo Eudes, um homem de meia idade, o casal de idosos, Alice e Álvaro, sobe com dificuldade as escadarias do prédio que levam ao interior do salão. Duas mulheres, também de meia idade, as amigas Elza e Nice, vestidas com "roupas de festa" fazem o mesmo, sendo Elza a mais sorridente e animada. Na portaria uma mulher vende os ingressos do baile. Mais um plano detalhe é utilizado no filme, desta vez temos a focalização das mãos da recepcionista e podemos perceber nelas as marcas do envelhecimento. Outros homens e mulheres sobem as escadas, bem como o jovem casal de namorados que levam consigo os equipamentos de som. A jovem, como podemos perceber nas imagens e no diálogo com o namorado, demonstra grande insatisfação com o evento, dando mostras de apenas cumprir o papel de acompanhante em mais uma das noites de trabalho do DJ. Isso nos levar a refletir sobre a resistência e a dificuldade que alguns jovens demonstram no convívio com os velhos.

É através do olhar admirado de Nice que vemos, pela primeira vez, o salão de baile. A câmera, em um plano geral[3], nos apresenta o ambiente e o que vemos é uma profusão de cores e movimentos, que nada lembram, segundo Mendonça e Senta (2012), os estereótipos que relacionam a velhice a um lugar triste, solitário e feio. Vários casais, aparentando mais de 50 anos, ao som de uma música alegre e alta, dançam em uma grande sala de tacos encerados. Pessoas se (re)encontram e conversam animadamente. Novamente a câmera utiliza-se do recurso do *close-up*, direcionando-nos no sentido de perceber a expressão de verdadeiro deslumbre e encantamento presentes no rosto marcado e envelhecido de Nice. É a primeira vez que aquela mulher vai a um baile de dança de salão, o mesmo acontecendo com Bel, que observando tudo vagueia surpresa pelo salão: *"É tão animado o baile, eu achava que era...*

[3] O Plano geral ressalta o espaço e dissolve o personagem, proporcionando uma dimensão mais inteligível da cena. É utilizado pelo diretor para passar uma referência mais específica do local onde ocorre a ação, possibilitando uma visão mais abrangente da cena (BERNARDET, 2006; BULLARA; MONTEIRO, 1991).

*não sei... que a música fosse mais antiga, sabe"?*[4] Podemos perceber nesta fala de Bel, bem como em sua tentativa de fotografar um casal de idosos que se beijam, o grau de distanciamento e desconhecimento dos jovens no que diz respeito à realidade de pessoas mais velhas, percebendo mais uma vez a existência de uma série de estereótipos relacionados ao envelhecimento.

Tal fato nos remete às várias vezes que levamos jovens alunos aos bailes de dança de salão e que presenciamos cenas parecidas, ouvindo deles semelhantes comentários. Faz também com que reflitamos sobre o quanto pode ser benéfica a prática da dança de salão por pessoas mais jovens, visto que assim elas têm a oportunidade de conviver com pessoas de meia-idade e idosos, quer seja nas aulas regulares de dança de salão, quer seja nos salões de bailes onde vão exercitar os passos aprendidos. Acreditamos que tal convivência em muito colabore para uma maior aceitação da velhice e também para a desconstrução de estereótipos relacionados a esta fase da vida.

Ao se dirigir ao DJ Marquinhos, a fala do gerente do salão ao ver Bel de calças compridas: *"E essa rapariga? Você não sabe que mulher não pode entrar aqui de calça?"* nos faz, mais uma vez, atentar para as diversas marcas de gênero presentes na narrativa fílmica de Bodansky, como também para aquelas presentes no universo da dança de salão, pois que, percebe-se que são bem evidentes nos figurinos dos dançarinos os "símbolos de masculinidade e feminilidade tradicionais, como as saias e os adereços, para as mulheres; ou o paletó e a gravata em certos bailes, para os homens, que atuam como marcadores sociais de gênero" (MASSENA, 2006, p. 66).

Tal episódio também nos remete às várias marcas de gênero ainda presentes nas aulas de dança de salão, pois, apesar de o modelo impregnado de significações masculinas já apresentar rupturas (FEITOZA, 2012), quer seja nas aulas, quer seja nos bailes de dança de salão, as marcas de gênero ainda são aí muito explícitas. Nelas homens e mulheres encontram tempo e espaço para vivenciarem seus esperados papéis de "cavalheiros" e 'damas', bastando lembrar que nesta prática ainda é assim que frequentemente os mesmos são chamados. Ao "cavalheiro" é dado o direito de escolher os passos a serem dançados pelo casal, bem como a responsabilidade da condução da dança. Às "damas" cabe uma atitude bem menos ativa, que inclui não só a aceitação dos movimentos conduzidos, como também a espera do convite de um homem para dançar.

[4]Para diferenciar das demais citações, as falas dos personagens serão exibidas em itálico e entre aspas.

Porém, ao analisarmos tais fenômenos não devemos adotar uma atitude simplista, pois em Massena (2006, p. 49-50) temos a afirmação de que a concepção de que "o homem atua exclusivamente como agente, como aquele que pratica a ação, e a mulher unicamente como paciente ou receptora, sofrendo essa ação parece equivocada", uma vez que, muito embora na dança de salão, o homem assuma um papel ativo, "aquele que decide com quem vai dançar, quando e os passos a serem efetuados, a dinâmica estabelecida entre o casal que dança não pode ser sintetizada como uma via de mão única" (MASSENA, 2006, p.49-50).

> Na cultura brasileira, como em tantas outras, por muito tempo, coube ao homem o direito (e o dever) de decidir e mandar e à mulher cabia seguir e obedecer. Isso pode ser mudado, pelo menos em parte. Mas nem antes e nem agora essas posições foram ou são fixas. O emparelhamento do binômio masculino/feminino ao binômio atividade/passividade é, de qualquer modo, uma falácia. As posições podem ser embaralhadas e cambiantes e, antes disso, há que reconhecer que os polos masculino e feminino estão longe de ser, em si mesmos, homogêneos ou singulares. Os jogos de poder são sempre complexos (LOURO, 2011, p. 17).

Contudo, tais particularidades da dança de salão nos leva a refletir se, ainda que a presença masculina na dança de salão seja consideravelmente menos expressiva quando comparada à feminina, não seriam os binarismos de gênero ainda aí tão presentes, um dos responsáveis pela maior procura de homens pela dança de salão quando comparada a outros estilos de danças, visto que persiste em nossa sociedade a ideia de que dançar é coisa de mulher e de homossexual (MARQUES, 2003, p.39).

Ainda em relação às marcas de gênero presentes nas aulas de dança de salão, consideramos importante ressaltar também a maior valorização dada aos homens nesta prática, visto que, amparados por um discurso que considera ser o papel masculino o mais difícil, pois além de saber executar os seus passos, o homem deve aprender a conduzir a mulher, os professores frequentemente dispensam a eles mais tempo e atenção, chegando a oferecer-lhes bolsas e descontos nas mensalidades, para garantir uma maior presença masculina em suas aulas. Sendo assim, é preciso que os professores (re)avaliem suas atitudes, entendendo que não é mais possível e nem desejável que continuemos a desenvolver os princípios e conteúdos da dança de salão seguindo rigidamente seus antigos modelos, sendo fundamental debatermos no decorrer das nossas práticas, as marcas de gênero aí presentes, incluindo nesta discussão, por exemplo, questões relativas à origem do fenômeno da condução masculina (ZAMONER, 2005), pois, segundo Hanna (1999, p.27) "quer como rito ou acontecimento social, quer como arte de teatro, a dança tem uma capacidade importante e ainda pouco reconhecida para nos mobilizar e persuadir sobre o que é ser homem ou mulher".

Corroborando com essa ideia temos, assim, em Marques (2003, p. 26), a afirmação de que “ao contrário de uma visão histórica ingênua de que a dança não passa de uns passinhos a mais ou a menos na vida das pessoas, hoje não podemos mais ignorar o papel social, cultural e político do corpo em nossa sociedade e, portanto, da dança”. Ainda em Hanna (1999, p.344), encontramos a afirmação de que, prazerosa de se praticar, certamente a dança não precisa, fora dela mesma, de desculpas ou pretextos para ser executada, podendo ser “um fim em si mesma”, porém, nada impede que a dança também seja um meio para outro fim, visto que, ela “pode demonstrar as relações interpessoais, prover um caminho de mobilidade social e oferecer uma opção para se romper com um molde” (HANNA, 1999, p.344). Assim sendo:

> Quebrando-se o tabu de que “conversar não é dançar”, poderíamos introduzir em nossas salas de aula momentos de reflexão, pesquisa, comparação, desconstrução das danças de que gostamos ou não e, assim, podermos agir crítica e corporalmente em função da compreensão, desconstrução e transformação de nossa sociedade (MARQUES, 2003, p. 28).

Acerca das representações de gênero presentes em *Chega de saudade* (2008), percebemos que aí coexistem sinais de tradição e ruptura, na medida em que ao longo de sua obra, Bodansky não apenas exibe cenas de homens representando seus tradicionais e esperados papéis, mas também exibe cenas nas quais as mulheres também partem para o jogo da sedução, por exemplo, as cenas da dançarina de tango, da mulher que passa a mão no garçom e também da cena de Elza, que após tomar um “chá de cadeira”, resolve “comprar” uma dança com um dançarino de aluguel, tomando a iniciativa de, ao final da mesma, beijá-lo ardentemente. Porém, segundo Louro (2011, p. 17), seria “de um otimismo impensado supor que, neste espaço ou neste momento, as relações de gênero se dão em plano de igualdade entre mulheres e homens”, visto que “uma longa história de supremacia masculina, reiterada e legitimada por discursos e práticas continuados, desacredita tal interpretação”.

Quanto à figura do *personal dancer*, consideramos importante situar tal profissional, uma vez que o mesmo encontra-se cada vez mais presente nos salões de bailes dos grandes e médios centros urbanos. Segundo Alves (2004, p. 29), tal termo originou-se da denominação dada ao profissional de Educação Física que realiza um acompanhamento individual de pessoas que queiram entrar rapidamente em “boa forma física”, ou seja, o *personal trainer*. Ainda em Alves (2004, p. 29), segundo depoimento de uma de suas informantes, o que o *personal dancer* disponibiliza “é uma companhia; um serviço de dançarino que dança o que a cliente quer, onde ela quiser; uma ajuda para melhorar a qualidade da dança da mulher”. Moraes (2011) afirma que, segundo as mulheres por ela entrevistadas, contratar um dançarino

é uma maneira de garantir que dançarão em um baile, uma vez que para as mulheres mais velhas isso é bem menos provável quando comparado às mulheres mais jovens. “Ao pagar, elas garantem seu passaporte para a pista de dança sem ter de se preocupar com a disposição masculina para convidá-las” (MORAES, 2011, p.444).

Contudo, podemos observar que no universo da dança de salão há controvérsias no que diz respeito aos dançarinos pagos. Algumas pessoas consideram tal fenômeno não apenas bom, na medida em que possibilita um novo mercado de trabalho para os profissionais da dança de salão, mas também necessário, visto que, tanto nas aulas como nos bailes, o número de mulheres é sempre superior ao número de homens; já outras pessoas consideram tal fenômeno negativo, visto que “deturpa” a sua imagem, fazendo da mesma não mais um espaço de magia, tradição e lazer, mas, sim, um “negócio”, no qual homens, geralmente mais jovens, “exploram” mulheres mais velhas. Segundo Moraes (2011, p. 450), os dançarinos pagos, diante dos outros homens que não recebem para dançar, perdem legitimidade e transformam-se e em homens de “segunda classe”. Ainda segundo a autora os mesmos são “criticados pelos mais velhos que não fazem contrato e querem ir ao baile para conhecer alguém e se divertir e acabam isolados em seu canto porque não são jovens e não sabem dançar as danças modernas”. O fato é que, devido ao crescente protagonismo contemporâneo das mulheres, em especial das mais velhas, tal polêmica ainda tem um longo caminho a trilhar, pois que:

> Ao pagarem para ser conduzidas por homens mais jovens do que elas, estão desafiando a invisibilidade que lhes era historicamente destinada nos bailes de dança de salão e incorporando em suas rotinas um novo padrão de relação com o sexo masculino; um padrão no qual, simultaneamente, se reproduz uma relação hierárquica homem/mulher (o dançarino conduz, a dançarina segue), mas se constrói também, uma posição diferenciada para as mulheres velhas. Nessa, as mulheres permanecem em cena, no salão de baile, dançando com seus pares mais jovens, contrariando o lugar de exclusão que lhes era tradicionalmente reservado e exibindo seus corpos treinados e embelezados para seduzir e se destacar (MORAES, 2011, p. 450-451).

No entanto, diferente do que poderíamos ser levados/as a pensar, tal postura não é vivenciada em completa harmonia pelas mulheres que pagam para dançar nos bailes, o que pode ser inferido não apenas pela forma discreta e rápida de como são feitos os pagamentos e as entregas das fichas (MORAES, 2011, p. 441), mas também pelo comportamento da personagem Elza, que, em *Chega de saudade*, vive momentos de conflito e angústia antes e depois de “comprar” uma dança. Para Strey (2012, p. 12), as transformações nas crenças de

gênero, apesar de dinâmicas, são relativamente lentas, não sendo “da noite para o dia que as pessoas mudam”.

Ainda em Strey (2012, p. 12 *apud* Hime, 2008),

> [...] esse processo de autoconstrução mostra, ao mesmo tempo, estabilidade e mudança, continuidade e descontinuidade, progressões, bloqueios e retrocessos. É do indivíduo, mas não só do indivíduo, pois, embora seja um processo vivenciado como próprio, também se dá nas interações pessoais e situado em um determinado momento histórico, dentro de uma certa cultura.

A autora acima citada afirma também que o processo de autoconstrução nem sempre é “coerente e lógico. As contradições dentro da mesma pessoa são permanentes e talvez não sejam resolvidas até o final da vida. Por essa razão, encontramos a coexistência de padrões arcaicos e atuais não só dentro da sociedade, mas no próprio indivíduo” (STREY, 2012, p. 12).

Refletindo ainda sobre a forma de efetuar o pagamento pelas mulheres nos bailes de dança de salão, bem como sobre a atitude de Bel, em *Chega de saudade*, somos levadas a pensar que tais comportamentos poderiam estar atrelados à ideia de “cavalheirismo” ainda muito presente na dança de salão, na qual a mulher, quase sempre, tem a expectativa de que o homem a convide para dançar, conduzindo-a até a pista de dança, bem como os seus passos e o seu retorno à mesa. É de fundamental importância lembrar aqui, em especial, no que concerne às mulheres mais velhas, que esse ideal de “cavalheirismo” foi, segundo Siqueira (2009, p.103), muito encontrado e valorizado na sociedade até poucas décadas atrás. Confirmando este posicionamento temos em Rago (2004, p. 31) a afirmação de que até aproximadamente o final dos anos 1960, ser mulher

> Significava identificar-se com a maternidade e a esfera privada do lar, sonhar com um “bom partido” para um casamento indissolúvel e afeiçoar-se a atividades leves e delicadas, que exigissem pouco esforço físico e mental. Do outro lado, situavam-se as que podiam circular livremente por ruas, praças e bares, pagando, contudo, o alto preço da condenação moral, da perseguição policial e de outras formas de violência física.

A nosso ver a representação de feminino acima descrita, apesar de consideravelmente alterada nos últimos tempos, é ainda presente, podendo ser a principal responsável pelo desconforto que algumas dançarinas idosas exibem ao efetuarem o pagamento de seus parceiros de dança. Quanto ao variado número de representações em torno do feminino presente na contemporaneidade, somos levados a refletir acerca da possível influência deste

fenômeno no que tange à formação da identidade dessas mulheres, que longe de fixas e únicas, estão cada vez mais instáveis e plurais na pós-modernidade (HALL, 2001).

Buscando compreender um pouco mais sobre a construção da identidade cultural na contemporaneidade, encontramos em Hall (2001, p. 12-13), a afirmação de que, devido às rápidas e profundas mudanças ocorridas nos últimos tempos, a identidade torna-se uma "celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam", sendo definida "historicamente, e não biologicamente". Ainda segundo o sociólogo acima citado, na pós-modernidade as identidades não são unificadas ao redor de um "eu" coerente, existindo dentro de nós identidades contraditórias, que nos empurram em "diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas". Sendo assim, a forma velada com que são efetuados os pagamentos dos dançarinos de aluguel reflete a multiplicidade e mobilidade de identidades possíveis na contemporaneidade, em especial das mulheres mais velhas, que agora partem para a ação, não aceitando mais "tomar um chá de cadeiras" nos bailes, mas que, paradoxalmente, querem perpetuar o romantismo e a sedução presentes na dança a dois, na qual ainda cabe à mulher um papel de maior passividade.

Quanto ao caráter romântico e sedutor da dança a dois, temos na trama de Bodansky alguns personagens que em muito exemplificam essa característica, sendo o personagem Eudes, interpretado por Stephan Nercesian, o que mais sintetiza tais características. Eudes é um antigo frequentador do baile, um simpático "cavalheiro" de meia idade que, logo no início da trama, oferece uma rosa para a namorada Marici, uma mulher também de meia idade, interpretada por Cássia Kiss. Um *close-up* do casal exibe rostos envelhecidos, repletos de rugas e marcas de expressões que, enamorados, trocam carícias.

Porém, tal situação logo começa a se alterar com a chegada de Bel que se senta à mesa do casal de namorados. A câmera focaliza o rosto da garota, evidenciando assim toda a sua juventude, por meio de sua pele firme e lisa. Eudes, como um bom anfitrião, convida a jovem para dançar, dando início a um jogo de conquista e sedução que irá se desenrolar durante toda a trama de Bodansky. Ele encanta-se com a juventude da "estrangeira", enquanto que Bel encanta-se com a alegria, com a leveza, com o cavalheirismo e com a sedução daquele "*puta velho folgado*".

Eudes, já no final do baile e do filme, fala para Bel o quanto foi bom dançar com ela e se aproxima da jovem para beijá-la. Ela evita o beijo e ele, desconcertado, pede desculpas e se afasta. Bel, pensativa, caminha até a mesa mais próxima, pega uma caneta e um panfleto que estava sobre a mesa e escreve no seu verso a linda mensagem que Eudes lê no banheiro, logo

após ter sido agredido pelo enciumado DJ. A mensagem escrita por Bel deixa claro o seu encantamento por Eudes, bem como a dificuldade da jovem de ousar fugir dos enquadramentos e trilhar novos caminhos:

> *Esse homem improvável, com olhos de menino fez meu coração flutuar sem peso. Senti uma felicidade sem passado nem futuro. Teria beijado esse homem cujos olhos alegres me convidavam a voar. Teria beijado, se soubesse fazer escolhas. Mas nem quando o mundo escolhe por mim e apaga a cidade, acendendo o luar, nem nessa hora, eu ouso escolher o que o coração palpita.*

Sentada Marici observa o casal. Uma ponta de ciúmes emerge. Ela observa por alguns segundos as próprias mãos e percebe nelas a enorme diferença de idade entre ela e a rival. Luta desigual! O namorado, encantado com a jovem "estrangeira", durante todo o baile dança e tenta conquistar a garota, enquanto que Marici sofre e chega às lágrimas ao perceber o crescente interesse do amado pela jovem. Ao final do baile, após ouvir as explicações e, principalmente a poesia de Camilo Pessanha, declamada por Eudes: "*Se ela andava no jardim / Que cheiro de jasmim! / Tão branca do luar! / Eis tenho-a junto a mim / Vencida, é minha, enfim, / Após tanto a sonhar / Porque entristeço assim? / Não era ela, mas sim. / (O que eu quis abraçar), / A hora do jardim /O aroma de jasmim / A onda do luar*". Marici compreende e aceita novamente o amado. Ela entende que "é a juventude mais do que a garota que efetivamente encanta Eudes" (LOURO, 2011, p. 15).

Quanto à reação de Marici frente ao interesse do amado pela jovem Bel, Goldenberg (2010, p. 34) afirma que vivemos em uma sociedade onde impera a cultura do corpo e da juventude, na qual "mulheres mais velhas se sentem inseguras e ameaçadas com as marcas do envelhecimento, principalmente ao competirem com mulheres mais jovens", visto ser essas as mais valorizadas pelos homens. Berquó (1989 *apud* GOLDEMBERG, 2009a) afirma que à medida que as mulheres envelhecem, diminuem suas chances de conseguir um parceiro, seja pela tendência dos homens, em um segundo casamento, de casar-se com mulheres ainda mais jovens do que as primeiras, seja pela constatação de uma maior mortalidade masculina quando comparada com a feminina, acarretando assim uma feminização da velhice (SALGADO,2002). Frequentes são as queixas das mulheres de que "falta homem no mercado" e de que elas se tornaram "invisíveis" para os homens, conforme pesquisa realizada por Goldenberg (2009b, p. 29). Com o intuito de ilustrar os discursos de falta e invisibilidade classificados pela antropóloga acima referenciada, trazemos a seguir parte de alguns depoimentos presentes em sua pesquisa, depoimentos estes que também ratificam o posicionamento de Beauvoir (1990), que afirma que já que o destino da mulher é ser, aos

olhos do homem, um objeto erótico, ao tornar-se velha e feia, perde o lugar que lhe é destinado na sociedade.

> Sei que é o maior clichê, mas é a mais pura verdade: falta homem no mercado. Todas as minhas amigas na faixa dos 50 estão sozinhas. [...] Que maluco vai querer uma velha decrépita, ou até mesmo uma coroa enxuta, se pode ter uma jovem durinha, com tudo no lugar? (GOLDENBERG, 2009b, p.29).

> Eu sempre fui uma mulher muito paquerada, acostumada a levar cantada na rua. Quando fiz 50 anos, parece que me tornei invisível. Ninguém mais diz nada, um elogio, um olhar, nada. É a coisa que mais me dá a sensação de ter me tornado uma velha. Hoje, me chamam de senhora, de tia, me tratam como alguém que não tem mais sensualidade, que não desperta mais desejo. É muito difícil aceitar que os homens me tratem como uma velha, e não como uma mulher. Na verdade, não acho que me tratam como velha, simplesmente me ignoram, me tornei invisível (GOLDENBERG, 2009b, p.29).

Ainda no que diz respeito ao "*superávit*" de mulheres, Goldenberg (2009a, p. 55) afirma que "o grande contingente de mulheres sem possibilidades de casamento dá margem a que elas se unam a homens que continuam casados", o que nos leva a pensar no triângulo amoroso retratado na trama de Bodansky, composto por Vágner, a esposa Liana e a amante Aurelina. Ele, desrespeitando um acordo feito com *a outra*, leva a esposa ao baile, gerando um grande descontentamento na amante, possivelmente explicado pelo seu desejo de ser a única, já que, segundo Goldenberg (2009a, p. 60), "as *outras* se percebem como as únicas, já que acreditam que o amante não tem relação sexual com a esposa ou com outras mulheres". A antropóloga acima citada afirma que "no Brasil, ter um marido é uma verdadeira riqueza, especialmente em um mercado afetivo-sexual em que os homens disponíveis para o casamento são escassos", criando assim o conceito de "capital marital". No que diz respeito *as outras* não tendo elas tal capital, "o amante fiel é considerado um outro tipo de capital, um pouco menos valorizado mas ainda desejado" (GOLDENBERG, 2009a, p. 60).

Neste sentido a cena em que ocorre o encontro da esposa e da amante é emblemática. O diálogo irônico travado por elas explicita a disputa e o ponto de vista de cada uma. Cada uma com a sua verdade. Para Aurelina o amor está intimamente ligado à paixão: *"às vezes uma hora num motel vale mais do que uma vida inteira de casamento"*, enquanto que para Liana amor e sexo são coisas diferentes: *"Amando?! Você quer dizer indo pra cama com outra pessoa? Pra mim amor é completamente diferente"*. Ao final da disputa vence a esposa que leva o seu "capital marital" de volta ao lar. Mantêm-se os valores patriarcais: com a esposa, o respeito e a segurança, com a outra, o despudor e a aventura. Duas mulheres, em comum o amor pelo mesmo homem e a idade avançada, porém feminilidades tão diferentes,

evidenciando que assim como não podemos pensar na contemporaneidade em uma única identidade feminina, também não podemos pensar na velhice no singular. Nas vestes, falas e atitudes de Aurelina, temos resistência e transgressão, na medida em que ela subverte o estereótipo de que a mulher idosa é assexuada e assume abertamente a sua ardente libido e sexualidade: *"Eu gosto de homem pelado, molhado de suor em cima de mim!"*. Mesmo sendo preterida, ela não se entrega e continua a extrair do baile e, consequentemente, do presente, toda a alegria e prazer possíveis, como podemos perceber na cena em que ela dança com outro homem, beijando-o na frente do amante.

Segundo Mendonça e Senta (2012), se inicialmente o filme *Chega de saudade* "parece conduzir o espectador dentro de um eixo patriarcal", principalmente no que compete aos casais Alice e Álvaro e Marici e Eudes, percebe-se que a narrativa fílmica de Bodansky apresenta também alguns aspectos contradiscursivos na construção de determinadas personagens femininas, na medida em que estas, subvertendo as condutas convencionais, encontram no "espaço do baile, da dança e da música possibilidades de realização fora dos padrões hegemônicos".

Enfim, percebe-se que o envelhecimento não é negado em *Chega de saudade.* As rugas e as referências à doença e à morte presentes em algumas cenas da trama de Bodansky são a confirmação deste posicionamento. Diferente do que o mercado de consumo apregoa e quer a todo custo nos fazer acreditar, a velhice pode não ser necessariamente a nossa "melhor e feliz idade". Contudo, ela também não é apresentada segundo o também vigente estereótipo que liga a velhice à passividade, tristeza e assexualidade, como podemos perceber por meio da utilização de determinados figurinos, diálogos, iluminação, coreografias e na cena de sexo do casal de tango.

## 1.3 **Apagando as luzes**

Pensar a dança de salão e o envelhecimento humano tomando como *corpus* o filme *Chega de saudade*, de Laís Bodansky, foi o principal objetivo deste ensaio, uma vez que tal obra narra uma trama ambientada durante um baile para a "terceira idade". Quanto à dança de salão, Bodansky traz para as telas uma variedade de gêneros musicais, dançados de forma bem espontânea e descontraída, além de detalhes e situações extremamente típicas de bailes de dança de salão. A dança a dois, longe de se configurar como um pano de fundo na

narrativa de Bodansky surge nesta como protagonista, despertando-nos para a importância dessa prática na vivência do envelhecer e da velhice de homens e mulheres. O universo da dança de salão carece de pesquisas científicas, não apenas por ser um espaço onde prevalecem profissionais sem formação específica, mas, principalmente, por ser um universo ímpar para o surgimento de importantes categorias analíticas, tais como gênero, envelhecimento e sexualidade.

Quanto ao envelhecimento observa-se ser essa uma questão central no filme, o que pode ser percebido mediante a frequente utilização dos planos detalhes e *close-ups* dos personagens. Vemos desde o início do filme as marcas do tempo escancaradas nos corpos envelhecidos dos personagens, principalmente em suas mãos e faces, evidenciando o desejo de Bodansky de abordar a velhice, sem disfarces. Somos assim colocados diante da velhice, não apenas dos personagens, mas principalmente diante do nosso próprio processo de envelhecimento. Neste sentido a narrativa fílmica de Bodansky nos leva a refletir acerca dos inúmeros preconceitos acerca da velhice ainda presentes em nossa sociedade, sendo a ideia da passividade e incapacidade dos idosos, bem como a quase obrigatoriedade da vivência de uma velhice extremamente ativa e feliz alguns destes preconceitos. Deste modo temos em *Chega de saudade* a velhice representada não como a melhor e mais perfeita fase da existência humana, como interessa à sociedade de consumo, e nem tão pouco como a pior e mais difícil fase da vida, que deve ser negada e a todo custo camuflada e combatida.

Em tempos de extrema valorização da juventude, beleza e saúde, que muito tem dificultado a aceitação do processo natural de envelhecimento, especialmente paras as mulheres, *Chega de saudade* ousadamente exibe nas telas uma beleza repleta de rugas, apresentando a velhice como uma fase da vida a ser vivida naturalmente, onde cabem todas as limitações, potencialidades, sensações e sentimentos humanos, incluindo a dor, a alegria e a sexualidade. O filme estabelece e nos conduz a uma visão crítica sobre o seu tema central, apresentando alternativas de subversões a estas ideias normatizadas, principalmente no que concerne à velhice e ao envelhecimento feminino. Sendo assim, o filme retrata uma velhice assumida, que se mantém em movimento e em busca do prazer, sem, contudo, negar as (im)possibilidades e ambiguidades do envelhecimento e do próprio viver.

Concluindo, ficou evidente a importância, potencial e possibilidades de uso dessa narrativa para sentir/pensar o homem e a sociedade, utilizando-a tanto em nossa formação pessoal e acadêmica, como em nosso exercício profissional enquanto professores de dança de salão, para que assim possamos avançar rumo a uma dança que vá além de passos e ensaios.

**Referências**


ALMEIDA, V.L.V. Modernidade e velhice. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, v. 75, p. 35-74, 2003.

ALVES, A. M. **A dama e o cavalheiro**: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é o cinema.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

BEZERRA, F. C.; ALMEIDA, M. I.; NÓBREGA-THERRIEN, S. M. Estudos sobre o envelhecimento no Brasil: revisão bibliográfica. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 155-167, 2012. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbgg/v15n1/17.pdf>. Acesso em: 23 ago.2014.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Datasus**: informações de saúde. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=0206>. Acesso em: 04 nov. 2013.

BULLARA, Bete; MONTEIRO, Marialva. **Cinema:** uma janela mágica. Rio de Janeiro: Memórias Futuras, Cineduc, 1991.

CHEGA de saudade. Direção: Laís Bodansky. Produção: Gullane Filmes. Intérpretes: Betty Faria; Cássia Kiss; Leonardo Villar; Maria Flor; Paulo Vilhena; Stepan Nercessian; Tonia Carrero e outros. Roteiro: Luiz Bolognesi. São Paulo, Rio de Janeiro: Buriti Filmes, Petrobrás, Miravista e Globo Filmes. Brasil, 2008. 1 DVD (92 min). widescreen, color.

CONCONE, Maria Helena Villas Bôas. Medo de envelhecer ou de parecer? **Revista Kairós**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 19-44, dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2588>. Acesso em: 22 jul. 2014.

COSTA, Ana Carolina de Oliveira. **O desejo envelhece?** Barueri: Minha, 2012.

COUTO, E. S; MEYER, D. E. Viver para ser velho?: cuidado de si, envelhecimento e juvenilização. **Revista Faced**, Salvador, n. 19, p. 21-32, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/5518/4297>. Acesso em: 10 set. 2014.

DELBONI, B. S; JOAQUIM, S. B.; PLONER, K. S. et al. Gerascofobia: o medo de envelhecer na contemporaneidade. **RBCEH**, Passo Fundo, v. 10, n. 2, p. 203-214, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://www.seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/3320>. Acesso em: 14 set. 2014.

FABRIS, Elí T. H. **Em cartaz**: o cinema brasileiro produzindo sentidos sobre a escola e o trabalho docente. 250 f. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FEITOZA, J. K. S. Cocondução: procedimento corporal de comunicação relacional nas danças de salão. In: PERNA, M. A. **200 anos de dança de salão no Brasil.** Rio de Janeiro: Amaragão, 2012. cap. 8, p. 67-88.

FERREIRA, M. E. C.; CORRÊA, J. C.; BANHATO, E. F. C. **Desafios de envelhecer no século XXI**. São Paulo: Residencial Santa Catarina, 2010.

GOLDENBERG, Mirian. **A outra:** a amante do homem casado. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009a.

_____. **Coroas:** corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade. Rio de Janeiro: Record, 2009b.

_____. **Por que homens e mulheres traem?** Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

GRANGEIRO, Marcelo. **Ai, pisaram no meu pé!**: um novo conceito em aprendizagem e ensino na dança de salão. São Paulo: Scortecci, 2014.

GREGERSEN, Edgar. **Práticas sexuais**: a história da sexualidade humana. Tradução Antônio Alberto de Toledo Serra e Edson Ferreira. São Paulo: Roca, 1983.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HANNA, J. L. **Dança, sexo e gênero**: signos de identidade, dominação desafio e desejo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

HIME, F. A. A biografia feminina e a história das relações amorosas. In: FAZENDO O GÊNERO, 8., 2008, Florianópolis. **Anais**..., Florianópolis: UFSC, 2008. p. 1-6. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjxguKupPDUAhUGYyY>. Acesso em: 27 jun. 2014.

LEXIKON, H. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Cultrix, 1990.

LIMA, Layla; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. Chega de saudade. **Revista Portal de Divulgação**. n. 8, p. 13-17, mar. 2011. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php>. Acesso em: 5 mar. 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Chega de saudade. **Revista Faced**, Salvador, n. 19, p. 11-20, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9771/2317-1219rf.v0i19.5351>. Acesso em: 5 mar. 2014.

LOVISOLO, Hugo. Em defesa do modelo Jubesa. In: BAGRICHEVSKI et al. (Org.). **A saúde em debate na Educação Física**. Blumenau: Nova Letra, 2006. cap. 8, p. 157- 178.

MARQUES, I, A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

MASSENA, Mariana. **A sedução do brasileiro**: um estudo antropológico sobre a dança de salão. 2006. 145f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MENDONÇA, M. L. M.; SENTA, C. R. M. D. A representação do feminino no cinema brasileiro contemporâneo: um novo olhar sobre a velhice e o envelhecimento em *Chega de saudade*. **Razón y Palavra**. n. 78, nov./jan. 2011-2012. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199524192007>. Acesso em: 6 fev. 2014.

MERCADANTE, E. F; BRANDÃO, V. M. A. **Envelhecimento ou longevidade?** São Paulo: Paulus, 2009.

MORAES, Andrea. O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2011. cap. 15, p. 427-452.

MOTTA, Alda Britto da. Chegando pra idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 2006. cap. 4, p. 223-235.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro. Sexualidade e gênero no envelhecimento. **RevistaAlceu**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 77-86, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n9_negreiros.pdf>. Acesso em: 13 maio 2014.

NERI, Anita Liberalesso. **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, SESC SP, 2007.

O JANTAR/La cena. Direção: Ettore Scola. Roteiro: Ettore Scola, FurioScarpelli, Sílvia Scola e Giacomo Scarpelli. Produção: Massfilm, Medusa Film, LesFilms Alain Sarde, Filmtel e France 3 cinéma. Itália\França, 1998. 1 DVD (126 min). widescreen, color.

PERNA, M, A. **Samba de gafieira**: a história da dança de salão brasileira. Rio de Janeiro: O Autor, 2001.

RAGO, M. Ser mulher no século XXI. In: VENTURI, G.; RECAMÁN, M.; OLIVEIRA, S. (Orgs.). **A mulher brasileira nos espaços públicos e privados**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. cap. 1, p. 31-42.

RISMAN, A. Sexualidade e terceira idade: uma visão histórico-cultural. **Textos Envelhecimento**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2005. Disponível em: <http://www.unati.uerj.br/tse/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1517-59282005000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 maio 2014.

RODRIGUES, J. C. Imagens e significados da morte no ocidente. In: GOLDEMBERG, Mirian. **Corpo, envelhecimento e felicidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. cap. 16, p. 357-387.

SALGADO, Carmen Sánchez. Mulher idosa: a feminização da velhice. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 4, p. 7-9, 2002. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4716>. Acesso em: 27 fev. 2015.

SENTA, C. R. M. D. **Envelhecimentos e velhices**: novos olhares sobre a representação do feminino em filmes brasileiros contemporâneos. 2012. 177 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

SIBILIA, Paula. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas. In: GOLDEMBERG, Mirian. **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. cap. 4, p. 83-108.

_____. Imagens de corpos velhos: a moral da pele lisa nos meios gráficos e audiovisuais. In: COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. **O triunfo do corpo**: polêmicas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, 2012. cap. 6, p. 145-160.

SIQUEIRA, Monalisa Dias de. "**Quem convida é a mulher**": experiências femininas e subversão nos bailes de dança de salão. 2009. 118 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

SOUZA, Thais Torres de. A paixão dos amantes: separação e superação em "Os sapatinhos vermelhos" e "Sem Ana, Blues", de Caio Fernando Abreu. **Revista Criação & Crítica** (Online), n. 3, p. 02-16, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46768>. Acesso em: 15 jul. 2014.

STREY, M.N. et al. **Gênero e ciclos vitais**: desafios, problematizações e perspectivas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

STROPPA, Andre; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. In: INCONTRI, Dora. **Educação e Espiritualidade**: interfaces e perspectivas. Bragança Paulista: Comenius, 2010.

VOLP, C, M.; DEUSTSCH, S.; SCHWARTZ, G, M. Por que dançar?: um estudo comparativo. **Motriz**, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 52-58, jun. 1995. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/01n1/7_Catia_form.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2014.

ZAMONER, Maristela. **Danças de salão**: a caminho da licenciatura. Curitiba: Protexto, 2005.

# 2 ESTUDO II: PRIMEIRO AS DAMAS: A VOZ DAS IDOSAS DANÇARINAS

## RESUMO

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, caracterizou-se como um estudo antropológico de cunho etnográfico, sendo realizada entre os meses de janeiro a dezembro de 2013, no Centro de Convivência do Idoso “Dona Itália Franco” da Associação Municipal de Apoio Comunitário de Juiz de Fora /MG. A amostra foi composta por oito idosas, de baixa escolaridade e renda, com idade igual ou acima de 65 anos, que frequentavam duas vezes na semana as aulas de dança de salão da referida instituição. Foram realizadas com as mesmas entrevistas semiestruturadas e observações de suas aulas, objetivando dar voz a essas idosas e apreender o que elas pensam e querem acerca da prática da dança de salão e da velhice, com o intuito de que seus interesses e demandas sejam pautas para a elaboração de novos programas e atividades nesses contextos. Após a realização das entrevistas e observações foi feita a análise dos dados, com a transcrição e síntese dos mesmos. Visando a aprimorar tais interpretações, complementamos as interpretações iniciais com os registros do diário de campo e as teorias pertinentes, desenvolvidas por alguns dos principais estudiosos da dança de salão e do envelhecimento/velhice. A pesquisa evidenciou a importância que as idosas atribuem à prática da dança de salão, revelando importantes ganhos advindos de sua prática, tanto nas esferas físicas, quanto nas psíquicas e sociais. A motivação para o ingresso nas aulas de dança de salão a que se referiram foram o gosto pela dança e a busca pela apropriação da técnica, porém o que as faz continuar frequentando as aulas são as amizades, o ambiente e a manutenção do gosto pela dança. O que elas mais gostam de dançar é o bolero e o forró, e o que menos apreciam é o samba, o soltinho e o tango. Para elas é fundamental que o professor seja carinhoso, atencioso e paciente. Um dos pontos que emergiram fortemente das entrevistas foram suas queixas acerca dos colegas homens que, segundo elas, são, além de poucos, extremamente seletivos na escolha das parceiras de dança e o outro ponto foi o enorme prazer que elas experimentam ao dançar, bem como a satisfação com a atual fase de suas vidas. Em síntese, nas aulas de dança de salão, muito mais do que qualquer ensinamento técnico, interessa a essas idosas a companhia, o acolhimento, a alegria, a possibilidade de se distanciarem de seus problemas e a vivência do prazer e da liberdade, somente agora possíveis de serem experimentados.

Palavras-chave: Dança. Envelhecimento. Pesquisa Qualitativa.

## ABSTRACT

This research, of a qualitative nature, was characterized as an anthropological study of ethnographic character, being carried out between January and December 2013, in the Center for the Cohabitation of the Elderly "Dona Itália Franco" of the Municipal Association of

Community Support of Juiz de Fora / MG. The sample consisted of eight elderly women of low schooling and income, aged 65 years or older, who attended the institution's ballroom dance classes twice a week. They were carried out with the same semi-structured interviews and observations of their classes, aiming to give voice to these elderly women and to apprehend what they think and want about the practice of ballroom dancing and old age, in order that their interests and demands are guidelines for the development of new programs and activities in these contexts. After the interviews and observations the data were analyzed, with their transcription and synthesis. In order to improve such interpretations, we supplemented the initial interpretations with the field diary records and the relevant theories developed by some of the leading scholars of ballroom dancing and aging / old age. The research evidenced the importance that the elderly attribute to the practice of ballroom dancing, revealing important gains from their practice, both in the physical, as well as in the psychic and social spheres. The motivation for entering the dance classes to which they referred were the taste for dance and the search for the appropriation of technique, but what keeps them going to classes are the friendships, the environment and the maintenance of the taste for dance . What they like to dance are bolero and forró, and what they least appreciate are samba, soltinho and tango. For them it is fundamental that the teacher be caring, attentive and patient. One of the points that emerged strongly from the interviews was their complaints about male colleagues who, according to them, are, in addition to a few, extremely selective in their choice of dance partners and the other point was the enormous pleasure they experience in dancing, as well the satisfaction with the current phase of their lives. In short, in the dance classes, much more than any technical teaching, these elderly women are interested in the company, the welcome, the joy, the possibility of distancing themselves from their problems and the experience of pleasure and freedom, only possible to be experienced now.

Keywords: Dancing. Aging. Qualitative Research.

## 2.1 **Introdução**

O título deste artigo foi inspirado no universo da dança de salão, onde estão muito presentes gestuais e dizeres fundamentados no “cavalheirismo” masculino. Na dança de salão é o homem quem vai ao encontro da mulher, no caso a dama, e a convida para dançar, e ele, cavalheiro, quem a leva de volta ao lugar, agradecendo, às vezes com mesuras, o prazer da dança. Nesse universo cabe ao homem cuidar e conduzir a mulher. Primeiro as damas!

O artigo também foi assim intitulado devido à constatação do expressivo número de mulheres que frequentam as aulas de dança de salão na cidade de Juiz de Fora/MG, sejam elas dirigidas ou não ao público idoso. A recorrência deste fenômeno tem despertado a atenção dos professores, exigindo dos mesmos reflexões e soluções criativas, especialmente em relação às mulheres idosas, parcela crescente da população brasileira. Cada vez mais elas aderem às aulas de dança de salão, principalmente no contexto dos centros de convivências de idosos.

Tal dado encontra-se em consonância com a realidade apresentada no Centro de Convivência do Idoso “Dona Itália Franco” (CCI), situado no referido município mineiro, que, segundo a professora de dança de salão da instituição, possui 112 alunos inscritos, sendo que 88 são mulheres e apenas 24 são homens.

A partir desse cenário, surgem as seguintes questões: por que tantas mulheres idosas buscam as aulas de dança de salão desse CCI? O que elas querem e pensam acerca da dança de salão e da velhice? Para tentar responder a essas indagações foi realizada uma pesquisa de campo na instituição. A seguir descreveremos detalhadamente o percurso metodológico do presente estudo.

## 2.2 **Metodologia**

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, caracterizou-se como um estudo antropológico de cunho etnográfico, sendo realizada entre os meses de janeiro a dezembro de 2013, no Centro de Convivência do Idoso “Dona Itália Franco” da Associação Municipal de Apoio Comunitário (AMAC) de Juiz de Fora /MG.

A opção por esse tipo de pesquisa assenta-se em Minayo (1993), segundo a qual, a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados e das reações humanas, ou seja, um lado não perceptível e captável em equações, médias e variáveis, sendo, pois, uma abordagem apropriada para a aquisição dos objetivos propostos na presente pesquisa. Baseia-se ainda em suas características, uma vez que, de acordo com Beaud e Weber (2007, p. 10), “a etnografia tem por vocação dar a palavra aos humildes, àqueles que, por definição, nunca têm a palavra”. Ainda em consonância com tais autores, a etnografia, graças à imersão do pesquisador no meio pesquisado, possibilita o cruzamento de diversos pontos de vista sobre o objeto, clareando a complexidade das práticas sociais e revelando sua densidade (BEAUD; WEBER, 2007).

De acordo com Geertz (2012, p. 4), apesar dos manuais afirmarem que praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante, não são essas técnicas que definem tal fazer. “O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”. Por isso, cabe ao etnógrafo, em todos os níveis de seu trabalho de campo, tais como em suas entrevistas e observações, inicialmente apreender e

depois apresentar toda a “multiplicidade de estruturas conceptuais complexas”, pois, praticar a etnografia, ainda segundo Geertz (2012, p. 9) é

> Como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não como sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ 2012, p. 9).

Fizeram parte desse estudo oito idosas. Cabe aqui esclarecer que tal número foi definido a partir das considerações de Gaskell (2012), que afirma que o pesquisador deve deixar-se guiar por algumas considerações ao definir quantas entrevistas fazer. A primeira delas é o “ponto de saturação” da pesquisa, ou seja, “embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais; em alguma medida, elas são resultados de processos sociais” e, como consequência, “a certa altura, o pesquisador se dá conta que não aparecerão novas surpresas ou percepções”, podendo assim interromper as entrevistas, pois, “[...] permanecendo todas as coisas iguais, mais entrevistas não melhoram necessariamente a qualidade, ou levam a uma compreensão mais detalhada” (GASKELL, 2012, p. 70-71).

A segunda consideração feita pelo autor é quanto ao tamanho do *corpus* a ser analisado, visto que a transcrição de uma entrevista pode gerar inúmeras páginas, dificultando assim uma análise mais profunda dos dados coletados. De acordo com Gaskell (2012),

> Analisar um *corpus* de textos extraídos das entrevistas e ir além da seleção superficial de um número de citações ilustrativas, é essencial quase que viver e sonhar as entrevistas – ser capaz de relembrar cada ambiente entrevistado, e os temas-chave de cada entrevista. Há uma perda de informação no relatório escrito, e o entrevistador deve ser capaz de trazer à memória o tom emocional do entrevistado e lembrar por que eles fizeram uma pergunta específica. Falas ou comentários que numa primeira escuta pareceriam sem sentido podem, repentinamente, entrar em cena à medida que as contribuições de diferentes entrevistados são comparadas e contrastadas (GASKELL, 2012, p. 71).

Para dar início a construção do nosso *corpus*, foi feito um contato pessoal com a professora responsável pelas aulas de dança de salão do CCI e solicitado a ela a indicação de uma idosa para a realização da primeira entrevista. As entrevistas foram então iniciadas e, ao final de cada uma, foi solicitada à entrevistanda a indicação de uma nova interlocutora, e assim sucessivamente, até atingir o ponto de saturação, sugerido por Gaskell (2012).

Quanto aos critérios de inclusão, foram incorporadas à pesquisa todas as idosas que possuíam idade igual ou superior a sessenta anos, que estavam em bom domínio de suas

faculdades mentais, que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido[5] (Apêndice C). Quanto à assinatura do mesmo, é importante relatar que algumas informantes se recusaram a assiná-lo, alegando medo de serem ludibriadas, informando serem constantemente alertadas pelos filhos, familiares e amigos quanto aos riscos desse tipo de ação. Tais entrevistas, apesar de terem sido realizadas, não foram contabilizadas, transcritas ou utilizadas no estudo, porém em muito contribuíram para o aperfeiçoamento e ajuste do instrumento de coleta de dados, já que a maioria delas aconteceu no início do processo.

As pesquisadas obrigatoriamente tinham que ser alunas de dança de salão da instituição, apresentando uma frequência igual ou superior a uma vez por semana nas aulas e participando das mesmas há pelo menos um ano, sendo excluídos da pesquisa quaisquer casos que não se enquadrassem nos critérios de inclusão acima listados. Foram assegurados às entrevistandas anonimato e sigilo, informando às mesmas que os dados coletados seriam utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, ficando retidos durante cinco anos com a pesquisadora principal e, decorrido esse prazo, destruídos.

Foi então realizada uma entrevista individual semiestruturada, registrada por meio de um gravador da marca SONY, modelo ICD – PX312. Tais entrevistas foram realizadas em uma sala livre e silenciosa da instituição, garantindo assim a qualidade da gravação, bem como privacidade ao pesquisador e às pesquisadas. A duração de cada entrevista variou entre uma hora e meia a duas horas, e todas as informantes demonstraram grande satisfação ao expressar suas opiniões, falar acerca de suas vidas, enfim, de serem ouvidas, sendo que algumas delas, em determinados momentos, se emocionaram ao rememorar fatos e, ao final da entrevista, agradeceram pela oportunidade, dizendo que há muito tempo não falavam tanto de si mesmas e o quanto esse momento havia sido prazeroso, prontificando-se a dar uma nova entrevista, caso necessário.

Quanto ao tópico guia utilizado na entrevista (Apêndice B), o mesmo foi composto por 25 questões, sendo estas planejadas para dar conta dos objetivos da pesquisa, ressaltando, porém, que tais questões serviram apenas como um guia, sendo o mesmo utilizado de forma flexível no desenrolar da entrevista (GASKELL, 2012). Farr (1982 *apud* GASKELL, 2012, p. 65), afirma que a entrevista qualitativa é “uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa

[5] A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos, com o número de inscrição 09690612.0.0000.5287 e parecer de aprovação número 173.800.

que inicia a entrevista", objetivando compreender detalhadamente as "crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos".

Foram realizadas também, durante todo o ano de 2013, várias observações diretas das aulas de dança de salão do CCI, bem como a participação em vários eventos dançantes e comemorativos da instituição, utilizando um diário de campo para o registro das informações e impressões. Segundo Ludke e André (1986, p.26), a observação direta possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, permitindo que o observador se aproxime da perspectiva dos sujeitos e, consequentemente, possa tentar apreender "o significado que eles atribuem à realidade que os cercam e às suas próprias ações".

Após a obtenção de uma autorização escrita da direção do CCI, passamos a frequentar as dependências da referida instituição e iniciamos as observações das aulas de dança de salão, que acontecem todas às terças-feiras e sextas-feiras, de 14 às 15 horas e de 15 às 16 horas, sendo antes informado às idosas sobre a presença das pesquisadoras em tais eventos, bem como os objetivos da pesquisa. Desse modo, observamos as aulas munidas de cadernos e canetas esferográficas, onde anotávamos todas as informações que julgávamos importantes para a aquisição dos objetivos propostos na pesquisa. Em cada aula observada, procuramos nos posicionar em diferentes ângulos da sala, pois percebemos que, dependendo do nosso posicionamento, novas perspectivas e informações poderiam ser apreendidas e coletadas. Inicialmente fomos muito observadas pelos homens e mulheres, que, mesmo cientes das nossas presença e objetivos, pareciam um tanto quanto desconfiados das nossas verdadeiras intenções e, por várias vezes, no decorrer das aulas, buscavam uma aproximação e quando informados da nossa condição de professoras de dança, deixavam claro que estavam satisfeitos com a atual professora e que não queriam que ela deixasse o cargo.

Outro dado que merece ser destacado diz respeitos a tais observações. Fomos informadas pela direção que as nossas participações nesses eventos estavam autorizadas, porém elas deveriam limitar-se às observações, registrando as nossas impressões apenas graficamente. Sendo assim não poderíamos fotografar e/ou filmar os eventos e nem tão pouco aceitarmos os convites para dançar. Nessas ocasiões agradecíamos os convites, deixando claro, os motivos das nossas recusas. Quanto à proibição de dançarmos fomos informadas que a justificativa residia nas nossas idades, inferiores a sessenta anos e, quanto à proibição de filmarmos e fotografarmos, fomos informadas que muitos homens eram casados e isso poderia comprometê-los.

Realizada a fase das observações e das entrevistas, teve início a etapa de transcrição das gravações, feita pela pesquisadora principal, visto ser assim possível reviver o momento da entrevista, indo além da mera transcrição de palavras e frases. Já nesta fase teve início o processo de análise do material coletado, uma vez que ao transcrever as entrevistas, foi criado um documento auxiliar com vistas a registrar as primeiras impressões relativas às mesmas. A fase de análise prosseguiu, ainda embasada em Gaskell (2012, p. 85), que propõe que as transcrições sejam lidas e relidas, utilizando canetas que realcem o texto para destacar palavras ou trechos significativos, bem como que se acrescentem notas e comentários ao texto transcrito. Ainda em consonância com o autor citado, foi construída uma matriz com os objetivos do estudo colocados como temas no título das colunas e o que cada informante disse como se fossem as linhas, "juntando as respostas de um modo acessível", sendo destinada a última coluna para as interpretações. Visando a aprimorar tais interpretações, complementamos as interpretações iniciais com os registros do diário de campo e as teorias pertinentes, desenvolvidas por estudiosos do tema. As interpretações finais foram então apresentadas, buscando, ao máximo, trazer para o texto final a nossa experiência na docência da dança, bem como as falas das informantes, pois, segundo Gaskell (2012, p. 86), "é vital garantir que toda interpretação esteja enraizada nas próprias entrevistas".

Os depoimentos das interlocutoras foram estruturados em quatro seções: "Damas: quem são e de onde falam?", foi a primeira seção eleita e contextualiza nossas protagonistas; em "Primeiros passos", as entrevistadas relatam como ingressaram nas aulas de dança de salão do CCI, bem como suas motivações para ingressarem e permanecerem nas mesmas, relatando também se tiveram ou não o apoio de seus familiares. Na seção "Dançando" as idosas relatam suas preferências quanto aos gêneros musicais e os relacionamentos com as colegas, parceiros de dança e professora, verbalizando também suas opiniões no que concernem às características de um bom professor de dança, aos dias e horários e apresentam também suas críticas e/ou sugestões acerca das aulas de dança de salão do CCI. E, como última seção eleita, temos "Ganhos e Sensações", na qual as interlocutoras enumeram os benefícios e resultados percebidos a partir da prática da dança de salão, bem como descrevem as sensações experimentadas ao dançar.

Antes de expormos os discursos das entrevistadas, julgamos fundamental contextualizarmos o local da pesquisa, fazendo então uma descrição do campo empírico.

### 2.2.1 Contextualização do campo empírico

O Centro de Convivência do Idoso originou-se do PRÓ-IDOSO que foi um programa social criado em 1988, pela AMAC. O principal objetivo do referido programa foi "incluir socialmente o idoso e melhorar sua qualidade de vida, possibilitando o aprimoramento e a manutenção de sua autonomia e independência" (MACHADO, 2013, p. 14). A sede do CCI nomeada "Dona Itália Franco", em homenagem à mãe do ex-presidente Itamar Franco, inaugurada em junho de 2000, localiza-se à Rua Espírito Santo, nº 434, em Juiz de Fora – uma cidade da Zona da Mata Mineira que abriga aproximadamente 516.247 habitantes (IBGE, 2010).

Contando com amplo espaço físico e com uma série de atendimentos técnicos multidisciplinares destinados a homens e mulheres com idade igual ou superior a sessenta anos, o CCI "Dona Itália Franco" funciona de segunda à sexta-feira, no horário de 8 às 18 horas, sendo a instituição voltada para o atendimento de idosos mais representativa de Juiz de Fora/MG. De acordo com informações da atual coordenadora, tal unidade tem cerca de 2.500 idosos inscritos, sendo 80% dessas inscrições referentes ao sexo feminino, ou seja, aproximadamente 2.000 idosas estão atualmente inscritas no CCI "Dona Itália Franco". Este dado encontra-se em consonância com Alves Júnior (2004) que constatou expressiva participação do sexo feminino em projetos associativos do Rio de Janeiro e da França, bem como nos estudos de Borges et al (2008) que indicam que também há predomínio de mulheres (86,29%) nos grupos de convivências de idosos de Belo Horizonte/MG.

Com vistas a descentralizar o atendimento e atender os beneficiários em seu lugar de origem, valorizando-os e reconhecendo-os em suas comunidades, o CCI possui seis núcleos ativos: Núcleo Renascer, Núcleo Recanto da Alegria, Núcleo Razão de Viver, Núcleo Arco-Íris, Núcleo Estrela Dalva e Núcleo Vida Ativa, possibilitando um atendimento de aproximadamente 400 idosos por dia (SILVA, 2013, p. 83-103).

Dentre os vários atendimentos disponibilizados pelo CCI, Silva (2013) cita as atividades desenvolvidas pelo Serviço Social que promove o atendimento aos usuários e a seus familiares, por meio de visitas domiciliares e institucionais, sendo também responsável pela Política de Assistência Social do Idoso. O autor ainda cita a atuação da Psicologia, da Pedagogia e da Educação Física como outras frentes de trabalho oferecidos pelo CCI, sendo da competência do setor da Psicologia promover ações que visem a "ressocialização do idoso

através da reflexão sobre o processo de envelhecimento, oferecendo aos usuários o apoio psicológico necessário aos dilemas da vida" (SILVA, 2013, p.70).

No que concerne à Pedagogia, o referido autor afirma que tal área fundamenta-se na realização de trabalhos educativos destinados aos idosos, buscando também a ressocialização e a reflexão sobre o envelhecer, "contribuindo para ampliar os seus horizontes culturais". E, finalmente, no que diz respeito à Educação Física, Silva (2013, p. 70), afirma que esse campo "promove o condicionamento físico dos idosos, de sua saúde e de seu bem estar biopsicossocial, mantendo-os autônomos e independentes".

O CCI "Dona Itália Franco" oferece ainda aos seus beneficiários várias atividades socioculturais, dentre as quais podemos destacar o bloco de carnaval, intitulado "Recordar é Viver" e os bailes dançantes, que tiveram início ainda na sede do PRÓ-IDOSO, sendo um dos seus eventos mais concorridos, atraindo centenas de idosos nas tardes de quintas-feiras (SILVA, 2013, p.71).

## 2.3 **Resultados e discussão**

A seguir serão descritas as informações relativas aos perfis sociodemográfico e biopsicossocial das pessoas pesquisadas, informações essas colhidas no início de cada entrevista. Ressaltamos que, tendo em vista os aspectos éticos da pesquisa, em especial no que tange ao anonimato, optamos pelo uso de nomes de flores para designar as interlocutoras, sendo tal sugestão feita por uma idosa, por ocasião da primeira entrevista. Ao findar as mesmas foram sorteados oito nomes de flores, para então nomeá-las.

Iniciaremos a apresentação dos resultados e discussões dos dados coletados, a partir da exposição da primeira seção eleita, intitulada "Damas: quem são e de onde falam?"

### 2.3.1 Damas: quem são e de onde falam?

**Margarida**: É uma mulher de 65 anos, branca, solteira, sem filhos e mora em companhia da mãe, que tem casa própria. *¨Passei pela juventude e não vivi nada, então procuro me encontrar em Deus. Passei direto, não namorei, não casei, não fiz nada disso,*

*então passei pela vida sem conhecer nada, essa é a verdade da minha vida!*[6]*”*. Relata ter estudado até a antiga quarta série primária e se aposentado como costureira, recebendo salário mínimo. Ela se julga retraída, fechada, quieta, com dificuldades para fazer amizades: “*O meu emocional é bastante complicado, eu sou fechada, não adianta, entendeu? Muito difícil, todo mundo fala que eu sou muito fechada, muito carrancuda*!”. Ela informa ser católica e participar ativamente das atividades religiosas de sua igreja. Frequenta o CCI há aproximadamente 4 anos, inicialmente participando das aulas de ginástica e pouco tempo depois passando a frequentar as aulas e os bailes de dança de salão. Está satisfeita com a atual fase de sua vida, pois sente-se livre para fazer as coisas que lhe dão prazer: “*Agora estou fazendo coisas que eu não fiz na infância, na adolescência, na juventude e nem na idade adulta*.”

**Orquídea**: É uma mulher de 67 anos, branca, viúva do primeiro casamento, com seis filhos, oito netos e quatro bisnetos. Relata a perda recente de um dos filhos: “*Nossa, eu fiquei muito pra baixo, eu fiquei até com medo de ficar com depressão.”* Atualmente está em um segundo casamento e mora com o marido e um neto em sua casa própria. Os motivos que a levaram a um segundo casamento estão relacionados ao medo da solidão e à insegurança:

> *Depois eu fiquei com um pouquinho de medo, eu tinha medo de adoecer ou de alguém entrar na casa da gente, igual a gente vê aí, estupro. Entra na casa e tá sozinha, faz o que quer lá ou mata e deixa morta lá. Isso eu pensei, eu cheguei a pensar nisso, é por isso até que eu casei de novo, pra ter um acompanhante, mais é por isso. Meus filhos moram longe, daí não posso contar com eles, mesmo os que moram aqui, eu não posso ficar contando, ela tá na casa dela, tem marido... tem esposo né?*

Ela o conheceu nos bailes do CCI, e foi através do incentivo dele que iniciou as aulas de dança de salão daquele local, pois se diz envergonhada e tímida, com dificuldade para fazer amizades. Era católica, passando a ser evangélica por influência dele. Tem o ensino médio e aposentou-se como professora primária, recebendo aproximadamente dois salários mínimos. No seu tempo livre gosta de dançar e fazer as aulas de ginástica da Unidade Básica de Saúde do seu bairro. Frequenta o CCI e os bailes da instituição há aproximadamente dez anos, mas participa das aulas de dança de salão há cerca de quatro anos. Afirma estar satisfeita com a atual fase de sua vida, apesar de relatar certa perda de autonomia e dificuldade de relacionamento após casar-se novamente.

---

[6] Os discursos das entrevistadas serão apresentados em itálico para diferenciar das citações dos teóricos que embasam este estudo.

**Bromélia**: É uma mulher de 71 anos, negra, separada, com dois filhos e três netos, mora sozinha em casa própria. A respeito de sua separação, considera ter sido uma benção!

> *Os filhos já estão encaminhados na vida, já arrumei emprego para os dois, então tá na hora da gente sair da frente e deixar a poeira passar... muitas mentiras, muitas acusações. Graças a Deus! Depois que eu separei, que benção! Tenho minha casa separada, os meus filhos, eu também quis que ficassem cada um independente. Moro sozinha!*

Estudou até a antiga oitava série ginasial e, em seguida, fez o curso de atendente de enfermagem. Aposentou-se como auxiliar de serviços gerais, recebendo um salário mínimo mensal, além de uma pequena pensão do ex-marido. É católica, frequenta o CCI e as aulas de dança de salão há seis anos, além de fazer hidroginástica em um clube do seu bairro. Faz amizades com facilidade, é dinâmica e alegre, mesmo enfrentando sérios problemas com o filho, o que a aborrece muito. Faz uso regular de medicamento para dormir, o que atribui ao fato de ter trabalhado muito tempo à noite, "*acho que o sono se afastou*". Contudo, relata estar de bem com a vida, "*solta como um passarinho para voar*", pois as fases anteriores de sua vida foram muito difíceis e sobrecarregadas.

**Rosa**: É uma mulher de 72 anos, negra, casada, com três filhos e mora em casa própria com uma filha, dois netos e o marido, embora o relacionamento entre eles não seja mais conjugal. Relata a perda recente de um filho, o que está lhe causando muita tristeza. Seu discurso é permeado pela revolta e agressividade, estando em terapia com a psicóloga do CCI. Relata também ser muito infeliz no casamento e sentir-se muito só. Estudou até a antiga segunda série primária. Foi empregada doméstica, porém atualmente assume apenas as responsabilidades do lar, não possuindo renda própria, uma vez que relata não ter se aposentado. Ela afirma ter sido evangélica mas que, após a perda do filho, abandonou toda e qualquer religião. A única atividade que pratica é a dança de salão. Ela relata frequentar o CCI, as aulas e os bailes de dança de salão há aproximadamente cinco anos. Além do CCI, frequenta aulas de dança de salão em outra escola. Fala de uma infância feliz, seguida de tempos difíceis e quanto à atual fase de sua vida, considera como a única coisa boa, a dança de salão: "*Quando eu estou na dança, eu esqueço que o mundo existe, eu não tenho filhos, não tenho marido, não tenho netos, não tenho nada, eu esqueço! Só que, quando eu vou pra casa, volta tudo de novo.*"

**Hortência**: É uma mulher de 73 anos, negra, viúva, tem um filho, dois netos e um bisneto e mora sozinha em casa própria. Tem boa saúde, é alegre, dinâmica, e faz amizades com facilidade. Estudou até a antiga quarta série primária e aposentou-se como empregada doméstica, recebendo um salário mínimo mensal. É católica e no seu tempo livre gosta de praticar jardinagem, frequentar o CCI e ajudar uma amiga a fazer bolos. Frequenta o CCI, as aulas e bailes de dança de salão há aproximadamente dez anos. Relata que sua vida de solteira não foi boa e a de casada pior ainda, porém está muito satisfeita com a atual fase de sua vida. Segundo ela, *"agora é curtir, já trabalhei bastante!"*

**Violeta**: É uma mulher de 74 anos, negra, viúva, tem quatro filhos e quatro netos, mora sozinha, em casa alugada. Alega ter se casado muito nova, com um homem que *"não valia nada*". Após a viuvez, manteve um relacionamento duradouro com um companheiro, que também veio a falecer recentemente, causando-lhe muita tristeza e ansiedade. Não se considera velha, pois é independente e capaz de cuidar de si mesma:

> *Dizer assim que eu estou na velhice, eu não estou não... eu estou andando sozinha, me virando sozinha, vou ao médico sozinha, vou ao banco sozinha... quer dizer, eu não estou na velhice, velhice é a pessoa que depende das pessoas, assim pra levar, e eu por enquanto, não preciso disso, graças a Deus!*

Estudou até o antigo curso ginasial e aposentou-se como cozinheira, recebendo um salário mínimo mensal. É católica e, no seu tempo livre, gosta de bordar, ler, fazer palavras cruzadas e assistir televisão. Está satisfeita com a fase atual da sua vida, apesar de queixar-se de certa solidão. É saudável e independente. Ela relata frequentar o CCI há 14 anos e as aulas e os bailes de dança de salão há aproximadamente quatro anos.

**Dama da Noite**: É uma mulher de 78 anos, branca, separada, com sete filhos, mais de vinte netos e mora sozinha em casa própria. Queixa-se muito da perda dos pais, dos quais não se lembra, pois os perdeu muito cedo, tendo, até os sete anos, sido criada por uma tia que judiava muito dela e que a colocou no orfanato, onde chorava muito e onde ficou até os doze anos. Dos doze aos quinze anos morou com outro tio, que a tratava melhor. Após os 15 anos veio para a cidade trabalhar em fábricas. Relata ter tido uma vida de muito *"pelejo"*, mas que agora vive tranquila e que não lhe falta nada. Segundo ela "*agora é que eu vivo*!" É vaidosa e se considera independente. Com relação à saúde, há três anos teve um Acidente Vascular Cerebral e tem artrose nos joelhos, o que limita muito os seus movimentos. Sente-se solitária e considera-se muito tímida, com sérias dificuldades para fazer amizades. Estudou até a

segunda série do antigo primário e aposentou-se como empregada doméstica. Recebe um salário mínimo mensal e tem uma pequena ajuda financeira dos filhos. É católica e no seu tempo livre gosta de ler, frequentar o CCI e assistir televisão. Ela relata frequentar o CCI há dezoito anos, porém não soube precisar o tempo que frequenta as aulas de dança de salão, informando, porém, que provavelmente, já é aluna há aproximadamente treze anos.

**Azaleia**: É uma mulher de 94 anos, negra, solteira, não tem filhos e mora sozinha, em casa própria. Relata ter ficado curada de um câncer no estômago há dez anos. Destaca-se pela vivacidade e independência e revela, visivelmente orgulhosa, não tomar nenhum tipo de remédio e ser capaz de fazer tudo sozinha, inclusive longas viagens! Segundo ela, a causa da dependência dos idosos pode residir na própria família:

> *Aí a família começa: você não pode sair sozinha, você não pode receber porque os outros vão te assaltar, você não pode comer isso porque vai te fazer mal, não pode ir ali sozinha porque tem perigo. Deixa que seu filho vai receber para você, ou então ele vai com você. Então é apoio demais da família!*

Quanto a sua escolaridade, afirma ter o antigo curso primário e ter aposentado como fiandeira, recebendo um salário mínimo mensal. É católica e no seu tempo livre gosta de fazer trabalhos manuais como o crochê e o tricô, gosta muito de dançar, assistir televisão, visitar os amigos e viajar. Ela relata frequentar o CCI há 24 anos, sendo uma das primeiras frequentadoras da instituição. Quanto às aulas e aos bailes de dança de salão, ela frequenta há aproximadamente 15 anos, porém afirma já praticar a dança de salão em outros locais há cerca de 18 anos. Relata episódios de preconceito e discriminação durante a infância, afirmando ter tido uma vida de muito trabalho. Fala de uma juventude muito boa, com muita dança e se diz muito satisfeita com a atual fase de sua vida, pois agora sente-se livre de obrigações e responsabilidades familiares. Segundo ela, *"envelhecer é uma benção de Deus!"* e acredita que para que alguém envelheça com qualidade é preciso "*primeiro saúde e depois querer viver!"*

2.3.1.1 Damas: quem são e de onde falam? - sentidos e possibilidades

Todas as entrevistadas atualmente residem em Juiz de Fora, MG, que segundo estudo realizado pelo Centro de Pesquisas Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (2012) é um dos municípios com maior número de idosos e melhores índices de qualidade de vida do Brasil. De acordo com Monteiro *et al* (2012, p. 8) Juiz de Fora possui atualmente 516.247 habitantes e está "situada na Zona da Mata a 225 Km da capital mineira", possuindo uma das mais altas expectativas de vida do país e sendo também considerado um dos principais polos industriais, culturais e universitários do estado de Minas Gerais.

No tocante ao estado civil das informantes, das oito mulheres entrevistadas, três são viúvas, duas são solteiras, duas são separadas e somente uma delas é casada, evidenciando o que Berquó, citada por Goldenberg (2010a, p. 31), denomina de "pirâmide da solidão". Segundo tal autora, há um número consideravelmente maior de homens idosos em alguma situação conjugal, quando comparados com as mulheres nessa mesma faixa etária. A explicação para tal fenômeno, segundo Salgado (2002), além de uma maior longevidade feminina, reside na constatação de que os homens, após uma viuvez ou separação, voltam bem mais a se casarem quando comparados com as mulheres nessas mesmas condições. Somado a isso os homens, tradicionalmente, se casam com mulheres mais novas, o que ratifica o posicionamento de Debert (2012, p. 164), que afirma "que as chances de as mulheres estarem casadas em idades mais avançadas são bem menores do que os homens". O discurso queixoso de Margarida ao falar: "*não namorei, não casei, não fiz nada disso, então passei pela vida sem conhecer nada, essa é a verdade da minha vida!*", nos remete à pesquisa de Goldenberg (2010b, p. 35), evidenciando que, "diferentemente das alemãs, as brasileiras centram seus discursos na figura masculina". A autora, a partir dos depoimentos de suas pesquisadas, constatou "a existência de uma riqueza extremamente valiosa para as brasileiras: o marido". A essa riqueza ela denomina de "capital marital".

Ainda em relação ao fenômeno da "pirâmide da solidão", tal fato pode configurar-se como uma desvantagem no tocante ao envelhecimento feminino pois, segundo Neri (2007, p. 61), um dos fatores protetores do envelhecimento masculino em comparação com o feminino reside no fato de os homens terem mais probabilidade de serem cuidados na velhice, visto que estes geralmente são casados. Essa situação foi sublinhada na medida em que o perfil sociodemográfico apresentado exibiu um panorama no qual a maioria das mulheres moram sozinhas. Das oito mulheres entrevistadas, cinco delas declararam morar sozinhas, apesar de

quatro terem filhos e netos. O discurso de Orquídea, justificando os motivos do seu segundo casamento, revela a realidade de muitas idosas que têm na viuvez e na saída dos filhos o início da solidão e da insegurança: *"é por isso até que eu casei de novo, pra ter um acompanhante, mais é por isso. Meus filhos moram longe, daí não posso contar com eles, mesmo os que moram aqui, eu não posso ficar contando, ela tá na casa dela, tem marido... tem esposo né?"*

Quanto ao grau de instrução ficou evidente a baixa escolaridade das idosas. Esse dado é preocupante, pois "sabe-se que quanto mais alto o nível de escolaridade, maior a probabilidade de preservação das capacidades intelectuais até a idade avançada" (DOLL, 2007, p. 117). A baixa escolaridade das entrevistadas confirma o posicionamento de Siqueira (*apud* Neri, 2007, p. 216), que afirma que "a população idosa é menos escolarizada do que as gerações mais jovens, sendo significativo o número de idosos que se declaram analfabetos e daqueles que dizem ter dificuldades para ler e escrever".

Ainda de acordo com essa autora, a baixa escolaridade impacta negativamente a vivência da velhice, sendo um dos principais fatores de exclusão social. Indivíduos pouco instruídos apresentam uma menor empregabilidade e renda, bem como um limitado acesso a atividades culturais, de saúde e de defesa dos seus direitos, além de ser um fator que dificulta a convivência entre gerações (SIQUEIRA, 2007, p. 216). Os dados apresentados trazem mais um fato preocupante no que compete a baixa escolaridade das entrevistadas, uma vez que Neri (2007) afirma que os homens, na velhice, desfrutam de níveis de renda e escolaridade geralmente mais altos que os das mulheres idosas, sendo esse mais um dos fatores de desproteção do envelhecimento feminino quando comparado com o masculino. Os dados relativos ao baixo rendimento mensal das idosas pesquisadas nos leva a refletir, mais uma vez, acerca das dificuldades do envelhecimento feminino, visto que Neri (2007), afirma que a renda dos homens é consideravelmente superior à das mulheres.

No que concerne aos baixos níveis de escolaridade e renda da população idosa podemos pensar que tais dados estejam relacionados a uma época em que somente uma minoria privilegiada tinha acesso à educação formal e, no caso dos baixos rendimentos mensais das mulheres, culturalmente poucas construíam uma carreira profissional, como podemos constatar nos depoimentos das idosas pesquisadas. O perfil das damas mostra que apenas uma possui o ensino médio, tendo a mesma feito o magistério e se aposentado como professora, uma das poucas profissões fora do âmbito doméstico a que tinham acesso as mulheres daquela geração.

Apesar da baixa renda, praticamente todos as idosas entrevistadas declararam residir em casa própria, sendo que a única informante que mora em casa alugada relatou ter o aluguel pago por um dos filhos. Tal dado talvez possa nos ajudar a entender como essas mulheres conseguem sobreviver com rendas tão baixas, uma vez que, segundo relatos dessas idosas, todas possuem algum tipo de doença e uma parcela significativa de suas rendas é destinada à aquisição de medicamentos. Em síntese, as mulheres idosas que fizeram parte da presente pesquisa constituem parte de um grupo social com escolaridade e renda extremamente baixas.

Quanto à religiosidade das informantes, constatou-se que das oito entrevistadas apenas uma relata não professar atualmente uma fé específica. Segundo ela, a partir da morte de um de seus filhos, ela se afastou da igreja evangélica a qual pertencia, encontrando-se em acompanhamento psicológico no momento. A perda de entes queridos foi um dado que emergiu em alguns depoimentos, quase sempre associados a uma profunda tristeza, como também foi o caso de Orquídea, que ficou viúva e também perdeu recentemente um filho: "*Nossa, eu fiquei muito pra baixo, eu fiquei até com medo de ficar com depressão.*". Violeta também se refere à morte recente do companheiro como motivo de grande tristeza e ansiedade. Porém, a realidade de Azaleia, talvez seja a que mais revele o quão dolorosa pode ser a tão ambicionada longevidade, uma vez que ela, aos 94 anos, relata não ter mais nenhum parente próximo vivo. Nesse sentido e no que refere à espiritualidade, Stroppa e Moreira-Almeida (2010, p. 49) afirmam que o nível de envolvimento religioso tende a estar inversamente relacionado à depressão e que, comumente, o impacto positivo da religiosidade na saúde mental é mais acentuado nos indivíduos sob estresse ou em situações de fragilidade, como é o caso dos idosos. Ainda no tocante à religiosidade, percebemos a prevalência do catolicismo nas idosas pesquisadas. A presença majoritária de católicas no perfil das damas está de acordo com a pesquisa realizada, em 2006, pela Fundação Perseu Abramo, em parceria com o SESC Nacional e SESC São Paulo, que aponta que 70% das mulheres idosas do Brasil professam a fé católica (NERI, 2007). Quando as entrevistadas da presente pesquisa foram questionadas acerca dos motivos que as levaram a optar pelo catolicismo, as idosas afirmaram dar seguimento a uma tradição familiar, visto que nasceram em lares católicos.

Na análise dos dados constatamos que a idade das mulheres está compreendida entre 65 a 94 anos, perfazendo uma média de 74,25 anos. Contudo, em seus relatos, muitas afirmavam que não se sentiam velhas. Quanto à dificuldade de percepção da própria velhice, Beauvoir (1990, p. 353), afirma que normalmente a revelação de nossa idade vem do outro e que não aceitamos isso de bom grado, pois toda uma tradição deu à palavra velho um sentido depreciativo. Ela conta como foi a primeira vez em que se sentiu velha: "Eu estremeci, aos 50

anos, quando uma estudante americana me relatou a reação de uma colega: Mas então, Simone de Beauvoir é uma velha!".

Ainda no que diz respeito à percepção da velhice, temos em Mercadante e Brandão (2009, p.101) a afirmação de que "ser velho é diferente de sentir-se velho", e é o que podemos confirmar no depoimento de *Violeta*, que diz não se sentir velha, pois: "*Eu estou andando sozinha, me virando sozinha, vou ao médico sozinha, vou ao banco sozinha, quer dizer, eu não estou na velhice, velhice é a pessoa que depende das pessoas, assim pra levar, e eu por enquanto, não preciso disso, graças a Deus"*. Para *Violeta*, o que define a velhice não é a idade cronológica, mas sim a dependência, conforme também demonstra a pesquisa de Debert (2012, p.26), que constatou que mulheres com 70 anos ou até muito mais idosas, não tinham a idade como um marcador de velhice e, sim, a perda da autonomia.

Ainda refletindo sobre a idade das informantes da presente pesquisa, encontramos em Salgado (2002, p. 8) que, "as mulheres vivem, em média, sete anos mais que os homens e estão vivendo mais do que nunca". A informante *Azaléa* é um exemplo dessa realidade, já que aos 94 anos exibe grande vivacidade, independência e autonomia. Chama atenção o seu depoimento acerca da causa da dependência dos idosos:

> *Aí a família começa: você não pode sair sozinha, você não pode receber porque os outros vão te assaltar, você não pode comer isso porque vai te fazer mal, não pode ir ali sozinha porque tem perigo. Deixa que seu filho vai receber para você, ou então ele vai com você. Então é apoio demais da família!*

Ratificando o seu parecer temos em Caradec (2011, p.35), que essa excessiva "ajuda" realmente pode comprometer a autonomia do idoso, pois ao desincumbir os pais de certas tarefas, os filhos podem também estar privando-os de se exercitarem física e psiquicamente, o que lhes pode trazer uma diminuição da força muscular e do equilíbrio postural, comprometendo ainda mais a sua capacidade de locomoção e deslocamento. O autor ainda afirma que o fato de não sair de casa pode levar o idoso a um isolamento social, e, consequentemente, a um menor interesse com os cuidados pessoais.

No que diz respeito à idade cronológica da amostra, Belo (2013, p.7) afirma que as mulheres idosas são maioria em todas as sociedades envelhecidas, inclusive no Brasil e que "a preponderância das mulheres nesse contingente populacional revela a *feminização da velhice*". De acordo com Chaimowicz e Camargos (2012, p. 37) "em 1950, no Brasil existiam cerca de 100 homens para cada 100 mulheres na faixa etária de 65 a 69 anos, mas em 2000 eram somente 81 e em 2020 deverão ser apenas 78 homens para cada 100 mulheres".

Refletindo sobre a faixa etária das entrevistadas, o fato de elas estarem com idade igual ou acima dos 65 anos leva-nos a crer que as mesmas vivenciam a fase que coincide com a idade da aposentadoria e, consequentemente, de maior tempo livre. Mesmo as mulheres que só exerciam as atividades domésticas agora possuem maior liberdade e disponibilidade de tempo para a prática de outras atividades, provavelmente por já terem criado seus filhos e, também, por serem solteiras, separadas ou viúvas, visto ser frequente em seus depoimentos, o relato de uma vida social anteriormente regrada pelos homens, nesse caso, seus pais e/ou maridos. A entrevistada *Bromélia* exemplifica bem essa realidade ao afirmar que a sua separação foi "*uma benção*!" e que agora se sente "*solta como um passarinho para voar*". A satisfação com a atual fase da vida foi uma unanimidade entre as idosas, que relataram uma vida repleta de privações e de muito "*pelejo*" e que só agora, segundo a interlocutora *Margarida*, faz "*coisas que eu não fiz na infância, na adolescência, na juventude e nem na idade adulta"*. *Hortência* também fala que as demais fases de sua vida não foram boas e que a vida de casada foi a pior delas, afirmando também ter trabalhado muito e que "*agora é curtir*!". *Azaleia* por sua vez, diz que agora se sente livre de obrigações e responsabilidades, considerando a velhice "*uma benção*!". Os relatos das entrevistadas estão em consonância com os resultados do estudo de Goldenberg (2015, p.45), que afirma que, quanto mais avançava a idade de suas informantes mais pontos positivos sobre a velhice elas elencavam. Para a referida autora:

> As mulheres mais velhas, em sua maioria, afirmaram que deixaram de se preocupar com a opinião dos outros e passaram a priorizar os próprios desejos. Enfatizaram que, com o avanço da idade, ganharam uma coisa extremamente preciosa: a liberdade. As frases: "hoje eu sou livre" e "hoje eu posso ser eu mesma pela primeira vez na minha vida" foram repetidas por muitas pesquisadas que perceberam o envelhecimento como uma descoberta altamente valorizada, de um "eu" que estava encoberto ou subjugado pelas obrigações sociais e familiares. Casadas, solteiras, divorciadas ou viúvas, elas dizem categoricamente: "É o melhor momento da minha vida".

Contudo, Belo (2013, p. 16) afirma que é necessário muita cautela com a defesa indiscriminada do conceito de *envelhecimento ativo*, pois a "nova imagem de velhice associada à produtividade, alegria, melhor idade, [...] vitalidade e saúde, produz efeitos contraditórios", na medida em que:

> Se, por um lado, estimula a autoestima e a capacidade das pessoas idosas, contribuindo para desconstruir os estereótipos anteriores associados à ideia de incapacidade e doença, por outro lado, cria a responsabilidade e a obrigação por parte deste grupo social de buscar sua sobrevivência, independente dos recursos públicos (BELO, 2013, p.16).

Ainda de acordo com Belo (2013, p.6) “a euforia pretendida pelo modelo de velhice ativa omite as desigualdades estruturais dos grupos com maiores dificuldades (principalmente as mulheres e, em especial, as de baixa renda)” e pode contribuir para a exclusão social e econômica da mulher idosa. Nesse sentido Telles (2008) faz o seguinte alerta:

> Não podemos deixar de ratificar que as atividades físicas para idosos foi incorporada predominantemente pela classe média e alta que detém condições de na fase final da vida reconhecer no exercício físico uma forma de potencializar suas chances na busca por uma melhor qualidade de vida. Esperar que indivíduos massacrados por uma vida de privações, exaustos por longas jornadas de trabalho que descompassaram sua idade biológica e cronológica desenvolvam tais atitudes é eximir o sistema da culpa e abandoná-los a própria sorte. Aliás, é o que vem acontecendo (TELLES, 2008, p.120).

Assim sendo é fundamental, para melhor atendermos essa população, evitarmos as perigosas generalizações, pois a experiência da velhice, assim como a vivência das demais fases da vida, é uma realidade individual, que “deve ser dita na primeira pessoa e vista na perspectiva e no movimento da história individual e singular de cada um” (BRANDÃO, 2000, p.126 *apud* MERCADANTE; BRANDÃO, 2009, p.12).

Quanto à cor das informantes observamos uma predominância de mulheres negras na pesquisa. Apesar da amostra ser consideravelmente pequena, é necessário atentarmos para o que alguns estudos vêm indicando acerca do índice de mortalidade por raça, sendo apontada nestas pesquisas a ocorrência de uma maior esperança de vida da população branca quando comparada com a negra. Um estudo acerca das mulheres idosas, realizado por Camarano (2003), revela que além de viverem menos, as mulheres pardas e negras reportaram piores condições de saúde do que as brancas, sendo ainda mais considerável as diferenças relativas aos problemas cardíacos e a hipertensão arterial. Observa-se, no entanto, que a etnia não pode ser um fator isolado causador das baixas condições de saúde da população negra, uma vez que ela vem sendo, ao longo dos tempos, como denuncia Nascimento Neto e Vasconcelos (2011, p.4),

> Vítima de problemas de saúde decorrentes das aviltantes condições de vida, condições reforçadas pela herança racista sofrida por essa parcela da população brasileira e que perdura até os dias atuais; além de terem dificuldade de acesso aos serviços públicos de saúde; sem contar que as patologias as quais têm maior suscetibilidade não vêm tendo uma cuidadosa atenção por parte dos gestores da área.

Em Winch e Escobar (2012, p. 235) encontramos a afirmação de que as negras no Brasil se inserem num ciclo de marginalização e discriminação social e comumente estão

sujeitas a um “duplo preconceito: racial e de gênero” Os autores acima citados ainda denunciam que a situação se torna ainda mais grave quando essas mulheres são pobres, o que nos leva a refletir sobre o contexto das informantes do presente estudo, que além de mulheres, negras e pobres, são vítimas em potencial de mais de um tipo de preconceito, uma vez que são também idosas. De acordo com Valente e Rosa (2016, p. 74) “ser mulher é sofrer discriminação, mas ser mulher velha é pertencer ainda a outra categoria: é ser ainda mais discriminada, pois se na atual sociedade ser feliz é sinônimo de ser jovem e bonita, envelhecer não é permitido e ser mulher velha é ser olhada com restrições e preconceitos”.

No que concerne a discriminação racial *Azaleia* relatou que na infância se sentiu discriminada pela cor da pele e que tal vivência ainda lhe traz muita revolta e dor. Com os olhos marejados de lágrimas disse que quando menina nutria o desejo de se vestir de anjo para coroar Nossa Senhora, uma tradição da Igreja Católica que acontece anualmente no mês de maio. Disse que se muniu de coragem e foi sozinha até a igreja pedir à organizadora do evento que desse a ela essa oportunidade, o que foi aceito. Ela então, muito feliz, voltou rapidamente para casa e contou a novidade para a mãe, que também muito feliz e orgulhosa, pôs-se logo a fazer a vestimenta branca da filha. *Azaleia* relata que ensaiou exaustivamente os cantos e os gestuais da coroação, indo a todos os ensaios, porém, no dia da cerimônia, diante da igreja repleta, a organizadora desfez o seu sonho, ao colocar outra menina, branca e de olhos azuis, para coroar Nossa Senhora. Foi emocionante a fala daquela idosa que, aos 94 anos, com a voz embargada, questionou: “*Será que só por eu ser preta não podia coroar Nossa Senhora?!*

Finalizando essa breve análise, os dados apresentados nos informam a respeito das principais atividades de lazer realizadas pelas idosas. A dança foi a atividade mais citada, seguida da televisão, ginástica, trabalhos manuais, leituras, atividades religiosas e cuidados com a casa. Interessante observar nesses depoimentos o surgimento de várias atividades realizadas na esfera doméstica, o que está em consonância com a afirmação de Moreno (1999, p. 32) que afirma que as brincadeiras das meninas denotam desde muito cedo o caráter pacífico a elas atribuído, uma vez que são estimuladas a brincarem de cozinheiras, cabeleireiras, princesas, mães e enfermeiras, enquanto que “os meninos são livres para ser índios, ladrões de gado, bandidos, policiais, super-homens, tigres ferozes ou qualquer outro elemento da fauna agressiva”.

Em Votre et al. (2009) temos que a educação das meninas sempre foi mais direcionada para o espaço privado, enquanto que os meninos, desde tenra idade, foram mais incentivados a saírem de casa em busca de diversão e trabalho. A partir dessas afirmações podemos

compreender a justificativa de Alves (2004) para a maior procura das mulheres pelos grupos de convivência. Para ela a explicação para esse fenômeno reside, em parte, na oferta de atividades mais direcionadas para o público feminino, bem como a maior concentração de mulheres com mesmo perfil socioeconômico e a possibilidade de socialização em espaços fechados e controlados que tais mulheres encontram nesses locais.

### 2.3.2 Primeiros passos

Nessa seção iremos abordar alguns aspectos referentes à entrada das entrevistadas nas aulas de dança de salão do CCI, por isso designamos a mesma de "Primeiros Passos". Nela as protagonistas relatam como ingressaram nas aulas, bem como suas motivações para ingressarem e permanecerem nas mesmas, relatando também se tiveram ou não o apoio de amigos e/ou familiares.

As figuras 1 e 2 e o quadro 1, a seguir, apresentam uma síntese dos dados oriundos dos discursos das idosas. A primeira e a segunda figuras apresentam como elas ingressaram na dança de salão, bem como as informações relativas ao apoio de seus familiares, enquanto que o quadro 1 faz uma síntese dos motivos que levaram tais idosas a buscarem as aulas de dança de salão, informando também o que as motivam a permanecerem nessas aulas.

Figura 1 - Ingresso

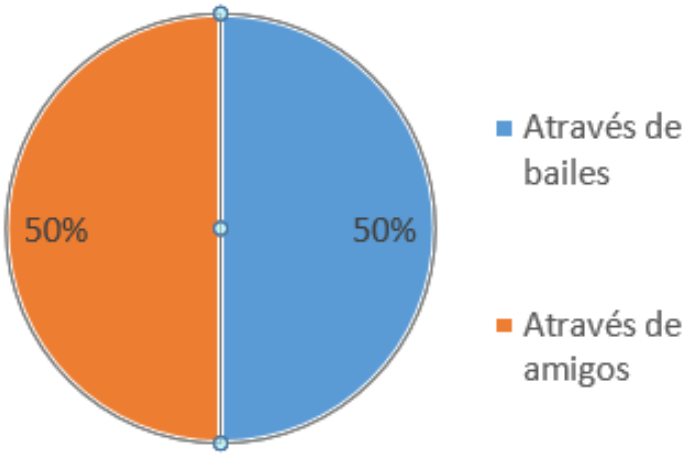
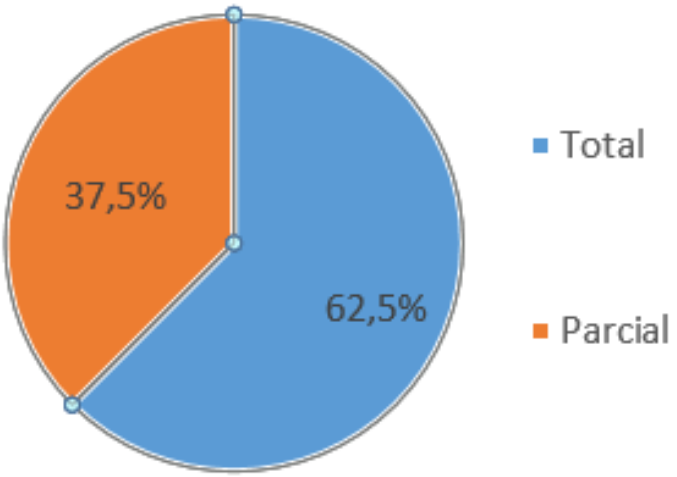


Figura 2 - Apoio




Por meio das figuras acima podemos constatar que 50% das idosas relataram que ingressaram nas aulas de dança de salão do CCI através da indicação de amigas e 50% a partir da ida em bailes. Quanto ao apoio, 62,5% das entrevistadas afirmaram ter tido total apoio dos familiares para ingressarem nas aulas, contudo, 37,5% das idosas revelaram que esse apoio foi apenas parcial.

Quadro 1 - Motivação para ingresso e permanência

| Sujeitos | Ingresso | | | | | Permanência | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Técnica | Gosto pela dança | Alegria e amizades | Gratuidade | Indicação médica | Gosto pela dança | Amizade | Ambiente (música, alegria e diversão) | Atividade Física | Orientação medica | Técnica |
| Hortência | ✓ | | | | | | ✓ | ✓ | | | |
| Rosa | ✓ | | | | | ✓ | | | | | |
| Orquídea | ✓ | ✓ | | | | | ✓ | ✓ | | | |
| Dama da Noite | ✓ | ✓ | | | | | | | ✓ | | |
| Margarida | | ✓ | | ✓ | | ✓ | ✓ | ✓ | | | |
| Azaléa | | ✓ | | | ✓ | ✓ | ✓ | | | ✓ | |
| Bromélia | | | ✓ | | | | | | | | ✓ |
| Violeta | ✓ | | | | | ✓ | | ✓ | ✓ | | |

O quadro 1 nos informa que, quanto à motivação para ingresso nas aulas de dança de salão do CCI, o desejo de aprender a dançar e o gosto pela dança foram os motivos mais citados pelas idosas, seguidos da busca de alegria e amizades, da gratuidade das aulas e da indicação médica. No que relaciona-se à motivação para permanecer nas aulas, o gosto pela dança, as amizades conquistadas e o ambiente agradável, alegre e divertido foram os motivos mais citados, seguidos da busca de uma atividade física, da orientação médica e do desejo de aprender novos passos.

2.3.2.1 Primeiros passos: a voz das idosas

Quando perguntadas sobre como ingressaram nas aulas de dança de salão e o posicionamento de seus familiares mediante tal iniciativa, bem como quais foram as motivações para ingressarem e permanecerem nessa atividade, obtivemos diversas respostas, que agrupamos numa seção denominada "Primeiros passos", por entender que tais informações estavam relacionadas à entrada dessa mulheres no universo da dança de salão. Apresentamos a seguir os indicadores dos discursos de cada entrevistada, limitando-nos, nesse momento, a descrevermos os seus posicionamentos e a trazermos para o texto, sempre que possível, suas vozes na íntegra.

O primeiro passo foi dado por *Hortência*, nossa primeira interlocutora, que relata ter ingressado nas aulas de dança de salão do CCI há aproximadamente 13 anos, por meio da indicação de uma amiga. Para isso contou com o apoio do filho, que dizia: "[...] *a senhora fica só dentro casa, chorando aí, inventando moda [...].*" Sua motivação inicial foi o desejo de aprender a técnica da dança de salão e novas formas de dançar, desenvolvendo o domínio da linguagem da dança de salão presentes nos bailes.

> *É que eu nunca tinha visto... tinha aprendido, não sabia, né? Dançar forró eu dançava mal. Falei com minha amiga que era para eu aprender uma coisa diferente para quando eu estiver num baile, para eu pegar uma pessoa que saiba me pegar e eu saber dançar. Aí por isso que eu entrei.*

*Rosa*, a segunda entrevistada, conta que ingressou na dança de salão há mais ou menos seis anos, através da ida a dois dos bailes do CCI. Segundo a idosa, o suporte da família foi parcial, pois somente os filhos apoiaram a sua decisão, enquanto que o marido não, uma vez que para ele "*as mulheres que fazem aula de dança não prestam*". Quanto à sua motivação

para ingressar na dança de salão, ela fala do desejo de aprender a técnica da dança a dois, contando sobre sua experiência nos bailes: *"Eu vim aqui umas duas vezes pra ver o pessoal dançar. Aí, uma pessoa me tirou pra dançar e eu não sabia [...]. Aí, eu fiquei morrendo de vergonha, e falei assim - agora eu vou entrar pra aula de dança!"*. Já o motivo de sua permanência nas aulas reside no fato de gostar muito de dançar, sendo esses, segundo ela, os melhores momentos de sua vida.

A terceira interlocutora, de pseudônimo *Orquídea*, conta que ingressou há aproximadamente quatro anos nas aulas do CCI, através da frequência aos bailes da instituição, recebendo total apoio da família. Quando perguntada sobre suas motivações para ingresso nas aulas de dança de salão do CCI, ela respondeu:

> *Olha, toda vida eu era doida pra entrar na dança de salão. Toda vida, desde criança! Aí, eu via os outros dançarem e eu ficava encantada, achava lindo! Mas eu tinha vergonha porque eu era tímida, até hoje eu sou. Então... até que eu conheci o meu atual marido aqui... mas, eu acho lindo! Nossa, eu sou vidrada! Eu toda vida via... eu ia nesses bailes e não sabia dançar, e quando eu via um casal dançando dança de salão, eu ficava olhando, eu parava para só ficar olhando a pessoa dançar, eu gosto muito.*

Já quando indagada acerca dos motivos que justificam sua permanência nas aulas de dança de salão, ela relata que as amizades conquistadas e o ambiente alegre e com música são decisivos para a sua continuidade na atividade.

*Dama-da-noite*, a quarta entrevistada, conheceu a dança por meio dos bailes do CCI, que frequentava há aproximadamente 15 anos. Segundo a informante ela teve um apoio relativo dos filhos, já que os mesmos não se importaram com o fato de ela entrar para a dança, "*desde que eu não namore, mas se eu tiver que namorar, eu namoro sim! Sou maior de idade [risos], maior da terceira idade"!* Sua motivação para ingressar nas aulas de dança do CCI nasceu do gosto e da vontade de aprender a técnica da dança de salão: *"Eu sempre gostei, quando começou a aula de dança eu fiquei fascinada! Aí eu falei, eu tenho que aprender a dançar! Aí, eu até paguei professor particular em casa, pagava R$12,00 por dia"*. Porém, o que atualmente a motiva a continuar praticando a dança de salão é a necessidade de exercitar-se, pois tem artrose nos joelhos, o que lhe tem provocado muitas dores e limitação de movimentos.

A quinta interlocutora é *Margarida* que conta que ingressou nas aulas de dança de salão do CCI há cerca de três anos, por meio da indicação de uma amiga, afirmando que teve total apoio da família. Justificando tal apoio, ela dá a seguinte explicação: *"Na minha família a gente sempre saiu para ir a bailes, então, eu continuar indo em bailes e indo às aulas de*

*dança de salão, foi só uma continuação do que eu já fazia"*. Sua motivação para ingressar na dança de salão foi o fato de sempre ter gostado de dançar e desde bem nova dançar, salientando que a gratuidade da atividade pesou na decisão. Suas motivações para permanecer nas aulas estão relacionadas ao fato de gostar muito de músicas, de dançar e da oportunidade de conviver com as pessoas.

*Azaleia*, a sexta entrevistada, relata que ingressou nas aulas de dança de salão há mais de 15 anos, através dos bailes da instituição e que foi apoiada pelos amigos em sua decisão de entrar para as aulas, pois já não tem mais familiares diretos vivos. Quanto à sua motivação para ingresso, ela afirma: "*Eu entrei porque eu fui ao médico e ele falou assim: 'Faz dança!' Mas eu sempre gostei de dançar, sempre fui aos bailes"*. Diz que o que a leva a continuar frequentando as aulas são o gosto pela dança, as amizades e a manutenção da indicação médica.

A penúltima interlocutora, *Bromélia*, ingressou nas aulas há aproximadamente 6 anos, por indicação de amigas. Quando perguntada sobre o apoio ou não da família, ela afirma ter tido um apoio parcial, o que não a incomoda, pois "*faço o que quero, eles têm que me respeitar*". Quando indagada sobre o porquê ingressou nas aulas de dança de salão do CCI, diz que estava em busca de alegria e amizades, e contou com incentivo das amigas, que falaram:

> *Não fica dentro de casa não, vamos pra frente, porque a fila anda... vamos inventar mais coisas pra gente fazer... você está na dança, na música e vai embora...' Se você está triste, está meio agitada, nervosa, você vem pra cá, conversa com um, conversa com outro, joga conversa fora. Eu acho divertido!*

Quanto aos motivos que a levam a permanecer nas aulas, ela afirma que a sua maior motivação é o desejo de aprender passos novos para melhorar sua *performance* nos bailes.

*Violeta*, a última idosa entrevistada, diz que, incentivada por um antigo professor de dança, começou a fazer aulas no CCI há mais de quatro anos. O apoio, tanto dos amigos quanto dos familiares foi total: "*Meu filho até me leva nas aulas e nos bailes*". Motivou-a, inicialmente, o aprendizado da técnica:

> *Dançar a gente dança qualquer coisa, né? Todo muito diz: eu já sei dançar, então pra que entrar na aula de dança de salão? Mas não é isso. A dança de salão tem o macete, aprender os passos... e isso aí é uma grande coisa pra gente. A gente acha que não. Dançar, eu também sei, eu danço desde criança. Mas se eu for num salão para dançar uma dança diferente, eu não sei, e fazer aqueles passos diferentes é muito bonito, né? Eu gosto muito.*

Já as motivações para a sua permanência, ela relata ser, além do gosto pela dança, o ambiente divertido e a oportunidade de exercitar-se fisicamente.

2.3.2.2 Primeiros passos: sentidos e possibilidades

Nos relatos das idosas verificamos que as mesmas frequentam as aulas há um tempo considerável, o que é um dado interessante, na medida em que um fenômeno bastante comum no universo dos programas de atividade física destinados aos idosos é a evasão. Os estudos mostram que a prática regular de atividade física é fundamental para a prevenção e manutenção da saúde física e mental dos idosos e que "as ações preventivas de saúde são as melhores ferramentas para conquistar um envelhecimento saudável" (FURTADO, 2012, p. 200). Mas, infelizmente, a prática regular de exercícios físicos não é um hábito muito frequente para a maioria dos idosos, pois eles, segundo Nogueira (2012), não se sentem atraídos por tais práticas, o que gera problemas na regularidade e aderência aos mesmos. Quanto à procura e desistência da prática de exercícios físicos, Barroso Júnior (2015) afirma que as questões relacionadas à busca pela saúde e à sua falta são as principais causas dessas adesões e evasões. Corroborando com tal afirmação, *Bromélia* relata: *"Quando eu terminava de fazer a ginástica eu sentia muita dor na coluna e eu tenho artrose também, que já me acompanha há bastante tempo. Aí eu preferi fazer foi a dança de salão mesmo"*.

Nesse sentido a dança de salão pode ser muito eficaz no combate ao sedentarismo e sua oferta se apresenta então como uma boa alternativa de atividade física para os idosos, uma vez que, além de ter "características de esforço físico, traz satisfação por ser uma atividade conjunta ao embalo da música. É lúdica e acessível a todos, já que as únicas exigências fundamentais e indispensáveis são a música, o espaço e um parceiro" (RIED, 2004, apud FONSECA, 2008, p.16). Sendo assim, também pode ser uma possibilidade de manutenção dos idosos inseridos nos programas de atividade física, uma vez que a taxa de evasão entre os praticantes de dança de salão é baixa, sendo frequentes os casos de idosos que a praticam por longos anos, como é o caso de *Hortência*, *Azaleia* e *Dama da Noite*, três de nossas pesquisadas, que frequentam as aulas de dança de salão do CCI há mais de uma década.

Quanto à forma de ingresso nas aulas de dança de salão do CCI, 50% das entrevistadas relataram ter buscado as aulas a partir da ida aos bailes do CCI e a outros bailes da cidade, fazendo-nos perceber o quanto tais eventos podem contribuir para o encaminhamento de

novas idosas a um programa de dança de salão, como podemos constatar, especialmente nos depoimentos das entrevistadas *Rosa* e *Orquídea*, que revelaram ter entrado na aula após verem alguns casais executando os passos da dança de salão nos bailes, o que as deixaram encantadas e motivadas a ingressarem nas aulas do CCI.

Fomos informadas que os bailes do CCI é uma das atividades mais frequentadas pelos beneficiários da instituição, ocorrendo semanalmente nas tardes de quintas-feiras. Entendendo que presenciar um desses eventos poderia contribuir para o desenvolvimento da pesquisa, resolvemos comparecer a um deles. Eles acontecem no salão principal da instituição e têm como grande atrativo a música ao vivo, que fica a cargo de uma pequena banda local, que toca variados gêneros musicais, mas em especial, o forró, o bolero e o soltinho. A banda em certos momentos também toca o samba e, mais raramente, a valsa é comtemplada.

No baile que fomos, observamos que esse é um evento extremamente importante para as idosas, que se esmeram nos figurinos, adereços e maquiagens. O clima é de completa festa! E isso nos remeteu a algumas cenas do filme *Chega de saudade* (2008), de Laís Bodansky, que inspirou a presente pesquisa. Tivemos a oportunidade de encontrar com algumas das pesquisadas. Elas estavam demasiadamente alegres e descontraídas, dançavam e conversavam animadamente, me fazendo lembrar um grupo de adolescentes numa balada! Por alguns momentos nos sentimos como a *Bel*, uma dos personagens de Bodansky: admiradas com tanta energia e alegria!

Foi possível perceber que o baile é de suma importância na vida dessas mulheres. É um momento esperado, onde elas têm a oportunidade de se enfeitarem e exibirem orgulhosas as habilidades adquiridas nas aulas de dança de salão e também de exercitarem suas feminilidades e sedução, por tanto tempo silenciadas e interditadas. As considerações de Alves (2004, p. 139) acerca de seu estudo com idosas que frequentam bailes de dança de salão no Rio de Janeiro, em muito se aproxima dos resultados da presente pesquisa, como podemos constatar na citação a seguir:

> O que caracteriza o baile é que trata-se de uma opção que valoriza o corpo e a sedução entre homens e mulheres bastante diferentes entre si, aspectos que não estão em jogo em outras formas de atividade para a terceira idade. Essa opção é crucial para as mulheres que estudei, cuja trajetória de vida as afastou de outras formas de reconhecimento individual, como o trabalho e os estudos. Na fase atual de suas vidas permanece muito importante para elas, como mulheres, poder exibir seus corpos e serem valorizadas pelo que ele é capaz de fazer.

Sendo assim é possível perceber que os bailes e as aulas de dança de salão são espaços propícios para a tão necessária manifestação e vivência da sexualidade, uma vez que Ferreira e Simões (2011, p. 42) nos esclarecem sobre as diferenças entre relação sexual e sexualidade:

> A sexualidade e a relação sexual são coisas distintas, a relação sexual é um componente importante da sexualidade e diferentemente do que muitas pessoas pensam não ocorre apenas com a penetração, mas também através das carícias, dos gestos, do diálogo, do cheiro, do toque, da maneira de se olhar.

Ferreira e Simões (2011, p. 41 *apud* MONTEIRO, 2002) reafirmam a nossa teoria na medida em que considera que "a sexualidade está presente nos corpos através dos gestos, entonações, adereços, perfumes e permeia tudo o que nos faz sentir mais homens e mulheres, no jogo da sedução e conquista".

Quanto ao apoio para se ingressarem no universo da dança de salão, algumas idosas informaram que o amparo recebido para se entregarem à aventura da dança nem sempre foi completo e se ressentem com o fato de que alguém da família não veja com bons olhos as suas iniciativas, como é o caso de *Rosa*, que diz que o marido acha que as mulheres que dançam não prestam. Essa visão pejorativa acerca da mulher que dança vem de longa data como podemos constatar no depoimento da falecida professora de dança de salão do Rio de Janeiro, Maria Antonietta:

> O pessoal lá de casa era muito *tacanho*. Mulher que não era virgem era prostituta. Mulher que gostava de ir a baile também era prostituta. Depois que vovô morreu, passei a frequentar um clube de Bento Ribeiro. Todo mundo, sem exceção, achava que eu estava pegando homem no baile. Eu ia para dançar! (SOUZA, 2010, p.202).

Ainda sobre o apoio para o ingresso no mundo da dança de salão, *Dama da Noite* diz que os filhos aceitam que ela dance, desde que não namore! Tal atitude pode ser compreendida a partir do posicionamento de Ferreira e Simões (2011, p.42), que afirmam que é muito comum que os filhos e netos não concebam a sexualidade de seus pais ou avós, demonstrando dificuldade na aceitação de qualquer manifestação dessa sexualidade, "e quando deduzem que isso ocorre, esta atitude é vista como algo repulsivo". Outras idosas, no entanto, dizem receber apoio integral dos filhos e até mesmo do marido. Estas reações refletem a dicotomia da sociedade contemporânea, onde coexistem valores de gênero novos e antigos.

Volp, Deutsch e Schwartz (1995) constataram em sua pesquisa que o prazer foi o principal motivo que levou jovens e adultos à prática da dança de salão, seguidos da ocupação

do tempo livre e da sociabilidade. Já nos discursos das entrevistadas do presente estudo, constatamos que o que mais motivou as idosas a se inscreverem nas aulas de dança de salão do CCI foi o desejo de aprender a sua técnica e o fato de elas gostarem de dançar.

Contudo, o que as mantém nas aulas por tanto tempo é a manutenção do gosto pela dança, o ambiente e as amizades conquistadas. Apenas uma entrevistada relatou que sua motivação para continuar frequentando as aulas é a aprendizagem de novos passos e o aperfeiçoamento técnico. Importante ressaltar que a gratuidade também foi citada por uma das entrevistadas como motivação para ingresso nas aulas de dança do CCI. O baixo padrão de renda das mesmas certamente limita seus acessos às opções de lazer, cultura e entretenimento.

Os depoimentos da maioria das idosas nos fazem inferir que, apesar de elas ingressarem na dança por gostarem de dançar e quererem aprender seus movimentos, o que faz com que elas saiam de suas casas por duas vezes na semana, por anos e anos consecutivos não é mais a busca do aperfeiçoamento técnico, mas principalmente a busca de companhia. Corroborando com esse achado, Salgado (2012, p. 286) afirma que a amizade é uma das fontes de satisfação mais representativas para o bem-estar dos idosos, sendo uma importante forma de reafirmar a sua autoestima e de compartilhar necessidades e interesses. A autora afirma ainda que “o idoso prefere receber ajuda e apoio de sua rede social informal e que [...] essas coisas só podem ser satisfeitas adequadamente pelos iguais”.

Atualmente muitas idosas, como é o caso das nossas entrevistadas, moram sozinhas, devido, principalmente, a uma mudança na estrutura familiar. Hoje as famílias são menores e os filhos casados, ou até mesmo solteiros, frequentemente saem de casa, ou até mesmo da cidade ou país, em busca de novos empregos e oportunidades, fazendo com que cada vez mais idosos residam sozinhos. E mesmo aquelas idosas que moram em companhia de filhos e netos, frequentemente queixam-se de solidão, pois estes quase sempre não manifestam “o menor interesse em suas vidas e histórias”, conforme afirma Goldenberg (2015, p. 65).

Sendo assim, a aquisição e manutenção dos laços de amizades passam a ser essenciais nessa fase da vida, pois podem representar a tão necessária companhia, afeto e até mesmo a segurança de que todo indivíduo necessita, em especial os idosos. Corroborando com essa afirmação temos na autora acima referenciada a constatação da importância das amizades na velhice:

> Tenho encontrado um discurso recorrente entre as mulheres de mais de 60 anos: elas dizem que se sentem cuidadas, apoiadas e amadas pelas amigas, [...] são as amigas que estão presentes nos momentos de tristeza e de alegria. São as amigas que fazem com que elas se sintam importantes. As amigas são as verdadeiras cuidadoras (GOLDENBERG, 2015, p. 64).

Comungando com o pensamento de Salgado (2012, p. 285) que considera que “os vínculos de amizade são estabelecidos por interesses comuns e atividades compartilhadas”, percebe-se que as aulas de dança de salão do CCI se apresentam como espaço ímpar para a aquisição e manutenção dos tão necessários vínculos de amizades. A partir dessas práticas as idosas dançarinas têm oportunidade de fazer e conviver com os amigos/as e de se sentirem parte de um grupo, bem como de estarem em um ambiente alegre, praticando uma atividade física prazerosa, que lhes proporcione motivos para se cuidarem e saírem de casa, vivenciando a liberdade, coisa que muitas não experimentaram, nem solteiras e muito menos casadas e com filhos por criar. Nesse sentido as aulas de dança de salão do CCI são por elas citadas como deflagradoras desses desejos silenciados de socialização e liberdade.

### 2.3.3 Dançando

Nessa seção abordamos alguns aspectos da dança de salão que se fazem presentes no dia a dia das aulas, por isso denominamos a mesma de “Dançando”. Foram elencadas questões relacionadas às preferências pelos diferentes gêneros musicais, aspectos dos relacionamentos com os colegas e professores e a satisfação com os dias e horários das aulas. Aqui também foram oportunizadas às entrevistadas opinarem sobre as características que um bom professor de dança de salão deve apresentar por ocasião de sua docência com idosos e suas possíveis críticas e/ou sugestão acerca das aulas de dança de salão do CCI. As figuras a seguir apresentam uma síntese dos dados coletados.

Figura 3 - O que mais gostam de dançar

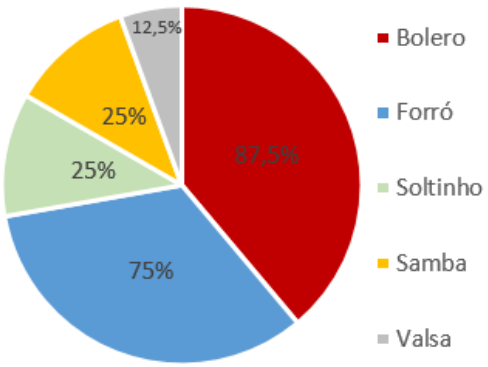
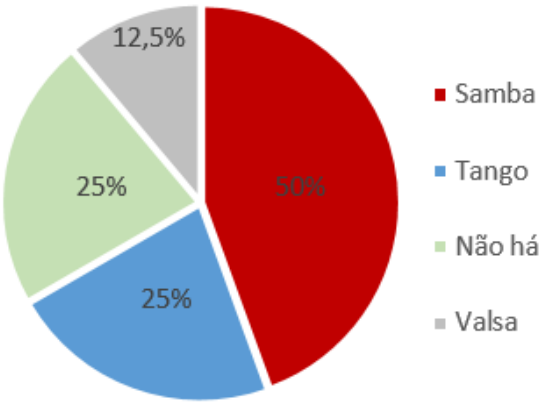


Figura 4 - O que menos gostam de dançar



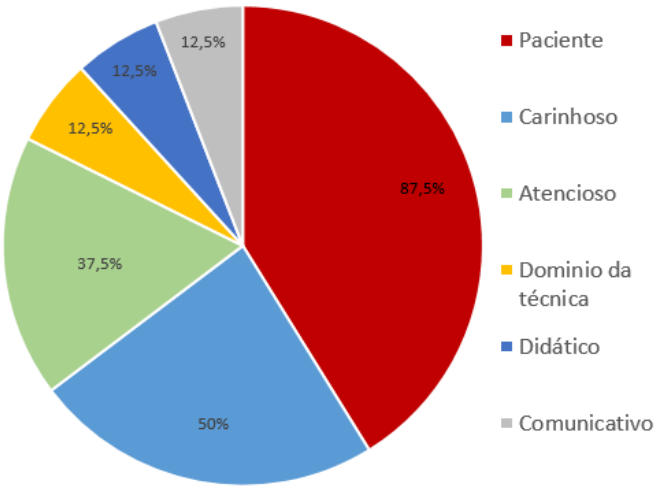

Como podemos verificar nas figuras acima, as idosas que frequentam as aulas de dança de salão do CCI preferem dançar o bolero e o forró, enquanto que o samba e o tango são os gêneros musicais que elas menos apreciam.

Quadro 2 - Relacionamentos

| Sujeitos | Relacionamento com as mulheres | | Relacionamento com os homens | | Relacionamento com o professor |
|---|---|---|---|---|---|
| | Sem queixas | Queixas | Sem queixas | Queixas | Bom |
| Hortência | ✓ | | ✓ | | ✓ |
| Rosa | | ✓ | | ✓ | ✓ |
| Orquídea | ✓ | | ✓ | | ✓ |
| Dama da Noite | | ✓ | | ✓ | ✓ |
| Margarida | ✓ | | | ✓ | ✓ |
| Azaléa | ✓ | | | ✓ | ✓ |
| Bromélia | ✓ | | | ✓ | ✓ |
| Violeta | ✓ | | | ✓ | ✓ |

Percebemos, a partir do quadro 2, que 75% das entrevistadas têm um bom relacionamento com as colegas de turma, enquanto que 25% relatam dificuldades no convívio com as demais idosas. Já no que tange ao relacionamento com os parceiros de dança, o cenário se inverte, e apenas 25% delas afirmam ter um bom relacionamento com os homens, enquanto que 75% das mulheres queixam-se de que eles são muito seletivos na escolha dos pares. No que concerne à relação professor aluno, verificamos que 100% das entrevistadas afirmam ter um bom relacionamento com a atual professora.

Figura 5 - Como deve ser o professor



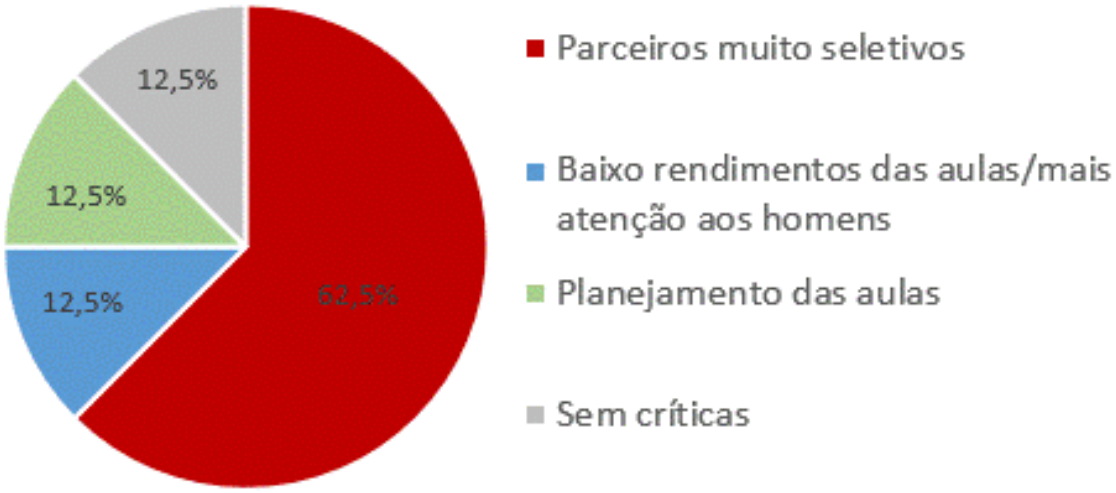

A figura 5 explicita as qualidades necessárias a um bom professor de dança de salão, segundo as percepções das entrevistadas, que afirmam que a paciência, o carinho e a atenção para com os alunos com mais dificuldades são requisitos imprescindíveis para o desempenho da função.

Quadro 3 - Satisfação com os dias e horários

| **Sujeitos** | **Categorias** | |
|---|---|---|
| | **Sim** | **Não** |
| Hortência | ✓ | |
| Rosa | ✓ | |
| Orquídea | ✓ | |
| Dama da Noite | ✓ | |
| Margarida | ✓ | |
| Azaléa | ✓ | |
| Bromélia | ✓ | |
| Violeta | ✓ | |

O quadro acima diz respeito à satisfação com os dias e horários das aulas de dança de salão do CCI, no qual podemos constatar que 100% das interlocutoras aprovam os mesmos, principalmente o horário das aulas, que é no período da tarde.

Figura 6 - Críticas




A figura 6 apresenta as críticas das entrevistadas, informando-nos que 62,5% das mulheres criticam o comportamento seletivo dos homens no que concerne à escolha dos pares. Nele observamos que 25% fazem críticas relacionadas às aulas propriamente ditas e 12,5% não fazem nenhuma crítica.

2.3.3.1 Dançando: a voz das idosas

*Hortência*, a primeira entrevistada, diz que gosta de todos os gêneros musicais, não tendo dificuldades com nenhum, embora tenha percebido que aprendeu o forró mais rapidamente. Afirma, porém, que tem certa preferência pelo bolero e pelo forró. Relata que mantém um excelente relacionamento com as colegas, parceiros e professores, não tendo queixas de nenhum deles. Como é excelente dançarina, é muito requisitada para dançar, tanto nas aulas quanto nos bailes: "*Eu chego no baile, eu não paro! Eu acho que é porque eu danço bem*". Para ela o bom professor de dança de salão deve ter "*paciência e carinho. Se ficar nervoso, não tem jeito, não adianta, o pessoal se afasta*!". Diz estar satisfeita com os dias e os horários das aulas, que acontecem no período da tarde, afirmando que não sai à noite, pois considera muito perigoso! Quando perguntada se desejava expressar alguma crítica e/ou dar alguma sugestão sobre as aulas de dança de salão do CCI, relatou estar satisfeita com tudo, não tendo também nenhuma sugestão a fazer.

*Rosa* conta que gosta de todos os gêneros musicais, exceto o tango. Relata que tem muitas dificuldades com o samba e que também prefere o bolero e o forró, tendo mais facilidade com este último. Fala que tem também certa facilidade com o soltinho e acredita que é devido ao fato de que, tanto no forró, como no soltinho, ela se sentir mais livre. Revela que não tem um bom relacionamento com as colegas, queixando-se muito dos homens, porque estes escolhem demais as parceiras com quem vão dançar: *"Se eu não chegar perto da professora para dizer que eu não dancei, eu não danço... Já me falaram que eles não me chamam para dançar porque eu danço muito, e eles não sabem. Eles têm vergonha de me chamar para dançar e errar os passos"*.

Ela mantém um bom relacionamento com o professor e afirma que "*se os professores fossem iguais à turma, eu não frequentava as aulas não!"* Para ela, paciência e carinho são qualidades essenciais de um bom professor de dança de salão. *Rosa* relata que gosta tanto de dançar que complementa as aulas de dança de salão em uma escola particular e diz contratar cavalheiro de aluguel para acompanhá-la nos bailes. Declara estar muito satisfeita com os dias e horários das aulas, alegando também insegurança de sair à noite e deixou transparecer uma crítica ao manifestar certo descontentamento com os homens que escolhem muito as parceiras de dança e diz: *"A única coisa que eu gostaria de sugerir é que as pessoas não fossem assim tão... não é bem orgulho não, sei lá... Fossem mais compreensivas, que não ficassem escolhendo tanto os pares"*.

*Orquídea* prefere o bolero e o forró e considera os movimentos do samba muito difíceis, sendo esse o que menos aprecia. Ela revela gostar muito de música, deixando claro em seu depoimento que um dos atrativos da dança de salão é o ambiente com músicas:

> *Ah! Eu gosto mesmo é de música, nossa, eu adoro música. Gosto de ir a bailes, às vezes, nem é tanto para dançar, é pra ouvir música, sabe? Então, eu acho que a música ajuda tanto a gente a esquecer tanta coisa. Quando você tá ali, no baile, ou quando eu estou na aula de dança de salão, minhas preocupações, acabam todas! Eu sinto bem, meu corpo...*

Ela mantém um excelente relacionamento com as colegas, parceiros e professores. Quanto a um bom parceiro de dança, considera que deve saber conduzir a mulher e ser paciente; já um bom professor de dança de salão deve ser paciente, comunicativo e atencioso, principalmente com aqueles alunos que apresentam mais dificuldades de aprendizagem. Afirma estar muito satisfeita com os dias e os horários das aulas, pois também tem receio de sair à noite: "*Ah! eu gosto de fazer as coisas é durante o dia"*.

A entrevistada também declara estar satisfeita com as aulas de dança de salão do CCI, mas faz uma crítica ao estilo muito discursivo, com excesso de falas e conversas da atual professora, sugerindo que poderia ter mais tempo de dança nas aulas. Porém, reconhece que a professora é muito boa, ao afirmar: *"ela ensina muito, mas muita gente já não gosta de vir aqui, porque fala que ela só fica falando, falando, falando..., e a gente acaba dançando pouco. Mas eu acho assim, ela dança muito bem"*. Ela também declara que a atual professora dança muito com os homens para melhorar a condução deles, uma vez que, na dança de salão, cabe a eles esta função. Mas, ela pondera:

> *Aí, então, ela está ensinando mais isso pra eles, né? Então eu pensei: não, eu não acho ruim não, porque ela precisa fazer isso, dançar com os homens, ensinar pra eles, pra eles dançarem com a gente, né? Então, eu não tenho nada a reclamar dela, eu gosto muito dela!*

*Dama da Noite* relata que dançava ritmos variados, mas devido a problemas no joelho tem evitado o samba, de que menos gosta, por considerar muito cansativo. Assim como as demais entrevistadas também prefere o forró e o bolero, e sua preferência por esse último é justificada pela beleza das músicas e por serem essas um pouco mais lentas. Afirma ter tido sempre muita dificuldade de se relacionar com as pessoas, inclusive com os colegas da dança de salão. Chamam atenção, a sua baixa estima, a insegurança, a timidez e a enorme dificuldade de fazer amizades:

> *É muito difícil pra mim arrumar amiga, arrumar colega, eu sou muito sozinha. Em todo lugar que eu vou eu fico muito sozinha. Eu falei: Meu Deus! Eu tenho que procurar uma psicóloga pra mim, porque eu não posso viver assim! Não posso viver isolada, todo lugar que eu vou, quando eu vejo, eu estou sozinha em um canto, não sei por que.*

Contudo, *Dama da Noite* afirma relacionar-se bem com a professora e atualmente só tem dançado com ela, pois os homens das aulas de dança de salão e os dos bailes raramente a convidam para dançar:

> *Ah! eu danço, mas é difícil, eles nem olham pra cara da gente, eles só procuram as mulheres mais novas. Todo mundo já vem com namorado, é difícil. Tem uns que não sabem dançar, e eu já fico reparando quem sabe e quem não sabe, fico com medo deles me deixarem cair. Aí, eu danço mais é com a professora mesmo.*

A entrevistada, como podemos constatar no depoimento anterior, fala da dificuldade que os homens apresentam para aprender a dançar e a conduzir as parceiras, queixando-se

daqueles que escolhem muito seus pares. Quanto aos dias e horários das aulas, afirma que são muito favoráveis, pois como não enxerga e não ouve mais muito bem, considera perigoso sair à noite. *Dama da Noite* se diz satisfeita, mas deixa transparecer em sua fala queixosa, certa crítica no que se refere aos parceiros de dança: *"Eu danço muito pouco, eles nem olham pra cara da gente, eles só procuram as mulheres mais novas!"*.

*Margarida*, em seu depoimento, relata aceitar bem todos os gêneros musicais propostos pela professora, apesar de não ser "*muito chegada ao samba*", pois o considera muito complicado. Apesar de gostar do soltinho, manifesta preferência pelo bolero e pelo forró. Destaca que o que mais gosta nas aulas de dança de salão são as músicas e a convivência com as pessoas. Afirma ter um bom relacionamento com os colegas e que conversa com todos, mas considera-se muito tímida, não sendo capaz de aprofundar os laços de amizade, nem mesmo no CCI. Tem um bom relacionamento com a professora e acha que a principal qualidade de um bom professor de dança de salão deve ser a paciência, principalmente com os alunos que possuem mais dificuldades. Ela acha que o professor deve dançar com todos os alunos, principalmente com os que não "*conseguem fazer o passo*", nunca desistindo deles.

Especificamente com relação aos colegas homens, relata que os mesmos sempre a convidam para dançar e afirma que eles apresentam dificuldades no aprendizado da técnica e na condução dos passos. Fala também da tendência dos homens de ficarem selecionando muito as parceiras para dançar, no caso, as mulheres que dançam bem. Também aprova os dias e os horários das aulas de dança de salão do CCI, porque também tem preocupação de sair à noite, devido a assaltos e despesas com táxi. *Margarida* também declara satisfação com as aulas de dança de salão do CCI, porém faz uma crítica à metodologia utilizada pela professora que, segundo ela, alterna quase que diariamente os gêneros musicais. Ela sugere que os mesmos sejam desenvolvidos durante um período maior de tempo, o que facilitaria a aprendizagem e a memorização dos passos. Em sua opinião: "*se você põe num dia bolero, no outro forró, no outro samba, aí não vai pegar nada não, esquece tudo!*".

*Azaleia* gosta de todos os gêneros musicais, excetuando o tango. Quanto às preferências, afirma não ter nenhuma. Ela considera a dança uma religião! Como dança bem, às vezes faz o papel de cavalheiro nas aulas de dança de salão do CCI e confessa ter dificuldade apenas quando dança o samba nessa função. *Azaleia*, aos 94 anos, demonstra grande disposição e gosto pela dança, tanto que também faz aulas de dança de salão em outra escola e frequenta outros bailes da cidade, sendo muito requisitada para dançar nessas ocasiões. O relato a seguir explicita bem o seu perfil:

> *Outro dia teve um baile na Associação Portuguesa. Aí eu convidei uma amiga minha, que gosta muito de dançar. Falei: 'Vamos! Você dorme lá em casa!' Foi um dia que choveu muito e a minha sobrinha tem carro, paguei pra ela ir nos levar. Cheguei e o 'fulano' falou: 'Vamos dançar!' Aí fui dançar com o ele, que falou: 'Oh, aquele meu amigo que dançou um dia com você quer dançar de novo!' Aí, veio um rapaz conhecido e falou: 'Vamos dançar!' Aí o 'sicrano' veio: 'Agora é a minha vez!' Quando eu voltei pra mesa, a minha amiga e a minha sobrinha já estavam de bolsa e tudo, e falaram: 'Vamos embora!' Aí eu falei: 'Ué, por quê?' 'Porque só você que dança...' Mas eu ainda não tinha nem dançado com o 'beltrano' e nem com o 'fulano'!*

*Azaleia* mantém um ótimo relacionamento com as colegas e as tem como amigas. Relaciona-se muito bem com a professora e acha que um bom professor de dança de salão deve ser paciente e carinhoso, e apresentar também um bom domínio da técnica. Gosta dos dias e dos horários das aulas, mas afirma não estar mais frequentando os bailes do CCI. Ela queixa-se de não ser mais chamada para dançar, segundo avalia, "*eles acham que eu danço muito*". Apesar de não dar sugestão, *Azaleia* demonstra a mesma insatisfação das colegas com a seletividade dos homens, o que já a fez desistir de frequentar os bailes do CCI.

*Bromélia* relata que não tem nenhuma dificuldade e que gosta de todos os gêneros musicais, tendo certa preferência pelo samba. Ela diz gostar muito de música, principalmente das antigas: "*Tem muita música antiga que deixa saudade na gente, né*?" Afirma ter ótimo relacionamento com os colegas, sendo muito querida por eles.Com relação aos parceiros de dança, ela conta que gosta de dançar com homens que conduzem bem, mas que estes são poucos. Também queixa-se de que os homens escolhem muito suas parceiras na hora de dançar. Sobre a escassez de homens nas aulas de dança de salão, ela faz o seguinte depoimento: "*Olha, quando abre as inscrições, às vezes, têm muitos homens, mas eles entram na aula e acham difícil, que não vão aprender de jeito nenhum e se afastam, aí, a mulherada continua e os homens vão sumindo*". Quanto ao relacionamento com a professora, considera muito bom e acredita que um bom professor de dança de salão deve dançar com todos os alunos, sobretudo com aqueles que apresentam mais dificuldades. Os dias e horários das aulas, em sua opinião, são satisfatórios. Da mesma forma, *Bromélia* não faz nenhuma crítica ou sugestão no tocante às aulas, mas também menciona o comportamento seletivo dos homens.

*Violeta* tem preferência pelo bolero e pelo soltinho, apesar de declarar que demorou muito a aprender o passo básico do soltinho. Gosta também do forró e do samba, porém considera esse último muito difícil. Diz que não gosta de valsa e revela gostar muito de músicas. Ela acha que "*para dançar é importante soltar o corpo, a cabeça tem que estar livre, sem estar pensando nada... Por isso que quando a gente está com uma coisa encucada*

*na cabeça, o corpo fica até pesado"*. Com relação aos colegas, afirma que se dá bem com todos, inclusive com a professora, de quem gosta muito e elogia: *"Ela faz sozinha pra gente ver, depois ela pega outra pessoa, dança também para ensinar. Ela tem bastante força de vontade. Não é por causa dela que alguém vai deixar de aprender não, porque ela tem muita coisa para ensinar. E tem paciência!"*. Quanto aos parceiros de dança, *Violeta* acha que eles escolhem muito as damas, o que não acha correto e justifica: *"Porque na aula de dança não é para ter isso, na aula de dança tem que dançar com todo mundo, né?"*. Quando a professora cria momentos em que a mulher chama o homem para dançar, ela confessa revidar: *"Aqueles que gostam de escolher, na hora que chega a vez das damas tirarem os cavalheiros, eu não tiro eles, porque eles não dançam comigo, por que eu vou chama eles para dançar?!"*. Considera-se satisfeita com os dias e horários das aulas e gostaria até mesmo que as aulas fossem mais do que duas vezes na semana. *Violeta*, apesar de se dizer satisfeita com as aulas, também é mais uma das entrevistadas a queixar-se dos parceiros de dança, como podemos perceber em seu discurso*: "Tá tudo muito bom, mas é como eu digo sempre... quem tem companheiro certo, dança, já quem não tem... A gente não vai obrigar ninguém a dançar com ninguém... dança se quiser, né?"*.

2.3.3.2 Dançando: sentidos e possibilidades

As interlocutoras revelaram nesta seção dados importantes, ora contraditórios, ora não. As idosas manifestaram uma preferência por um gênero musical mais lento, que é o bolero, mas também por outro que é bem mais rápido, neste caso o forró. A explicação para essas preferências possivelmente encontra-se no fato de que executar um passo numa música mais lenta realmente torna-o mais fácil e a opção pelo forró, apesar do mesmo ser mais rápido, é que no forró não há tanta exigência da postura corporal, sendo o mesmo executado de forma mais livre, além de ser um gênero musical mais conhecido pelos idosos, onde cabe o improviso e a criatividade dos dançarinos. Poucas idosas citaram o soltinho e o samba em suas preferências, possivelmente devido à dificuldade de aprendizagem do passo básico do soltinho, que alterna tempo e contratempo, bem como as músicas serem geralmente mais rápidas, tanto no soltinho como no samba, o que exige um preparo físico mais apurado dos seus praticantes, bem como requer mais reflexo, equilíbrio e coordenação motora dos dançarinos, como é o caso do samba. Aliás, o samba foi o gênero musical que as idosas

relataram menos gostar, seguido do tango, os quais elas consideram difíceis de executar; posicionamento esse compartilhado por grande parte dos praticantes de dança de salão, sejam eles idosos ou não, como constatamos na nossa prática diária enquanto professoras de dança.

A esse ponto é necessário problematizarmos a prática da dança de salão na velhice, pois essa é uma das questões centrais da presente pesquisa. Mediante todo o histórico de restrição, opressão, trabalho, privação e abnegação pelos quais essas idosas passaram, compete aos professores/as de dança de salão se questionarem sobre quais conteúdos devem abordar em suas aulas. Não seriam esses os momentos ideais para proporcionar a essas idosas a vivência tão rara e necessária do prazer, da descontração e da alegria? Se não for, qual seria então o momento?! Será que precisamos continuar seguindo à risca uma metodologia tradicional de ensino da dança de salão, que nos informa como e o que devemos ensinar em nossas aulas? Acreditamos que não, pois assim como Grangeiro (2014, p. 121) cremos que

> Precisamos expandir nossos conceitos acerca do ato de ensinar e aprender a dança de salão no século XXI. Não necessitamos mais ficar atrelados aos conceitos que herdamos historicamente – que outrora eram inovadores e que na atualidade necessita de adaptações – e que cercam o cenário atual da dança de salão.

Assim sendo, julgamos pertinente privilegiar as danças de que os idosos(as) mais gostam, abordando também, em menor escala, as demais danças, tendo sempre o cuidado de repensar a sua metodologia de ensino e de fazer, sempre que possível, adaptações em suas movimentações como forma de facilitar a sua aprendizagem e execução, tornando-as assim, quem sabe, mais interessantes e prazerosas para eles.

No tocante aos relacionamentos com os parceiros de dança, o assunto é extremamente complexo. Raras são as entrevistadas que não se queixam dos parceiros de dança, que dizem serem muito seletivos na escolha dos pares. Nesse sentido é curioso notar que isso deixa algumas mulheres extremamente aborrecidas, provavelmente por se sentirem preteridas, seja pela baixa performance, aparência física pouco atraente ou idade avançada; enquanto que outras, também ressentidas, consideram que o que afastam os seus parceiros é o fato de elas dançarem tão bem, que os fazem temerosos de “errar o passo” e falhar na condução, conforme revelam *Rosa* e *Azaleia*.

Podemos inferir, a partir dos discursos das entrevistadas, que elas esperam que os homens desempenhem os papéis de cavalheiros na dança de salão, ou seja, elas consideram que a iniciativa de convidar a mulher para dançar deve ser sempre do homem e que o mesmo deve ser gentil, paciente e capaz de dominar os seus passos e de conduzir a dama com

precisão e firmeza. Outro aspecto levantado por uma das alunas é a questão do orgulho masculino. A aluna acha que para os homens a dança é mais difícil, pois eles precisam, além de dominarem os seus passos, também de conduzir a dama e isso pode ser uma das causas da evasão masculina nas aulas de dança de salão, pois os homens, segundo as entrevistadas, "*não querem falhar*".

Realmente são bem maiores as exigências para o homem no que se refere a aprendizagem das técnicas da dança de salão, pois além deles terem que aprender os seus passos, realizando-os com desenvoltura, ritmo, postura e coordenação motora, eles precisam também aprender as várias técnicas de condução dos passos femininos. Se ao homem compete o privilégio do convite da dança, cabe, também, a ele a difícil tarefa de conduzir precisamente a sua parceira, assim como é de sua responsabilidade a escolha dos passos e o possível "conserto" dos mesmos, caso a mulher não entenda a sua condução, sendo também de sua responsabilidade zelar pela segurança e bem-estar da parceira.

Isso posto cabe um questionamento: será que tantas exigências e dificuldades não poderiam explicar, em parte, a escassez e a evasão dos homens nas aulas de dança de salão? A nossa experiência docente nesta modalidade nos diz que sim, o mesmo ocorrendo com o depoimento da entrevistada *Bromélia: "Olha, quando abre as inscrições, às vezes tem até muitos homens, mas eles entram na aula e acham difícil, que não vão aprender de jeito nenhum e se afastam, aí a mulherada continua e os homens vão sumindo*".

A esse ponto surgem novos questionamentos: não seria hora de revermos as tradições da prática e do ensino da dança de salão, de modo a equilibrar melhor os papéis do homem e da mulher? A condução e a iniciativa do convite da dança não poderiam ser compartilhadas por ambos? Será que se alterarmos algumas dessas tradições, não poderíamos contribuir para ampliar a participação dos homens na dança de salão, bem como minimizar as queixas das mulheres no que compete a excessiva escolha das parceiras pelos homens?

Feitoza (2012) afirma que já existe uma preocupação por parte de alguns estudiosos da dança de salão relacionada a tais questões, alertando que,

> [...] é relevante questionarmos como as danças de salão ainda permanecem em um entendimento de corpo mecanicista, uma ideia de corpo objeto, onde as informações são processadas e controladas por um corpo proponente. Nossa proposta é buscar e efetivar uma transformação do paradigma dominante. O modelo impregnado de significações masculinas nas danças em pares começa a sofrer rupturas. A importância de práticas, eventos e debates que questionem essa hegemonia, da condução exclusiva do homem nessa ação em dupla contribui para fomentar a equidade dos corpos. Perceber os corpos na dança de salão de outro modo não é querer equiparar os gêneros, mas sim observar, reconhecer, apontar a grande contribuição interativa que essas duas corporalidades distintas exercem nessa prática

> a dois. Com isso, percebendo a diferença, respeitando a identidade cultural e sexual proporcionamos um olhar desvinculado de um olhar hegemônico (FEITOZA, 2012 p. 83-84).

No que concerne ao relacionamento com as colegas de turma, grande parte das idosas não apresentam queixas, considerando o entrosamento excelente, porém duas das entrevistadas apresentam sérias dificuldades de relacionamento, apesar de frequentarem as aulas de dança de salão há vários anos, enquanto que uma terceira idosa revela que tem muita dificuldade de aprofundar os laços de amizade, pois é muito tímida, o que nos faz perceber a importância de incluir novas abordagens e dinâmicas de entrosamento nas aulas destinadas aos idosos, já que para eles os laços de amizade significam mais do que a aquisição da técnica da dança.

Já no que diz respeito à relação professor-aluno, todas as entrevistadas declararam relacionar-se bem com a professora, sendo que a maioria das idosas afirmam que o bom professor de dança de salão deve ser, em primeiro lugar paciente, em segundo carinhoso e em terceiro lugar, atencioso, principalmente com os que têm mais dificuldades. Chama a atenção o fato de que apenas uma idosa mencionou que o bom professor deve ter um bom domínio da técnica e que em nenhum momento a técnica foi referida como uma condição *sinequa non* para os profissionais que se dispõem a ensinar a dança de salão para idosos. A partir desses depoimentos podemos constatar que o que mantém tais idosas nas aulas de dança de salão não é a busca pela perfeição técnica, mas, sim, o estar em um ambiente acolhedor e seguro, no qual suas possibilidades e limitações sejam acolhidas e respeitadas.

Contudo, Alves Júnior (2004, p. 363) nos alerta que é imperioso “distinguir o bom e necessário tratamento afetivo e respeitoso dado a idosos do tratamento que é dado a crianças”, evitando assim tratá-los de forma infantilizada. “Esse tipo de concepção, que aproxima velhos e crianças, é inculcado no imaginário das pessoas em parte pela aparente fragilização e dependência dessas categorias e acaba se manifestando na escolha dos conteúdos e na forma de apresentá-los”.

A maioria das entrevistadas considera a música um atrativo adicional da dança de salão e uma delas se diz satisfeita apenas ao ouvir as músicas quando vai a um baile, não necessitando sequer dançar. Elas também revelaram satisfação com as músicas que tocam nos bailes e nas aulas do CCI. No que concerne a seleção das músicas a serem utilizadas nas aulas de dança de salão, é de suma importância que os professores/as perguntem aos seus alunos(as) sobre suas preferências, pois é visível o quanto a música é capaz de interferir nos estados de ânimo dos dançarinos, sejam eles idosos(as) ou não (DEUTSCH, 1997). Assim sendo é

necessário que o professor ao trabalhar com diferentes tipos de público não se deixe guiar apenas pelo seu gosto musical, mas, sim, pelas preferências daquele grupo, conforme sinaliza Bromélia: *"Tem muita música antiga que deixa saudade na gente, né?*

Nítida ficou a satisfação das idosas no que diz respeito aos dias e horários das aulas de dança de salão do CCI, pois existe um medo muito grande por parte delas de saírem à noite. Quanto à insegurança dos idosos, Alves (2004, p. 16) afirma que uma das explicações para a grande frequência feminina nos centros de convivências reside no receio da violência urbana "que impera no espaço urbano aberto". Assim sendo percebe-se que os horários das atividades destinadas ao público idoso, em especial às mulheres, devem ser preferencialmente no decorrer do dia, mais especificamente no período da tarde, pois foi recorrente nos discursos das entrevistadas a alegação de que na parte da manhã, elas se ocupam das tarefas domésticas e que à noite sentem-se muito inseguras de sair de casa.

Nos depoimentos das oito idosas, apesar de todas afirmarem satisfação com as aulas de dança de salão do CCI, uma crítica se fez constante em suas falas: cinco delas se queixaram dos comportamentos seletivos dos colegas homens, que, segundo elas, escolhem demais seus pares, gerando nelas grande descontentamento e sensações de rejeição. Interessante observar que tais queixas também é uma constante em mulheres de outras faixas etárias, que frequentam aulas e bailes de dança de salão nos mais diversos lugares como constato no meu cotidiano. A maior queixa das mulheres no universo da dança de salão é o temido "chá de cadeira".

Tal fenômeno pode encontrar algumas justificativas, que ao se sobreporem ganham força e visibilidade: a primeira explicação pode estar relacionada ao fato de que a presença feminina nas aulas e bailes de dança de salão é incontestavelmente maior do que a masculina, a verdade é que falta homem na dança! E assim sendo fica muito difícil para eles dançarem com todas as mulheres disponíveis, seja nas aulas ou nos bailes. A outra justificativa pode estar associada ao fato de os homens, assim como as mulheres, preferirem dançar com um par que domine bem os seus passos, pois isso facilita a condução e torna a dança mais prazerosa. Podemos aventar também a possibilidade de os homens temerem uma possível recusa por parte das mulheres, levando a tão temida "tábua" no momento do convite para dançar.

*Dama da Noite*, uma de nossas interlocutoras levanta uma nova questão quando diz: "*Ah, eu danço, mas é difícil, eles nem olham pra cara da gente, eles só procuram as mulheres mais novas, todo mundo já vem com namorado, é difícil!* Tal depoimento nos remete a Alves (2004, p. 54-55) que afirma que "saber dançar e ser jovem são dois critérios fundamentais que garantem o sucesso de uma dama no salão, [...] e, entre elas, são priorizadas as mais jovens".

Mediante esse cenário vemos surgir na contemporaneidade um novo personagem nos salões de dança de salão, trata-se do “cavalheiro de aluguel”, que é, como o próprio nome sugere, um parceiro de dança que é contratado por uma mulher, geralmente idosa, para ser seu par em um determinado evento de dança de salão. *Rosa,* uma das entrevistadas que também se queixou de não ser tirada para dançar, revelou que além de fazer aulas no CCI, também frequenta uma escola particular de dança de salão e que quando vai a outros bailes que não sejam os do CCI, tem o hábito de contratar um “cavalheiro de aluguel”, no caso um jovem rapaz que também é aluno da mesma escola de dança que frequenta.

Moraes (2011) afirma que, segundo as mulheres por ela entrevistadas, contratar um dançarino é uma maneira de garantir que elas dançarão em um baile, uma vez que para as mulheres mais velhas isso é bem menos provável quando comparado às mulheres mais jovens. “Ao pagar, elas garantem seu passaporte para a pista de dança sem ter de se preocupar com a disposição masculina para convida-las” (MORAES, 2011, p.444).

Quanto à metodologia utilizada nas aulas, duas questões se destacaram em dois depoimentos distintos: a primeira é que ela gostaria de aulas menos discursivas, aproveitando melhor o tempo para a dança propriamente dita; e a segunda questão refere-se à constante alternância dos gêneros musicais. Para a interlocutora, se houvesse menos variação nos gêneros musicais durante as aulas, os conteúdos seriam melhores assimilados e memorizados.

A primeira consideração nos faz perceber o quanto tais idosas apreciam a dança, tanto que não querem perder nenhum tempo da aula com conversas. Precisamos entender que grande parte dessas mulheres aguardam ansiosamente os dias das aulas, pois muitas vezes elas são suas únicas atividades prazerosas fora do âmbito doméstico. Importante atentar também para o fato de que a maioria delas moram em bairros bem distantes da instituição e, que por isso, querem aproveitar ao máximo todo o tempo da aula dançando. Necessário se faz então pensar em alternativas viáveis para dar possíveis recados e informações, sem comprometer o precioso tempo da prática.

Já no que concerne ao segundo depoimento é fundamental que o professor(a) de dança de salão que se proponha a trabalhar com a população idosa, estude bem as características e especificidades dessa fase da vida, entendendo as possíveis mudanças que podem ocorrer em nível fisiológico, em cognitivo, em psicológico e em social no decorrer do envelhecimento e velhice. Assim sendo, a consideração feita por uma das interlocutoras pode ser justificada na medida em que Ferreira e Simões (2011) afirmam que com o passar dos anos observa-se uma queda das funções cognitivas causadas pelo envelhecimento, tais como a diminuição da velocidade de processar determinadas informações. Portanto, seria mais adequado e

proveitoso para os idosos que os passos e os gêneros musicais fossem realmente desenvolvidos de forma mais sequenciada e abordados de diferentes formas. O que geralmente ocorre com o professor iniciante é exatamente o contrário: temeroso de que suas aulas se tornem monótonas e repetitivas, ele opta por cada dia trabalhar com um tipo de dança e passo, dificultando o aprendizado dos idosos e consequentemente gerando nos mesmos ansiedade e frustração.

### 2.3.4 Ganhos e sensações

Nessa seção buscamos evidenciar e compreender, a partir das percepções das entrevistadas, os benefícios e as sensações oriundas da prática da dança de salão por mulheres idosas no contexto de um centro de convivência. Interessa-nos nessa seção uma compreensão mais subjetiva desses ganhos e sensações, pois acreditamos que, somente a partir dessa abordagem, é que nos será possível angariar dados que nos leve a compreender por que tantas mulheres buscam as aulas de dança e permanecem nelas por tanto tempo.

Os quadros a seguir apresentam uma síntese dos discursos das idosas. O primeiro se refere aos ganhos atribuídos por elas, enquanto que o segundo sintetiza as sensações que elas experimentam ao dançar.

Quadro 4 - Ganhos

| Sujeitos | Alegria | Autoestima | Amizade | Motivação | Equilíbrio, agilidade e flexibilidade | Novos horizontes | Menos timidez | Menos stress | Manutenção da saúde | Economia financeira | Dançar melhor |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Hortência | ✓ | | ✓ | | | | | | | | |
| Rosa | | ✓ | | | | ✓ | | | | | |
| Orquídea | | | ✓ | | | | ✓ | | | | |
| Dama da Noite | | | | | ✓ | | | ✓ | | | |
| Margarida | ✓ | ✓ | | ✓ | ✓ | | | | | | |
| Azaléa | | | | | | | | | ✓ | ✓ | |
| Bromélia | ✓ | ✓ | ✓ | ✓ | | | | | | | |
| Violeta | ✓ | | | ✓ | ✓ | | | | | | ✓ |

Como podemos perceber mais alegria, companhias, melhora quanto à autoestima, mais motivação para viver e melhoras quanto ao equilíbrio, à agilidade e à flexibilidade foram os ganhos que mais se destacaram nas concepções das idosas que frequentam as aulas de dança de salão do CCI. Outros benefícios também foram elencados, como a diminuição do estresse e da timidez, a ampliação de novos horizontes, a aprendizagem de novos passos de dança, a manutenção da saúde e até mesmo a economia financeira com a compra de remédios.

Quadro 5 - Sensações

| Sujeitos | Enlevo/Prazer | Abstração |
|---|---|---|
| Hortência | ✓ | |
| Rosa | ✓ | ✓ |
| Orquídea | ✓ | ✓ |
| Dama da Noite | ✓ | |
| Margarida | ✓ | ✓ |
| Azaléa | ✓ | |
| Bromélia | ✓ | |
| Violeta | ✓ | ✓ |

O quadro 5 nos fornece uma síntese das sensações experimentadas pelas idosas ao dançar, evidenciando que 100% das entrevistadas sentem prazer e uma sensação de flutuação, a que denominamos de enlevo. O quadro também nos informa que a metade dessas mulheres, acrescentam a essas sensações uma experiência de esquecimento de tudo e de todos, bem como uma sensação de serem transportadas para outro tempo e lugar, a que denominamos de abstração.

2.3.4.1 Ganhos e sensações: a voz das idosas

Segundo *Hortência*, a dança trouxe alegria e companhia para sua vida, atenuando sua solidão: "*Eu ficava muito em casa, no dia a dia, eu chorava muito, e passou isso tudo, porque eu ficava praticamente sozinha, né? Meu filho casou e tem a família dele, né? Aquela tristeza*

*acabou...”*. Ao ser indagada sobre as suas sensações ao dançar, *Hortência* descreveu empolgada o seu completo enlevo e prazer:

> *Ah, eu me sinto bem, eu gosto de dançar, né? Eu me sinto muito bem! Igual àquelas danças do Faustão, né? Nossa Senhora, eu me vejo ali, aqueles vestidos bonitos, rodados, daquelas moças - coisa linda. Me arrepio toda, meu olho enche de água quando eu vejo aquilo. Eu queria dançar assim, igual àquelas moças, imagina, eu aprender a dançar igual aquelas moças e vir dançar aqui no Pró-Idoso [risos]. Ah, eu me sinto bem demais, Nossa Senhora, fazendo essas coisas!*

*Rosa,* mesmo sem a aprovação do marido, frequenta as aulas de dança de salão, atribuindo a essa prática o despertar do desejo de se cuidar: *“Eu comecei a me vestir melhor, me calçar melhor, cuidar de mim... porque eu não fazia nada disso antes... Eu fiquei mais vaidosa”*. Ela revela que o marido acha que *“as mulheres que não prestam é que fazem aulas de dança”*. Ainda segundo a interlocutora, a dança lhe abriu as portas para outro mundo, além da rotina doméstica, aumentando a sua autoestima e liberdade. Ela explica as sensações de prazer e fuga da realidade que a dança lhe proporciona, com a seguinte fala: *“Nossa Senhora! Quando estou na dança, eu esqueço que o mundo existe, que eu tenho filhos, marido, neto... não tenho nada, eu esqueço! Só que quando vou pra casa, volta tudo de novo".*

Segundo *Orquídea* a frequência às aulas de dança de salão é responsável pela aquisição das amigas que tem. Antes, sem amizades, ela se sentia muito só. Afirma ter se tornado menos tímida e mais descontraída após começar a frequentar as aulas de dança de salão, e suspira ao relatar os benefícios advindos com a prática: *“Ah, o corpo da gente fica mais leve, você vai soltando mais o corpo, né?”*. *Orquídea* também revela uma sensação de prazer e distanciamento da realidade ao dançar e ouvir músicas, relatando que experimenta uma *“sensação de prazer por eu estar ali dançando, de ouvir as músicas, que até me lembram coisas boas do passado... Eu acho que é uma terapia, é muita coisa boa, né? Porque só de você estar ali dançando não está lembrando de coisas ruins, você está ligada na música”*.

A entrevistada *Dama da Noite* relata que a dança melhorou a sua agilidade e o seu equilíbrio físico e mental. Para ela a dança é *“o exercício melhor que tem! Os médicos receitam para ir dançar, ir a bailes. É a melhor coisa, a música, é um exercício pra mente e para o corpo”*. Ela afirma sentir-se bem ao dançar, porém ressalta que tal prazer *“depende do tipo da música e do parceiro, né?”*.

*Margarida* considera que, diferente da ginástica que lhe causava muito cansaço e dor, a dança trouxe-lhe uma melhora acentuada da disposição e da flexibilidade. Ela também encontra na dança um motivo para se arrumar e sair de casa, relatando ainda melhora da

autoestima, tranquilidade e humor. Ela revela que frequentar as aulas de dança de salão é de suma importância, pois,

> *[...] às vezes, a gente está com a cabeça quente, e aquele momento que a gente tira de lazer melhora você espiritualmente, emocionalmente e fisicamente também, né? Porque eu sempre tive esse negócio de depressão, problema de cabeça, essas coisas, já tomo esses remédios, e isso pra mim contribui muito.*

No relato de *Margarida* também podemos perceber o prazer, o enlevo e a sensação de fuga da realidade que a mesma experimenta. Ela revela ser muito reservada, fechada, e que a dança é a única coisa que traz mais leveza e descontração para o seu corpo e mente, como podemos observar em seu relato:

> *Eu me sinto leve, né? Aquela sensação de alegria, de não estar pensando em nada, de estar sentindo bem naquele momento, assim, o espírito mais alegre e mais aberto, e acontecendo aqueles passos certos... talvez seja isso, aquele ritmo que dá vontade de fazer o molejo do corpo, entendeu? Então é uma coisa que mexe com o meu emocional, é a única coisa que mexe com o meu emocional. Porque o meu emocional é bastante complicado, é fechado e retraído. Eu sou muito assim, e a coisa que me deixa melhor um pouco é a dança. Você se sente mais solta...eu sou muito dura de corpo!*

De acordo com *Azaleia*, que complementa sua prática de dança de salão em uma escola particular e que, aos 94 anos não faz uso de nenhuma medicação, os benefícios obtidos com a dança estão relacionados à conservação da saúde e, consequentemente, à diminuição dos gastos com farmácia, o que resultou em uma considerável economia financeira. Ela justifica as despesas com a escola particular de dança de salão da seguinte forma: "*Mas eu não pago remédio, ué! Se eu fosse pagar farmácia era muito mais do que eu pago na dança*". *Azaleia* fala, em poucas palavras, do alto de seus 94 anos, da enorme sensação de prazer e enlevo que sente ao dançar com um parceiro que conduz bem: *"Se o cavalheiro for bom, minha filha, eu me sinto no céu com os pés de fora!"*.

A entrevistada *Bromélia* enumera os ganhos com a prática da dança de salão, que segundo ela, são muitos: alegria, socialização, motivação para sair de casa, amizades, melhora da autoestima e sensação de estar sendo útil. Ela afirma que: *"Você fica com o corpo mais leve, faz um passo novo, fica alegre, vê que teve condições de aprender; às vezes, eu até dou uma mãozinha e tenho paciência para ensinar!"*. *Bromélia* confirma o prazer de dançar, dizendo "*eu me sinto muito bem quando danço!"*.

*Violeta*, a última entrevistada, também lista os vários benefícios, afirmando que sentiu uma grande melhora em sua *performance* e que a dança de salão trouxe-lhe mais alegria, equilíbrio físico e disposição, além de diversão. Ela revela que

> *[...] eu estava quase assim, entrando em depressão, mas a aula de dança distrai a gente, pelo menos nas horas que a gente tá lá dentro, a gente esquece tudo. Aula de dança é uma alegria. A gente ri, a gente erra, a gente acerta... é muito gozado! Aula de dança dá outra coisa no corpo da gente.*

No depoimento de *Violeta* também podemos perceber os sentimentos de prazer e abstração, pois ela afirma que com a dança *"a gente sente mais animada, fica mais assim, sei lá...Ah! Nem sei explicar direito, parece que a gente se esquece de tudo!"*

2.3.4.2 Ganhos e sensações: sentidos e possibilidades

Quantos aos ganhos advindos da prática regular da dança de salão relatados pelas entrevistadas, foi possível identificar alguns benefícios relacionados aos aspectos físicos, como, por exemplo, a melhora do equilíbrio, da agilidade e da flexibilidade. Tais ganhos são de fundamental importância na medida em que, quanto ao equilíbrio e a agilidade dos idosos, são esses aspectos essenciais para a segurança e qualidade de vida dos mesmos, uma vez que, ao terem uma diminuição progressiva dessas valências, aumentam suas chances de quedas, sendo essas o maior fator de risco de morbidade e de mortalidade nessa população (SILVA; CASTRO; BARBOSA et al., 2014).

No que diz respeito aos benefícios físicos da prática da dança de salão, Bocalini, Santos e Miranda (2007) verificaram uma considerável melhora da aptidão física e de algumas variáveis neuromotoras em um grupo de mulheres idosas e sedentárias que frequentaram, por um período de 12 semanas, aulas de dança de Salão. Já Acciolly, Feital e Furtado (2011) avaliaram a capacidade funcional à luz da flexibilidade e da agilidade de idosas praticantes de dança de salão, comparando-as a idosas sedentárias. Os resultados indicaram que as primeiras demonstraram maior agilidade e flexibilidade quando comparadas às últimas, corroborando para a importância da prática da dança de salão na manutenção da autonomia funcional de mulheres idosas.

Quanto à melhora da flexibilidade reportada na entrevista, também podemos considerar este um aspecto importante, pois, segundo Rodrigues (1998, p. 7), após os 30 anos

inicia-se uma diminuição progressiva dessa valência, em decorrência, principalmente, dos processos degenerativos advindos da idade. Para a autora, a flexibilidade é um dos fatores responsáveis pela *performance* humana, sendo a sua manutenção de grande importância na medida em que auxilia na "realização segura e eficiente das tarefas do cotidiano", tais como a manutenção da higiene pessoal, abaixar, levantar, caminhar e subir escadas. Sendo assim, temos que os três benefícios físicos percebidos e citados pelas entrevistadas são de fundamental importância para as suas qualidades de vida, uma vez que, a melhora no equilíbrio, na agilidade e na flexibilidade está diretamente ligada ao aumento da autonomia na vida diária.

Outros ganhos relatados pelas idosas dizem respeito aos aspectos psíquicos e sociais, como a diminuição do estresse e da timidez, o aumento da autoestima, da alegria e da motivação para viver, bem como a abertura de novos horizontes e possibilidades de vida, além da diminuição de gastos com remédios e melhora na qualidade da dança. Tais ganhos estão em consonância com Furtado (2012) que afirma que a prática regular de uma atividade física melhora o humor, reduz a ansiedade e o estresse e aumenta a resistência a doenças. Araújo e Araújo (2000, p. 194) embasam a percepção de uma das interlocutoras no que relaciona-se à economia com remédios ao afirmar que "os custos com a saúde individual e coletiva caem em populações fisicamente ativas".

Para Ramos (2002), a atividade física, por meio das diferentes adaptações fisiológicas por ela estimulada, é uma grande aliada da saúde, prevenindo e até podendo fazer parte do tratamento de várias enfermidades. Estudos indicam que além dos efeitos benéficos na prevenção e no controle da doença arterial coronariana e da hipertensão arterial,

> A atividade física regular também auxilia na prevenção e controle do diabetes mellitus e da osteoporose, nos sintomas e na complicação da menopausa, na menor incidência de acidente vascular cerebral, no perfil lipídico mais favorável e, possivelmente no menor risco de câncer de cólon e no combate à obesidade, patologia está associada ao desenvolvimento de muitas doenças crônico-degenerativas (FORTI; CHACON-MIKAHIL, 2004, p. 248-249).

Importante atentar para o fato que, segundo Telles (2008), diferente da realidade atual, até há poucos anos atrás a relação entre os idosos e a atividade física era de distanciamento, pois acreditava-se que o exercício físico poderia ser prejudicial à saúde desses indivíduos. De acordo com o autor acima referenciado:

> As influências dos campos médico, econômico, político e educacional em maior ou menor escala acabaram por forjar o campo do idoso disseminando seus diretos e

> deveres. Somente a partir dessa construção o campo das atividades físicas para os idosos se constituiu como um apêndice, principalmente para a classe média, deflagrando novas atitudes, condutas, percepções enfim, uma mudança de *habitus*, um novo olhar que transformou o medo em confiança, a dúvida em certeza, o sedentarismo em dinamismo, a eminência da morte em ampliação de vida, enfim o arquétipo do homem moderno dos "novos velhos" brasileiros (TELLES, 2008, p. 7)

Godoy (2002) afirma que é bastante positivo os efeitos da atividade física regular sobre a área emocional do praticante, pois esses apresentam como resultados a possibilidade de redução dos estados de tensão, ansiedade e depressão, melhorando o vigor, a sensação de bem-estar, o humor e a autoestima. A autora considera ainda que, apesar das perdas funcionais, orgânicas e mentais que fazem parte de um envelhecimento sadio, a atividade física propicia ao idoso autossuficiência para a realização das atividades diárias, bem como a possibilidade de relação social com o meio que o rodeia.

Quanto aos benefícios psicossociais da prática da dança de salão, o estudo realizado por Deutsch (1997) verificou que a música interfere nos estados de ânimo das pessoas e que a movimentação corporal da dança de salão promove uma potencialização desta interferência. Ainda em relação aos benefícios psicossociais desta prática, percebe-se que a dança de salão oportuniza a experiência da vivência em grupo e do contato direto com o outro, em um ambiente alegre e descontraído, favorecendo o desenvolvimento das relações interpessoais, a desinibição e a diminuição do isolamento social.

Como benefícios da prática da dança, ainda em Furtado (2012, p. 199), têm-se a melhora da mobilidade, da coordenação motora, da atenção, da concentração e da retenção. O autor acima referenciado afirma também que a dança "cria um ambiente de novas experiências, proporcionando relações interpessoais positivas, elevando a autoestima do participante". Assim sendo, a dança de salão se apresenta como uma excelente alternativa de atividade física para a população idosa, pois, "é uma atividade cuja complexidade pode se adaptar às habilidades individuais, é acessível a qualquer sexo e idade, podendo proporcionar situações de experiência máxima" (VOLP; DEUTSCH; SCHWARTZ, 1995, p. 52).

Contudo, foi somente quando as idosas revelaram quais sensações experimentaram ao dançar, é que nos foi possível perceber, que mesmo se a dança não proporcionasse nenhum dos benefícios acima descritos, elas continuariam dançando, pois a dança, "na verdade, vale pelo que é, pelo prazer que causa em quem a executa ou a assiste" (MENDES, 1985, p. 10), como é evidenciado no depoimento de Hortência:

> *Ah, eu me sinto bem, eu gosto de dançar, né? Eu me sinto muito bem! Igual àquelas danças do Faustão, né? Nossa Senhora, eu me vejo ali, aqueles vestidos bonitos,*

> *rodados, daquelas moças - coisa linda. Me arrepio toda, meu olho enche de água quando eu vejo aquilo. Eu queria dançar assim, igual àquelas moças, imagina, eu aprender a dançar igual aquelas moças e vir dançar aqui no Pró-Idoso [risos]. Ah, eu me sinto bem demais, Nossa Senhora, fazendo essas coisas!*

Quanto às sensações produzidas pela dança, Barreto (2004), confirma que dançar, enquanto forma de lazer, celebração e arte, pode trazer mais leveza e prazer para nossas vidas. *Bromélia* reafirma esse prazer ao revelar: "*eu me sinto muito bem quando danço!*". Em *Orquídea* também captamos tal sentido, pois ela afirma ter uma "*sensação de prazer por eu estar ali dançando, de ouvir as músicas, que até me lembram coisas boas do passado... Eu acho que é uma terapia, é muita coisa boa, né? Dama da Noite* também diz sentir-se muito bem ao dançar, mas, "*depende do tipo da música e do parceiro, né?*". Podemos inferir que a interlocutora em questão imprime tal condição devido à sua atual condição física, já que queixa-se de dores e desequilíbrios físicos provenientes de um quadro de artrose nos dois joelhos: "[...] *fico com medo deles me deixarem cair. Aí, eu danço mais é com a professora mesmo*".

Importante relatar que as informantes, ao serem convidadas a dissertarem sobre suas sensações, ficaram sem conseguir respostas de imediato, ficaram à procura de palavras que pudessem exprimir suas sensações, evidenciando assim o aspecto artístico da dança, que faz com que seja "tão difícil torná-la palavra". (BARRETO, 2004, p.75). A dança, por si só, é capaz de exprimir emoções, sem necessidade de palavra, que "revela-se insuficiente nesses momentos" (MENDES, 1985. P.10). O depoimento de *Violeta* explicita isso: "*a gente sente mais animada, fica mais assim, sei lá...Ah! Nem sei explicar direito, parece que a gente se esquece de tudo!*".

Siqueira (2006, p.71) afirma que a dança pode ser entendida como "forma de expressão, linguagem, arte, ritual, técnica, espetáculo e diversão", e que a mesma deve ser pensada, sobretudo, no campo da cultura, mas também da estética, da técnica, da religião, da ludicidade e da linguística. *Margarida* evidencia o caráter polissêmico da dança quando diz:

> *Eu me sinto leve, né? Aquela sensação de alegria, de não estar pensando em nada, de estar sentindo bem naquele momento, assim, o espírito mais alegre e mais aberto, e acontecendo aqueles passos certos... talvez seja isso, aquele ritmo que dá vontade de fazer o molejo do corpo, entendeu? Então é uma coisa que mexe com o meu emocional, é a única coisa que mexe com o meu emocional. Porque o meu emocional é bastante complicado, é fechado e retraído. Eu sou muito assim, e a coisa que me deixa melhor um pouco é a dança. Você se sente mais solta...eu sou muito dura de corpo!*

Barreto (2004, p. 77) também afirma que a dança assume múltiplos papéis na sociedade, contudo, para ela, é "fundamental situá-la no universo da arte, como expressão estética e como conhecimento sensível que pode ser vivenciado, apreciado e refletido". Em Mendes (1985, p.10), temos que a dança é "uma arte profundamente simbólica, capaz de sugerir, ilimitadamente, imagens e associações cheias de riqueza e vitalidade, dada a natureza da sua forma de comunicação, não racional". Ao dançar "construímos realidades diferentes da realidade" vivida no cotidiano (BARRETO, 2004, p. 80), como constatamos nos discursos de algumas idosas.

Emergiram desses depoimentos, sensações de distanciamento da realidade e o esquecimento das "coisas ruins", bem como a sensação de serem transportadas para outro lugar ao dançarem, conforme constatamos na fala de *Azaleia*, que relata extasiada*: "Se o cavalheiro for bom, minha filha, eu me sinto no céu com os pés de fora!"*, ou na fala de *Orquídea: "Porque só de você estar ali dançando não está lembrando de coisas ruins, você está ligada na música";* e, por fim, no desabafo revelador da entrevistada *Rosa: "Nossa Senhora! Quando estou na dança, eu esqueço que o mundo existe, que eu tenho filhos, marido, neto... não tenho nada, eu esqueço! Só que quando vou pra casa, volta tudo de novo"*.

E é a partir do cruzamento do discurso de Rosa, com a afirmação poética de Barreto (2004, p.87), que podemos, finalmente, aproximar dos possíveis sentidos e significados da dança de salão na vida dessas idosas:

> Arte para aquecer os corações duros e frios, maltratados por um longo inverno, para acariciar os olhos cansados de poluição e lágrimas, para acordar os ouvidos dos que perderam o jeito de ouvir a si mesmos e aos outros, para sentir apertar o estômago, torcer as vísceras, arrepiar a pele, alterar a pulsação, para sacudir o corpo, o ser, que nem sabe do seu poder de mover-se.

A partir dos discursos das entrevistadas, foi possível apreendermos que as sensações que elas vivenciam ao dançar estão relacionadas ao prazer, enlevo e abstração, sensações essas possivelmente nunca antes experimentadas, devido à dura realidade de trabalho, escassez, doações e lutas. Delas sempre foram exigidos um não sonhar e a manutenção dos pés sempre presos ao chão, e agora, na velhice, tudo o que elas mais desejam é serem "t*iradas* para dançar" e assim "flutuarem" felizes pelos salões!

## 2.4 **Considerações finais**

Este artigo é fruto de um estudo realizado com oito idosas, de baixa escolaridade e renda, com idade igual ou acima de 65 anos, que frequentavam duas vezes na semana as aulas de dança de salão do Centro de Convivência do Idoso “Dona Itália Franco”, de Juiz de Fora, MG. Foram realizadas com as mesmas entrevistas semiestruturadas e observações de suas aulas, objetivando dar voz a essas idosas e apreender o que elas pensam e querem acerca da prática da dança de salão e da velhice, com o intuito de que seus interesses e demandas sejam fundamentais para a elaboração de novos programas e atividades nesses contextos**.**

As danças mais atraentes para elas são as de mais fácil execução, que lhes proporcionam arrebatamento e romantismo, como o bolero; e descontração e alegria, como o forró. Isso fica perfeitamente visível quando falam da dificuldade experimentada ao dançar o samba, o soltinho e o tango. Desse modo e mediante todo o histórico de restrição, opressão, trabalho, privação e abnegação pelos quais essas idosas passaram, compete aos professores(as) de dança de salão se questionarem sobre quais conteúdos devem abordar em suas aulas. Não seriam esses os momentos ideais para proporcionar a essas idosas a vivência tão rara e necessária do prazer, da descontração e da alegria? Se não for, qual seria então o momento?! Será que precisamos continuar seguindo à risca uma metodologia tradicional de ensino da dança de salão que nos informa como e o que devemos ensinar em nossas aulas?!

As entrevistadas consideraram de fundamental importância que o professor de dança de salão seja carinhoso, atencioso e paciente com as limitações dos alunos, principalmente com aqueles que apresentam mais dificuldades de aprendizagem. A não observação desses quesitos, segundo elas, pode fazer a diferença entre a permanência ou a evasão dos idosos nas aulas. Alguns aspectos sobressaíram intensamente nesse estudo: o primeiro diz respeito ao enorme prazer que essas mulheres sentem ao dançar, bem como a satisfação com a atual fase de suas vidas, e o outro são as queixas acerca dos colegas homens que, segundo elas, são, além de poucos, extremamente seletivos na escolha das parceiras de dança. Diante deste último dado lançamos alguns questionamentos acerca do ensino/aprendizagem da dança de salão: não seria hora de revermos as tradições da prática e do ensino da dança de salão de modo a equilibrarmos melhor os papéis do homem e da mulher? A condução e a iniciativa do convite da dança não poderiam ser compartilhadas pelo casal de dançarinos? Será que ao alterarmos algumas dessas “tradições” não poderíamos contribuir para ampliar a participação

dos homens na dança de salão, bem como minimizar as queixas das mulheres no que concerne a excessiva escolha das parceiras pelos homens?

Ficou evidenciada a importância que as idosas atribuem à prática da dança de salão, revelando significativos ganhos advindos de sua prática, tanto nas esferas físicas, quanto nas psíquicas e sociais de suas vidas. Em seus depoimentos emergiram novos sentidos que a dança deu às suas vidas no que concerne a autoestima, motivação, abrandamento da solidão e das amarras que sempre lhes foram impostas pelos preconceitos, quer de classe, etnia, gênero ou idade. Ficou evidente também a importância dessa modalidade de dança para o estabelecimento de laços de convivência e novas oportunidades de diversão e lazer. Por outro lado, traz à luz alguns elementos essenciais para a reflexão dos profissionais que almejam trabalhar com essa parcela da população, em especial os professores(as) de dança de salão. Para essas idosas, nas aulas de dança de salão, muito mais do que qualquer ensinamento técnico, interessa a elas a companhia, o acolhimento, a alegria, a possibilidade de se distanciarem de seus problemas e a vivência do prazer e da liberdade, somente agora possíveis de serem experimentados.

Sendo assim, ao planejar e ministrar aulas de dança de salão para idosos(as), também recomendamos ao professor(a) que sempre considere os desejos e as necessidades desses indivíduos, privilegiando as músicas e as danças que eles mais apreciam, abordando também, em menor escala, as demais danças, tendo sempre o cuidado de repensar a sua metodologia de ensino e de fazer, sempre que possível, adaptações em suas movimentações como forma de facilitar a aprendizagem e execução das mesmas. É fundamental que o professor(a) de dança de salão que se proponha a lecionar para a população idosa, goste e tenha perfil para trabalhar com essa faixa etária e que conheça as características e especificidades dessa fase da vida, entendendo as possíveis mudanças que podem ocorrer em nível fisiológico, em cognitivo, em psicológico e em social no decorrer do envelhecimento e velhice. A dança a dois para o idoso não deve ser pautada em normas e técnicas rígidas, e sim no resgate de suas potencialidades e estímulo de sua corporeidade, criatividade e liberdade de expressão, melhorando assim sua autoestima, autoconfiança e capacidade reflexiva.

É de suma importância privilegiar, nas aulas de dança de salão, a ludicidade, a sensibilidade e a interação entre os gerontes, garantindo assim que as mesmas sejam mais alegres, prazerosas e fortalecedoras das relações interpessoais e dos laços de amizades. Porém, é necessário que o professor(a) esteja muito atento para não incorrer no grave erro de tratar os seus alunos idosos como crianças, seja na maneira como os tratam, utilizando-se de

diminutivos ao se dirigir ou se referir a eles; seja nas aulas ministradas, ao propor conteúdos infantilizados em suas aulas.

Concluindo, os resultados desta pesquisa indicaram que a velhice não é obrigatoriamente um tempo de insatisfação, isolamento, limitação e inércia. A partir dos discursos das nossas interlocutoras, apreendemos que a velhice é para elas "uma benção" e que a prática da dança de salão faz dessa fase de suas vidas um momento ímpar para a aquisição de novas e importantes experiências, competências, saberes e sabores. Foi possível perceber que, a partir do sentimento de solidão e liberdade experimentados nessa fase da vida, tais idosas, através da prática da dança de salão, se reinventaram. Constatamos também que o Centro de Convivência do Idoso "Dona Itália Franco" configura-se, por intermédio da oferta das aulas de dança de salão, como *lócus* privilegiado de redimensionamento e reconstrução da vivência da velhice das idosas por nós entrevistadas, contribuindo significativamente para o processo de empoderamento das mesmas.

## Referências

ACCIOLLY, D.; FEITAL, A.; FURTADO, H. Avaliação da autonomia funcional em idosas praticantes de dança de salão. **EFDeportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires, ano 16, n. 155, abr. 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd155/autonomia-funcional-em-idosas-de-danca-de-salao.htm>. Acesso em: 2 fev. 2014.

ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. **A pastoral do envelhecimento ativo**. 2004. 609 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

ALVES, A. M. **A dama e o cavalheiro**: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ARAÚJO, D. S. M. S. de; ARAÚJO, C. G. S. de. Aptidão física, saúde e qualidade de vida relacionada à saúde em adultos. **Rev. Bras. Med. Esporte**, Niterói, v. 6, n. 5, p. 194-203, out. 2000.

BARRETO, D. **Dança**: ensino, sentidos e possibilidades na escola. Campinas: Autores Associados, 2004.

BARROSO JÚNIOR, J. C. A motivação para a atividade física e a evasão de idosos em Rio das Ostras. **Corpus et Scientia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 56-68, jul./dez. 2015. Disponível em:

<https://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/corpusetscientia/article/view/648>. Acesso em: 13 jul. 2017.

BEAUD, S.; WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo**: produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Vozes, 2007.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BELO, I. Velhice e mulher: vulnerabilidade e conquistas. **Revista Feminismos**, Salvador, v. 1, n. 3, set./dez. 2013. Disponível em: <http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/84/82>. Acesso em: 21 mar. 2017.

BOCALINI, D. S.; SANTOS, R. N.; MIRANDA, M. L. J. Efeitos da prática de dança de salão na aptidão funcional de mulheres idosas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 23-29, 2007. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/756/759>. Acesso em: 2 fev. 2014.

BORGES, Paula Lutiene de Castro e; BRETAS, Rose Procópio; AZEVEDO, Silvana Fernandes de et al. Perfil dos idosos frequentadores de grupos de convivência em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Cad. Saúde Pública** [online], Rio de Janeiro, v. 24, n. 12, p. 2798-2808, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2008001200008>. Acesso em: 20 fev. 2014.

CAMARANO, Ana Amélia. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 35-63, set./dez. 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300004>. Acesso em: 5 mar. 2014.

CARADEC, V. Sexagenários e octogenários diante do envelhecimento do corpo. In: GOLDEMBERG, Mirian. **Corpo, envelhecimento e felicidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. cap. 1, p. 21-44.

CHAIMOWICZ, F.; CAMARGOS, M. C. S. A saúde dos idosos no Brasil. In: BRASIL, C. (Org.). **Viver é a melhor opção**: envelhecer faz parte! Rio de Janeiro: Quartet, 2012. cap. 2, p. 31-54.

CHEGA de saudade. Direção: Laís Bodansky. Produção: Gullane Filmes. Intérpretes: Betty Faria; Cássia Kiss; Leonardo Villar; Maria Flor; Paulo Vilhena; Stepan Nercessian; Tonia Carrero e outros. Roteiro: Luiz Bolognesi. São Paulo, Rio de Janeiro: Buriti Filmes, Petrobrás, Miravista e Globo Filmes. Brasil, 2008. 1 DVD (92 min). widescreen, color.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2012.

DEUTSCH, S. **Música e dança de salão**: interferência da audição e da dança nos estados de ânimo. 1997. 165 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

DOLL, J. Educação, cultura e lazer: perspectivas de velhice bem-sucedida. In: NERI, A. L. (Org.). **Idosos no Brasil:** vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, SESC SP, 2007. cap. 12, p. 109-123.

FARR, R. M. Interviewing: the social psychology of the interview. In: FRANSELLA, F. (Org). **Psychology for occupational therapists**. London: Macmillan, 1982. p. 151-170.

FEITOZA, J. K. S. Cocondução: procedimento corporal de comunicação relacional nas danças de salão. In: PERNA, M. A. **200 anos de dança de salão no Brasil.** Rio de Janeiro: Amaragão, 2012. cap. 8, p. 67-88.

FERREIRA, L.; SIMÕES, R. **Idoso asilado**: qual a sua imagem? Várzea Paulista: Fontoura, 2011.

FONSECA, C. C. **Análise do esquema corporal e imagem corporal na dança de salão e seus aspectos motivacionais**. 2008, 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2008.

FORTI, V. M.; CHACON-MIKAHIL, M. P. T. Qualidade de vida e atividade física na terceira idade. In: GONÇALVES, Agnaldo; VILARTA, Roberto. **Qualidade de vida e atividade física**: explorando teoria e prática. Barueri: Manole, 2004. cap. 4, p. 227-256.

FURTADO, H. Atividade física e envelhecimento. In: BRASIL, C. (Org.). **Viver é a melhor opção**: envelhecer faz parte! Rio de Janeiro: Quartet, 2012. cap. 8, p. 183-203.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M.W; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2012. cap. 3, p. 64-89.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GODOY, R. F. Benefícios do exercício físico sobre a área emocional. **Movimento**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 7-16, maio/ago. 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **A bela velhice.** Rio de Janeiro: Record, 2015.

_____. **Intimidade** Rio de Janeiro: Record, 2010b.

_____. **Por que homens e mulheres traem?** Rio de Janeiro: BestBolso, 2010a.

GRANGEIRO, Marcelo. **Ai, pisaram no meu pé!** um novo conceito em aprendizagem e ensino na dança de salão. São Paulo: Scortecci, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/synteseindicsociais2010/SIS_2010.pdf>. Acesso em: 15 set. 2014.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, R. B. T. [Depoimento]. In: SILVA, M.A.M. **A semente e o girassol**: pró-idoso, 25 anos de história. Juiz de Fora: Funalfa, 2013. p. 160-164.

MENDES, M. G**. A dança**. São Paulo: Ática, 1985.

MERCADANTE, E. F.; BRANDÃO, V. M. A. T. **Envelhecimento ou longevidade?** São Paulo: Paulus, 2009.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1993.

MONTEIRO, T. et al. **Mapa social**: análise da situação do desenvolvimento familiar em Juiz de Fora. Juiz de Fora: Funalfa, 2012.

MORAES, Andrea. O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2011. cap. 15, p. 427-452.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. Campinas: Moderna, 1999.

NASCIMENTO NETO, M. S.; VASCONCELOS, K. E. Saúde e etnia: avaliando atenção à saúde da Comunidade Quilombola do Talhado, em Santa Luzia-PB. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS: olhares diversos sobre a diferença. 3., 26 a 28 out. 2011. **Anais**... João Pessoa, 2011.Disponível em: <https://docs.google.com/file/d/0B_jlZF002awzdThNcHo0QnJmSVk/edit>. Acesso em: 23 ago. 2014.

NERI, Anita Liberalesso. **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, SESC SP, 2007.

NOGUEIRA, R. S. **Dança de salão**: percepção corporal, equilíbrio e qualidade de vida em idosos. 2012. 97 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Envelhecimento) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2012.

RAMOS, Alexandre Trindade. **Atividade física**: diabéticos, gestantes, terceira idade, crianças e obesos. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

RODRIGUES, T, L. **Flexibilidade e alongamento**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

SALGADO, C, D, S.  ulher idosa: a feminização da velhice. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 4, p. 7-9, 2002. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4716>. Acesso em: 27 fev. 2015.

SALGADO, C. D. S. Participação social dos idosos e as redes sociais de apoio. In: BRASIL, C. (Org.). **Viver é a melhor opção**: envelhecer faz parte! Rio de Janeiro: Quartet, 2012. cap.12, p. 271-290.

SILVA, D. C; CASTRO, M. L.; BARBOSA, A.C. et al. O equilíbrio em idosos praticantes de dança de salão. **Interdisciplinar: Revista eletrônica da UNIPAR**, Umuarama, 2014, n. 11, v. 1, p. 176-180.

SILVA, M. A. M. **A semente e o girassol**: pró-idoso, 25 anos de história. Juiz de Fora: Funalfa, 2013.

SIQUEIRA, D. C. O. **Corpo, comunicação e cultura**: a dança contemporânea em cena. Campinas: Autores Associados, 2006.

SIQUEIRA, Maria Eliane Catunda de. Velhice e políticas públicas. In: NERI, A. L. (Org.). **Idosos no Brasil:** vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, SESC SP, 2007.

SOUZA, Maria Inês Galvão. **Espaços de dança de salão no cenário urbano da cidade do Rio de Janeiro**: tradição e inovação na cena contemporânea. 2010. 227f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

STROPPA, Andre; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. In: INCONTRI, Dora. **Educação e espiritualidade**: interfacese perspectivas. Bragança Paulista: Comenius, 2010.

TELLES, Silvio de Cassio Costa**. A construção do campo do conhecimento sobre as atividades físicas para idosos no Brasil**. 2008. 186 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. **Diagnóstico socioeconômico da população idosa de Juiz de Fora**: perfil do idoso residente na área urbana de Juiz de Fora, 2012. Disponível em: <http://www.ufjf.br/secom/files/2012/12/Relatorio-executivo-Diag-Pop-Idosa-JF.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2013.

VALENTE, M. L. L. C.; ROSA, H. R. O envelhecimento feminino: algumas especificidades de gênero. **Psicologia em Foco**, Aracaju, v. 6, n.1, p.67-91, jan./dez. 2016.

VOLP, C. M.; DEUSTSCH, S.; SCHWARTZ, G. M. Por que dançar?: um estudo comparativo. **Motriz**, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 52-58, jun. 1995. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/01n1/7_Catia_form.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2014.

VOTRE, S. et al. **Gênero, raça, idade e deficiência**: integração em projetos sociais do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

WINCH, R. R; ESCOBAR, G. V. Os lugares da mulher negra na publicidade brasileira. **Cadernos de Comunicação**, Santa Maria, v. 16, n. 2, p. 227-245, jul./dez. 2012.

## CONCLUSÃO

O envelhecimento populacional e a dança de salão vivem hoje, no Brasil, momentos de intenso protagonismo. Atualmente há um aumento considerável do número de pessoas que praticam essa modalidade de dança em Juiz de Fora/MG, especialmente no que concerne ao público idoso feminino. Nesse município, a prática da dança de salão não mais se limita às escolas específicas de dança, mas invade os mais variados espaços, como é o caso do Centro de Convivência do Idoso "Dona Itália Franco" (CCI), que, segundo a professora de dança de salão da referida instituição, a mesma é constituída por 112 alunos inscritos, sendo que 88 são mulheres e apenas 24 são homens. A partir desse cenário elegemos como problema de investigação dessa pesquisa: por que tantas mulheres buscam as aulas de dança de salão desse CCI e o que elas querem e pensam acerca da dança de salão e da velhice?

A inspiração para esse estudo surgiu da fruição do filme *Chega de saudade* (2008), de Laís Bodansky, que tem como tema central o envelhecimento de praticantes de dança de salão e retrata os dramas e as alegrias dos frequentadores de um baile da "terceira idade". Assim sendo foi também eleito como problema de investigação da presente pesquisa a seguinte questão: como esse filme representa a dança de salão e o envelhecimento e como ele pode contribuir para pensarmos as questões que abarcam essa temática na contemporaneidade?

Para responder a tais questões estruturamos esta tese em dois estudos, ambos norteados pelos mesmos fios condutores: o envelhecimento, a dança de salão e a velhice. O primeiro estudo caracterizou-se como um ensaio, intitulado "Dos salões de baile para as telas de cinema: pensando a dança de salão e o envelhecimento em e a partir de *Chega de saudade*, de Laís Bodansky" e teve como objetivo refletir sobre a dança de salão, o envelhecimento e a velhice em e a partir da referida película fílmica.

Foi possível perceber que a dança de salão, longe de se configurar como pano de fundo para a narrativa fílmica de Bodansky surge nesta como protagonista, despertando-nos para a importância dessa prática na vivência do envelhecer e da velhice. A cineasta traz para as telas uma variedade de gêneros musicais, dançados de forma bem espontânea, além de detalhes e situações típicas dos bailes de dança de salão. Quanto ao envelhecimento observamos ser esta a questão central no filme. Em tempos de extrema valorização da juventude, beleza e saúde, que muito tem dificultado a aceitação do processo natural de envelhecimento, especialmente paras as mulheres, *Chega de saudade* ousadamente exibe nas telas uma beleza repleta de rugas, apresentando a velhice como uma fase da vida a ser vivida naturalmente, onde cabem todas as limitações, potencialidades, sensações e sentimentos

humanos, incluindo a dor, a alegria e a sexualidade o que pode ser percebido mediante a frequente utilização dos planos detalhes e *close-ups* dos personagens. Vemos desde o início do filme as marcas do tempo escancaradas nos corpos envelhecidos dos personagens, principalmente em suas mãos e faces, evidenciando o desejo de Bodansky de abordar a velhice, sem disfarces. Somos assim colocados diante da velhice, não apenas dos personagens, mas principalmente diante do nosso próprio processo de envelhecimento. Neste sentido a narrativa fílmica nos leva a refletir acerca dos inúmeros preconceitos em relação à velhice ainda presentes em nossa sociedade, sendo a ideia da passividade e da incapacidade dos idosos, bem como a quase obrigatoriedade da vivência de uma velhice extremamente ativa e feliz, alguns destes preconceitos. O filme estabelece e nos conduz a uma visão crítica sobre o seu tema central, apresentando alternativas de subversões a essas ideias normatizadas, principalmente no que concerne à velhice e ao envelhecimento feminino.

A obra cinematográfica de Bodansky retrata uma velhice assumida, que se mantém em movimento e em busca do prazer, sem contudo negar as (im)possibilidades e ambiguidades do envelhecimento e do próprio viver.

Assim sendo, percebemos a importância, o potencial e as possibilidades do uso do filme *Chega de saudade* (2008) para sentir/pensar o homem e a sociedade, utilizando-o tanto em nossa formação pessoal e acadêmica, como em nosso exercício profissional enquanto professores(as) de dança de salão, para que assim possamos avançar rumo a uma dança que vá além de passos e ensaios.

Já o segundo artigo, intitulado “Primeiro as damas: a voz das idosas dançarinas”, é fruto de um estudo realizado com oito idosas, de baixa escolaridade e renda, com idade igual ou acima de 65 anos, que frequentavam duas vezes na semana as aulas de dança de salão do Centro de Convivência do Idoso “Dona Itália Franco”, de Juiz de Fora, MG. Foram realizadas com as mesmas entrevistas semiestruturadas e a observação de suas aulas, objetivando dar voz a essas idosas e apreender o que elas pensam e querem acerca da prática da dança de salão e da velhice, com o intuito de que seus interesses e demandas sejam pautas para a elaboração de novos programas e atividades nesses contextos**.**

As danças mais atraentes para elas são as de mais fácil execução, que lhes proporcionam arrebatamento e romantismo, como o bolero; a descontração e a alegria, como o forró. Isso fica perfeitamente visível quando falam da dificuldade experimentada ao dançar o samba, o soltinho e o tango. Desse modo e mediante a todo o histórico de restrição, opressão, trabalho, privação e abnegação pelos quais essas idosas passaram, compete aos professores(as) de dança de salão se questionarem sobre quais conteúdos devem abordar em

suas aulas. Não seriam esses os momentos ideais para proporcionar a essas idosas a vivência tão rara e necessária do prazer, da descontração e da alegria? Se não for, qual seria então o momento?! Será que precisamos continuar seguindo à risca uma metodologia tradicional de ensino da dança de salão que nos informa como e o que devemos ensinar em nossas aulas?!

As entrevistadas consideraram de fundamental importância que o professor de dança de salão seja carinhoso, atencioso e paciente com as limitações dos alunos, principalmente com aqueles que apresentam mais dificuldades de aprendizagem. A não observação desses quesitos, segundo elas, pode fazer a diferença entre a permanência ou a evasão dos idosos nas aulas.

Alguns aspectos sobressaíram intensamente nesse estudo: o primeiro diz respeito ao enorme prazer que essas mulheres sentem ao dançar, bem como a satisfação com a atual fase de suas vidas, e o outro são as queixas acerca dos colegas homens que, segundo elas, são, além de poucos, extremamente seletivos na escolha das parceiras de dança.

Diante deste último dado lançamos alguns questionamentos acerca do ensino/aprendizagem da dança de salão: não seria hora de revermos as tradições da prática e do ensino da dança de salão de modo a equilibrarmos melhor os papéis do homem e da mulher? A condução e a iniciativa do convite da dança não poderiam ser compartilhadas pelo casal de dançarinos? Será que ao alterarmos algumas dessas “tradições” não poderíamos contribuir para ampliar a participação dos homens na dança de salão, bem como minimizar as queixas das mulheres no que concerne a excessiva escolha das parceiras pelos homens?

Ficou evidenciada a importância que as idosas atribuem à prática da dança de salão, revelando significativos ganhos advindos de sua prática, tanto nas esferas físicas, quanto nas psíquicas e sociais de suas vidas. Em seus depoimentos emergiram novos sentidos que a dança deu às suas vidas no que concerne à autoestima, à motivação, ao abrandamento da solidão e das amarras que sempre lhes foram impostas pelos preconceitos, quer de classe, etnia, gênero ou idade. Ficou evidente também a importância dessa modalidade de dança para o estabelecimento de laços de convivência e novas oportunidades de diversão e lazer. Por outro lado, traz à luz alguns elementos essenciais para a reflexão dos profissionais que almejam trabalhar com essa parcela da população, em especial os professores(as) de dança de salão. Para essas idosas, nas aulas de dança de salão, muito mais do que qualquer ensinamento técnico, interessa a elas a companhia, o acolhimento, a alegria, a possibilidade de se distanciarem de seus problemas e a vivência do prazer e da liberdade, somente agora possíveis de serem experimentados.

Sendo assim, ao planejar e ministrar aulas de dança de salão para idosos(as), também recomendamos ao professor(a) que sempre considere os desejos e as necessidades desses indivíduos, privilegiando as músicas e as danças que eles mais apreciam, abordando também, em menor escala, as demais danças, tendo sempre o cuidado de repensar a sua metodologia de ensino e de fazer, sempre que possível, adaptações em suas movimentações como forma de facilitar a aprendizagem e execução das mesmas.

A dança a dois para o idoso não deve ser pautada em normas e técnicas rígidas, e sim, no resgate de suas potencialidades e estímulo de sua corporeidade, criatividade e liberdade de expressão, melhorando assim sua autoestima, autoconfiança e capacidade reflexiva.

É fundamental que o professor(a) de dança de salão que se proponha a lecionar para a população idosa, goste e tenha perfil para trabalhar com essa faixa etária e que conheça as características e especificidades dessa fase da vida, entendendo as possíveis mudanças que podem ocorrer em nível fisiológico, em cognitivo, em psicológico e em social no decorrer do envelhecimento e velhice.

É de suma importância privilegiar, nas aulas de dança de salão, a ludicidade, a sensibilidade e a interação entre os gerontes, garantindo assim que as mesmas sejam mais alegres, prazerosas e fortalecedoras das relações interpessoais e dos laços de amizades, porém, é necessário que o professor(a) esteja muito atento para não incorrer no grave erro de tratar os seus alunos idosos como crianças, seja na maneira como os tratam, utilizando-se de diminutivos ao se dirigir ou se referir a eles; seja nas aulas ministradas, ao propor conteúdos infantilizados em suas aulas.

Concluindo, os resultados desta pesquisa indicaram que a velhice não é obrigatoriamente um tempo de insatisfação, isolamento, limitação e inércia. A partir dos discursos das nossas interlocutoras, apreendemos que a velhice é para elas “uma benção” e que a prática da dança de salão faz dessa fase de suas vidas um momento ímpar para a aquisição de novas e importantes experiências, competências, saberes e sabores.

Foi possível perceber que, a partir do sentimento de solidão e liberdade experimentados nesta fase da vida, tais idosas, através da prática da dança de salão, se reinventaram. Constatamos também que o Centro de Convivência do Idoso “Dona Itália Franco” configura-se, por intermédio da oferta das aulas de dança de salão, como *locus* privilegiado de redimensionamento e reconstrução da vivência da velhice das idosas, por nós entrevistadas, contribuindo significativamente para o processo de empoderamento das mesmas.

Apesar das limitações desta pesquisa, nomeadamente em nível do tempo de imersão no campo e da centralização da pesquisa em um único local, consideramos que a realização dos dois estudos foram suficientes para atingirem os objetivos propostos. Sugerimos que futuras investigações sejam realizadas em outros contextos, tais como outros tipos de associações de idosos, academias de ginástica e de dança, incluindo os homens e os professores(as) de dança de salão na população pesquisada.

# APÊNDICE A

## REVISÃO DE LITERATURA

Aqui apresentamos breves considerações acerca do envelhecimento, da velhice e da dança de salão, com o intuito de embasar os dois estudos que integram essa pesquisa. Inicialmente faremos uma contextualização do envelhecimento e da velhice, em especial no que concerne ao Brasil e, em seguida, um breve relato sobre a história, evolução e caracterização dos tipos de dança de salão, bem como de alguns personagens que mais influenciaram a sua implantação, desenvolvimento e expansão no município que sedia a presente pesquisa.

### Envelhecimento e velhice: breves considerações

.

> Desejo que você, sendo jovem, não amadureça depressa demais e, sendo maduro, não insista em rejuvenescer, e que sendo velho, não se dedique ao desespero. Porque cada idade tem o seu prazer e a sua dor e é preciso que eles escorram entre nós.
>
> Victor Hugo

O envelhecimento[7] populacional tornou-se uma realidade mundial. Dados da Organização Mundial da Saúde (2005) estimam que em 2050 existirão cerca de dois bilhões de idosos[8] no mundo. No que afeta à realidade brasileira, o contingente de pessoas com sessenta ou mais anos também é crescente e já corresponde a 11,3% de sua população, o que

[7] O envelhecimento pode ser definido como "um processo dinâmico e progressivo, no qual há alterações morfológicas, funcionais e bioquímicas, que vão alterando progressivamente o organismo tornando-o mais suscetível às agressões intrínsecas e extrínsecas, que determinam, por levá-lo à morte" (CARVALHO FILHO, 1996, p. 60). De acordo com Neri (2001, p. 27) "esses processos são de natureza interacional, iniciam-se em diferentes épocas e ritmos e acarretam resultados distintos para as diversas partes e funções do organismo".

[8] "Idosos são populações ou indivíduos que podem ser assim categorizados pela duração do seu ciclo vital. Segundo convenções sociodemográficas atuais, idosos são pessoas de mais de 60 anos, nos países em desenvolvimento, e de mais de 65, nos países desenvolvidos" (NERI, 2001, p.45).

significa dizer que aproximadamente 21 milhões de brasileiros são idosos/as e deste contingente cerca de 12 milhões são mulheres, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). Ainda segundo os dados do IBGE, cresce também consideravelmente a expectativa de vida dos brasileiros, que era de 72,7anos em 2008, avançando para 81,29 anos em 2050.

Em Minas Gerais a população idosa já ultrapassa a marca de dois milhões de mineiros e em Juiz de Fora, segundo estudo realizado pelo Centro de Pesquisas Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (2012), o percentual de idosos já corresponde a 13,62% da sua população, fazendo dela um dos municípios brasileiros com o maior número de idosos.

Papaléo Neto (2002) considera que a velhice é a última fase da vida. Em Beauvoir (1990) encontramos a afirmação de que circunscrever a velhice não é tarefa fácil, pois ela não é uma realidade estática, e, sim, o resultado e o prolongamento de um processo. Um fenômeno biológico e cultural, que além de acarretar consequências psicológicas apresenta uma importante dimensão existencial. Ainda de acordo com Beauvoir (1990, p. 15-16), o que torna a velhice uma questão complexa é a íntima interdependência entre esses diferentes fatores, sendo, desse modo, abstrato considerar separadamente os dados fisiológicos e os fatos psicológicos, não bastando descrever analiticamente os diferentes aspectos da velhice, pois, “cada um deles reage sobre todos os outros e é afetado por eles”. Sendo assim, “a velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural” (BEAUVOIR, 1990, p. 20).

Nesse sentido encontramos em Sahb e Issberner (2012, p. 100) a afirmação de que “um idoso na China é diferente de outro na Argentina, na Rússia, no Marrocos, no Canadá e assim por diante”, afirmando também que “há diferenças na velhice de ricos e pobres, alfabetizados e não alfabetizados, de homens e mulheres, enfim, [...] muitas outras diferenças mais sutis seriam percebidas à medida que chegássemos mais perto da realidade do idoso”.

Quanto à individualidade e singularidade experimentada no envelhecer e na velhice, temos em Simões (1998) que as mudanças decorrentes do envelhecimento são diferentes para cada indivíduo, estando condicionadas a fatores físicos, ambientais e estilo de vida de cada um. Moraes (2011, p. 432) também afirma que “diferenças de classe, gênero, etnia, assim como as desigualdades sociais entre os idosos, são aspectos que não podem ser deixados de lado” por ocasião da realização de qualquer estudo.

Assim posto, é imprescindível pensarmos, ao invés de velhice, no singular, pensarmos em velhices, no plural, cabendo também ressaltar que, conforme Brandão (2000, p. 126 *apud* MERCADANTE; BRANDÃO, 2009, p.12) “se o envelhecimento é uma realidade para cada

indivíduo, ele deve ser dito na primeira pessoa e visto na perspectiva e no movimento da história individual e singular de cada um".

Diariamente os meios de comunicação veiculam que a população está vivendo mais e que o mundo rapidamente envelhece. Nos países desenvolvidos, segundo Camarano (2003) e Ramos (2002), o envelhecimento populacional iniciou há mais de um século, enquanto que no Brasil tal fenômeno teve início a partir da década de 1960. Venturi e Bokany (2007, p. 21) afirmam que "até os anos 1980 o Brasil ainda poderia ser considerado um país com população eminentemente jovem", perfil esse gradualmente modificado a partir do aumento da expectativa de vida, ocasionado pela queda da natalidade e da mortalidade e pelos avanços na área da saúde. Ferreira, Corrêa e Banhato (2010) afirmam que o progresso da farmacologia, bem como o desenvolvimento de novas e sofisticadas técnicas de exames laboratoriais e de imagens, além do maior acesso à assistência médica, ao saneamento básico e aos programas de vacinação e prevenção de doenças, em muito contribuem para o aumento da expectativa de vida da população.

Porém, apesar da longevidade representar um ganho e uma conquista para a população e para a ciência, a elevação na expectativa de vida e a presença cada vez maior de idosos na sociedade geram inúmeras preocupações e suscitam uma série de debates nos meios científicos e governamentais. A questão da longevidade e do envelhecimento populacional passa então a ganhar destaque e a entrar na agenda de todos os países desenvolvidos, em desenvolvimento ou emergentes (MERCADANTE; BRANDÃO, 2009), despertando o interesse acadêmico de pesquisadores das mais variadas áreas.

Em Telles (2008, p. 117) temos:

> Países como a França, EUA e alguns países escandinavos como a Suécia e Noruega foram dentre outros os que primeiro desenvolveram preocupações para com o idoso. O campo desses países sobre essa temática tornou-se muito refratário e, por conseguinte autônomo. Suas ideias desencadearam mudanças em diversos países.

Assim sendo, percebe-se que a questão do envelhecimento vem, nos últimos anos, merecendo atenção e destaque, sendo amplamente discutida como um dos temas prioritários do século XXI seja pelos "países desenvolvidos, em desenvolvimento ou emergentes" (MERCADANTE; BRANDÃO, 2009, p. 5). No caso do Brasil, segundo Stucchi (2006, p. 35), a velhice tem sido um dos temas que mais ganharam importância nos últimos anos, "tendo assistido, a partir de 80, a uma proliferação acentuada de iniciativas voltadas para o seu atendimento".

Debert (2012, p.137) afirma que a visibilidade alcançada pela velhice nos últimos anos foi marcada pela constituição de associações de aposentados e de outros espaços voltados para a congregação da população de mais idade, tais como as “universidades para a terceira idade” e os “grupos de convivência de idosos”, a que ela chama, genericamente, de “programas para a terceira idade”.

Telles (2008, p.118) afirma que o Serviço Social do Comércio (SESC):

> [...] caracterizou-se como uma instituição de vanguarda frente às intervenções com idosos de uma forma mais democrática. Marcelo Salgado dentro do campo interventivo, mesmo não tendo formação em educação física, deflagrou uma nova visão que acabou por se tornar hegemônica no trabalho físico envolvendo idosos. Salgado disseminou a ideia dentro do SESC da importância da atividade física para os já idosos e contribuiu através do Estado para construção de uma legislação específica.

Quanto aos objetivos dos “programas para a terceira idade”, Debert (2012) nos informa que “estão envolvidos numa luta contra os preconceitos e estereótipos através dos quais se supõe que a velhice seja tratada no contexto brasileiro”, sendo que nos programas para a terceira idade, esse combate “leva a uma celebração do envelhecimento como um momento em que a realização pessoal, a satisfação e o prazer encontram seu auge e são vividos de maneira mais madura e profícua” (DEBERT, 2012, p. 143-144). Dentre as várias atividades oferecidas nos programas para idosos, destacam-se as atividades físicas, artísticas e culturais. Aulas de ginástica, alongamento, teatro, coral, bordado e dança de salão são práticas frequentemente disponibilizadas nos centros de convivências de idosos.

## Dança de salão: algumas considerações

> Ontem, a dança... pulsando nos ritos, nas festas, celebrações, deslizando nos salões, nos bailes da corte, flutuando nos palcos, entre névoas e a leveza dos romances, gritando a dor, a liberdade, os mistérios da vida e da morte. Hoje, a dança... por toda parte, por todo e nenhum tempo-espaço, por ser experiência, cotidiano, arte, por não ser nada, o tudo que me habita.
>
> Débora Barreto

De acordo com Grangeiro (2014), morfologicamente, o termo dança de salão originou-se do inglês *ballroom*, que significa salão de baile. Para Perna (2001, p. 10) a palavra “salão” justifica-se pela “necessidade de salas grandes, os salões, para que se possam realizar as evoluções das danças e festas de confraternizações dançantes”. Gomes (2010) afirma que “salão” também se explica por inicialmente ter sido praticada nos salões das cortes reais europeias.

Resumidamente a dança de salão pode ser definida como uma dança executada aos pares, na qual um dos dançarinos, ao som de uma música e seguindo determinadas normas, realiza e induz o seu parceiro a executar uma série de passos e movimentação corporal específicos de um determinado gênero de dança de salão. Tal definição justifica-se na medida em que acreditamos que não é mais possível, na contemporaneidade, conceituar a dança de salão como uma prática realizada por um casal composto exclusivamente por um homem e uma mulher, no qual cabe somente ao homem a condução da dança e à mulher a passividade na recepção dessa condução. Optamos pela utilização da palavra “induz” ao invés de “conduz”, pois assim como Tonial (2011, p. 144) comungamos com a ideia de “que a movimentação não acontece de forma unilateral, ela se constitui de uma constante comunicação e adaptação entre os jogadores”, principalmente no contexto atual no qual a reformulação nas questões de gênero é uma realidade inquestionável.

Quanto às suas origens, de acordo com Perna (2001), a dança de salão originou-se na Europa, na época do Renascimento. Ainda segundo o autor, as primeiras danças eram de salão, mas não a dois de pares enlaçados. “A dança de salão a dois de pares enlaçados, onde a dama dependia apenas de seu cavalheiro e vice-versa, e não de outros dançarinos, só chega no final do século XVIII em Paris, com a valsa proveniente dos povos germânicos” (PERNA, 2001, p. 12). O autor afirma também que a dança de salão chegou ao Brasil no século XVI, por intermédio dos portugueses, e posteriormente por imigrantes de outros países europeus, tendo a valsa chegado por volta de 1837 (PERNA, 2001). Para ele, a primeira dança de salão, a dois, brasileira, foi o maxixe, sendo o mesmo o precursor do samba europeu e do nosso samba de gafieira; fato este ocorrido por volta de 1870 (PERNA, 2001).

Segundo Grangeiro (2014), o maxixe foi de fundamental importância para o desenvolvimento da dança de salão brasileira, podendo ser considerado o embrião do que atualmente se dança em todos os salões do Brasil. Ainda de acordo com o autor acima citado, a forma de o brasileiro dançar é oriunda “da mistura das raças, culturas, costumes, e crenças do povo europeu, africano e indígena”, sendo a dança moldada a partir do contexto onde ela

está inserida, o que faz com que cada lugar tenha suas características próprias de dançar (GRANGEIRO, 2014, p. 67).

Desde o surgimento do maxixe até os dias atuais alguns grandes nomes se destacaram no ensino e divulgação da dança de salão brasileira, escrevendo a sua história e inaugurando um novo tempo e espaço para a dança de salão no Brasil. Uma das pioneiras no ensino da dança de salão brasileira foi a suíça Madame Poças Leitão, que veio para o Brasil em 1914 e fundou, em São Paulo, a Escola de Danças e Boas Maneiras, onde ministrava aulas de tango e valsa. Possivelmente esta é a escola mais antiga ainda em atividade no Brasil, apesar de a sua fundadora já ter falecido em 1974, uma vez que seus familiares deram continuidade ao seu trabalho. De acordo com Perna (2001) os alunos de Madame Poças Leitão só frequentavam as aulas vestidos de terno e gravata e ela, além de dar aulas em francês e ao som de um piano, vistoriava as unhas de seus alunos, ministrando as aulas com um chicotinho nas mãos.

Outro importante nome que em muito contribuiu para a história da dança de salão brasileira é o da amazonense Maria Antonietta Guaycurús de Souza, que veio para o Rio de Janeiro em 1940, aos 13 anos de idade. Aos 17 anos, começou a trabalhar na Academia Moraes de Dança de Salão, onde ficou por quase quatro anos, saindo para casar-se. Porém, ela não conseguiu ficar longe da dança e mesmo sem a autorização do marido voltou a ministrar aulas de dança de salão, em clubes do subúrbio e em casa, voltando também a trabalhar na academia de Vasco Moraes. Mesmo após o fechamento da Academia Moraes de Dança de Salão, Maria Antonietta continuou dando aulas em vários lugares, inclusive na Gafieira Estudantina. Algum tempo depois, ela alugou uma sala e começou a trabalhar como autônoma, tendo como um de seus alunos um dos principais personagens da dança de salão do Rio de Janeiro, ou melhor, do Brasil, o pernambucano Jaime Arôxa.

Segundo Perna (2001) Jaime Alves Arôxa Neto nasceu no dia 15 de abril de 1961, no município de Gameleira, PE e veio para o Rio de Janeiro na década de 1980. Ainda de acordo com o autor, Jaime Arôxa demonstrou vocação para a dança desde muito cedo, apesar da total desaprovação do pai, que chegou a dar-lhe uma surra por isso (SOUZA, 2010). Segundo a autora anteriormente citada, ele conheceu Maria Antonietta numa domingueira dançante, em Botafogo, bairro do Rio de Janeiro, onde a tirou para dançar e pediu para ser seu assistente. Após muita insistência, ela resolveu dar-lhe essa oportunidade e foi com ela que ele aprendeu a dar aulas de dança de salão, passando também a ser o seu parceiro de dança. Em 1987, ele montou sua primeira escola, criando uma metodologia própria de ensino da dança de salão, “baseada na separação em pequenas partes dos movimentos”, método este adotado na maioria das escolas de dança de salão da atualidade. (PERNA, 2001, p. 175). Por sua escola já

passaram milhares de alunos e ele se tornou uma das maiores referências para os profissionais da dança de salão, oferecendo cursos de formação de professores em sua escola e ministrando diversos *workshops*, não só no Brasil, mas também no exterior.

Outro importante nome da dança de salão brasileira é do carioca e pedagogo Carlinhos de Jesus. De acordo com Perna (2001), Carlos Augusto da Silva Caetano de Jesus, nasceu no dia 27 de Janeiro de 1953, e, diferente de Jaime Arôxa teve a aprovação do pai para dançar, freqüentando, desde a infância, as festas e aprimorando-se nas gafieiras e clubes, observando as performances dos grandes dançarinos. Em Grangeiro (2014) encontramos a informação de que a sua primeira turma de dança de salão data de 1983 e em Perna (2001) temos que ele iniciou suas aulas no Flamengo, um bairro do Rio de Janeiro, tendo desenvolvido sua técnica de ensino juntamente com a sua sósia Stelinha Cardoso, que foi aluna de Maria Antonietta e Jaime Arôxa. Ainda no final da década de 1980, Carlinhos de Jesus tornou-se um ícone da dança de salão, passando a despertar a atenção da mídia e do público, sendo reconhecido pelos profissionais, no cenário nacional, como o embaixador da dança de salão (GRANGEIRO, 2014).

Em Minas Gerais um nome que se destaca na divulgação, ensino e profissionalização da dança de salão é do engenheiro Jomar Mesquita. Mineiro de Belo Horizonte, iniciou-se na dança de salão aos 17 anos, como aluno de seus pais Baby Mesquita e João Baptista Mesquita, que fundaram, em 1990, a primeira escola de dança de salão de Belo Horizonte, a *Mimulus* Escola de Dança. Apaixonado por essa arte, Jomar Mesquita, antes mesmo de se formar em Engenharia decidiu profissionalizar-se na área, dedicando-se à pesquisa das diversas danças de salão. De acordo com Grangeiro (2014) Jomar Mesquita logo assumiu a direção artística da escola, criando algum tempo depois a *Mimulus Cia de Dança*, vencedora de inúmeros prêmios nacionais e internacionais. Esta *Cia* inaugurou uma nova linguagem nos espetáculos de dança de salão, saindo do lugar comum e da previsibilidade para a originalidade e imprevisibilidade. Mesquita (2011, p. 63) afirma que desde os primeiros trabalhos coreográficos da *Mimulus Cia de Dança* “a inquietação que movia o grupo era proveniente do incômodo que sentiam ao assistir as apresentações de danças de salão: sempre iguais, com as mesmas músicas, os mesmos passos, os mesmos figurinos, enfim, sempre os mesmos estereótipos”. Ainda em Mesquita (2011, p. 66) temos que o “processo de criação do grupo consiste essencialmente em desconstruir os diversos gêneros de danças a dois, partindo muitas vezes do que estas têm de mais tradicional”. Atualmente a *Mimulus Cia de Dança* é considerada uma referência no ensino de técnicas de composição coreográfica para a transposição das danças de salão para o palco. Alguns dos espetáculos que constam na história

da *Mimulus Cia de Dança* são: E esse alguém sabe quem, De carne e sonho, Do lado esquerdo de quem sobe, Dolores, Por um fio e etc. Além de professor e coreógrafo Jomar Mesquita também é considerado referência na formação de novos profissionais de dança de salão, pois, além de realizar em diversos períodos do ano diferentes cursos e oficinas, realiza também, anualmente, a "Semana da Dança", que é um evento que tem como objetivo propiciar uma visão mais abrangente das infinitas possibilidades da dança de salão e suas manifestações contemporâneas. Mais recentemente, devido ao sucesso e repercussão desses eventos, ele também criou o Curso de Qualificação em Criação, Ensino e Produção em Danças de Salão, com duração de dois anos.

Já em Juiz de Fora – MG, cidade na qual a presente pesquisa de campo foi realizada, a maior referência e a pioneira no ensino da dança de salão é a professora de Educação Física Silvana Marques. Segundo o seu depoimento, em uma festa ocorrida em 15/10/1991, teve início a sua carreira na dança de salão, em um clube tradicional da cidade, o Clube Caiçaras. O projeto inicial foi intitulado "Primeiros Passos". Segundo a professora foi uma linda festa, ela trabalhava com vinil num som gradiente, ali ficando por 4 anos e partindo para a criação de um estúdio de danças. Silvana Marques é uma apaixonada e entusiasta da dança de salão. Ela afirma ter, durante todos esses anos, mergulhado literalmente no universo da dança de salão. Ela diz também que se casou, plantou muitas sementes e teve muitos filhos, dois de sangue e muitos outros de coração e de movimento. Atualmente caminha para as bodas de prata no ensino da dança de salão em Juiz de Fora – MG, e segundo Marques começaria tudo outra vez. Sua trajetória profissional, iniciada no Clube Caiçaras, teve continuidade a partir da criação da sua primeira escola de dança, chamada "Escola de Danças de Salão Primeiros Passos", que ficava na Rua Tavares Bastos, nº 36, bairro São Mateus, Juiz de Fora – MG. Após 10 anos nesse local, a escola migrou-se para um prédio tombado no centro histórico da cidade e passou a chamar-se "Estação Cultural – Estúdio de Danças Silvana Marques". Nesse local está há 9 anos, produzindo, além da dança de salão, outras atividades artísticas e culturais. Silvana Marques participa ativamente dos eventos de dança da cidade e região, organizando bailes e diversas oficinas, inclusive com a participação de outros grandes nomes da dança de salão. Podemos citar como destaque em sua carreira profissional a produção do espetáculo "A última noite de um bamba", que utiliza dança, música, teatro e audiovisual para homenagear o compositor juiz-forano Geraldo Pereira. O espetáculo, obra contemplada pela Lei Murilo Mendes, retrata a derradeira visita do compositor a uma "gafieira", nos anos 1950, e ambienta o embate de Geraldo Pereira e Madame Satã. A direção geral e as coreografias do espetáculo são de Silvana Marques, os figurinos têm a assinatura de Érika Senra, a direção de

vídeo e edição é de Alessandro Arbex e a direção de arte e de cenografia é do artista Ramón Brandão (PREFEITURA DE JUIZ DE FORA, 2010).

Quanto aos gêneros de dança de salão mundialmente praticados podemos citar o baião, bachata, bolero, calipso, chá-chá-chá, cúmbia, forró, foxtrote, lambada, *lindy hop*, mambo, merengue, milonga, passo *doble*, *quickstep*, rumba, salsa, samba, *slow-fox*, *swing*, tango, valsa, xote e *zouk*, contudo, no Brasil, predominam o bolero, o forró, a salsa, o samba, o soltinho, o tango e o *zouk*. Em Juiz de Fora, cidade mineira onde foi realizado o presente estudo, tanto nas aulas como nos bailes, as modalidades mais presentes são o bolero, o forró, o samba e o soltinho. A salsa, o tango e o *zouk* são gêneros mais restritos, surgindo nas escolas de dança como modalidades desenvolvidas em horários diferenciados das outras modalidades, assim como surgem apenas em bailes temáticos realizados nas próprias escolas ou nos intervalos dos bailes tradicionais, ou seja, apenas em eventos organizados por professores que desenvolvem tais conteúdos em suas práticas profissionais.

Sendo assim, faremos uma breve contextualização dos gêneros mais praticados nas aulas e nos salões de dança de Juiz de Fora, iniciando pelo bolero, geralmente o primeiro gênero a ser introduzido nas aulas e também o que abre os bailes de dança de salão.

De acordo com Siqueira (2009, p. 34), o bolero teve origem na Espanha, no século XVIII, chegando posteriormente ao México e a Cuba, sofrendo assim algumas modificações e influenciando outros ritmos “como, por exemplo, o mambo, o chá-chá-chá e a salsa”, misturando-se também, já no século XX, aos ritmos africanos.

A palavra bolero originou-se das “boleras”, denominação dada às pequenas bolas que enfeitavam os vestidos das dançarinas espanholas. No Brasil, ele surgiu por volta da década de 1940, sofrendo alterações e incorporando certas peculiaridades típicas de cada região do país. Percebe-se, porém, de maneira geral, que o bolero dançado no Brasil apresenta expressiva variedade de passos, giros e caminhadas, bem como a presença de alguns ganchos, possivelmente influenciados por outros gêneros de dança, como, por exemplo, a valsa e o tango (SIQUEIRA, 2009). Quanto à incorporação de passos de um determinado gênero de dança de salão em outro, Alves (2004, p.37) afirma que isso é comum na atualidade e que tal fenômeno “ressalta o aspecto estilizado dessa dança e a valorização que se dá ao improviso e à criatividade”. Segundo Perna (2001, p.116) quem iniciou as modificações na forma de dançar o bolero brasileiro foi o professor e coreógrafo Jaime Arôxa, influenciado pelos filmes de Fred Astaire e pelo “tango argentino, de onde trouxe inúmeros passos para o bolero e para o samba de gafieira”.

Caracterizado por um intenso romantismo, suavidade e elegância o bolero também é conhecido “por seu passo básico, imortalizado em várias canções: dois para lá, dois para cá” (MASSENA, 2006, p.21). Contudo, atualmente, o principal passo básico do bolero ensinado nas aulas de dança de salão consiste numa movimentação frontal, de vai e volta, na qual o homem inicia o seu movimento indo à frente com a perna esquerda, induzindo a mulher a recuar com a direita, completando o passo realizando o movimento de maneira inversa, ou seja, o homem indo para trás com a sua direita, trazendo para junto de si a mulher que por sua vez avança com a esquerda. A finalização do passo se dá quando o casal retorna à posição inicial, ou seja, a mulher com a perna direita liberada e o homem com a perna esquerda livre, prontos para repetirem toda a movimentação descrita.

Outro gênero de dança de salão muito frequente nas aulas e bailes de Juiz de Fora é o forró, que anima e enche rapidamente as pistas de dança, deixando claro ser esse um dos gêneros favoritos dos dançarinos. Sem dúvida alguma, a alegria e a descontração são as principais características do forró, sendo o gênero de dança de salão mais procurado e indicado para os alunos iniciantes, pois apresenta uma maior liberdade na execução dos passos e na postura corporal do praticante. O ritmo nasceu no nordeste brasileiro e tem como maiores mestres o pernambucano Luiz Gonzaga e o paraibano Jackson do Pandeiro. Há controvérsias quanto à origem do nome forró. Uma versão diz que a palavra originou-se da expressão inglesa “*for all*”, que significa “para todos” e uma segunda versão afirma que ele veio da palavra africana “forrobodó”, que significa festa ou bagunça. De acordo com Alves (2004, p. 38), o forró “passou a ser admitido como uma dança de salão recentemente, a partir do *boom* provocado pela emergência do movimento de forró universitário no sudeste do Brasil”. Perna (2001, p.125) afirma que a moda do forró na região do sudeste começou em 1996, quando grupos de estudantes da região tiveram contato com o forró de Itaúnas, uma cidade do Espírito Santo. A dança virou moda no sudeste e recebeu “o nome de forró pé-de-serra, por buscar o tradicional e forró universitário, nesse caso em alusão aos estudantes que estavam fazendo moda”. O autor afirma ainda que até 1997 não existiam muitos passos no forró, “mas com o modismo muita gente fez aulas em academias de dança de salão e começou a colocar no forró inúmeros passos de outras danças”, o que dificultou um pouco a sua aprendizagem (PERNA, 2001, p. 127).

O forró atualmente ensinado nas aulas de dança de salão de Juiz de Fora apresenta o mesmo passo básico do bolero, só que adaptado ao forró, mostrando também uma considerável variação de giros e passagens do homem e da mulher nos quais eles executam sucessivas trocas de lugares, evidenciando novamente a influência de um gênero de dança

sobre outro, neste caso há presença de elementos da salsa e do soltinho na movimentação do forró.

Quanto ao soltinho, mais uma dança muito presente nas aulas e bailes de dança de salão de Juiz de Fora, temos em Siqueira (2009) a afirmação de que não são muito claras as suas origens e nem quando ele passou a ser considerado uma dança de salão, afirmando, contudo que ele começou a ser praticado no Rio de Janeiro, a partir da década de 1980. Em Alves (2004, p.38) encontramos a afirmação de que seu "ensino nas academias de dança de salão já pode ser observado desde a década de 1980". Não tendo propriamente um estilo musical que o caracterize, normalmente o soltinho é dançado em qualquer ritmo de andamento mais acelerado e alegre, que tenha "balanço", como as músicas da jovem guarda, o *rock*, o *swing*, e até mesmo os boleros mais rápidos. Para Perna (2001) o nosso soltinho já apresenta uma identidade própria, apesar de ainda existirem pessoas que o denominam de *swing* ou *foxtrote*, principalmente devido ao fato de que se dança o soltinho quando a orquestra toca tais gêneros musicais. Ele também afirma que o soltinho descende do *swing*, do *rock* e do *jive*, sendo, contudo, uma nova dança. Em Siqueira (2009) temos que o soltinho misturou elementos do *swing* norte-americano e do *foxtrote*, modificando-se e ganhando uma forma própria. O que é possível afirmar com segurança é que o soltinho é uma dança que alegra e contagia sendo, assim como o forró, capaz de encher as pistas de dança dos bailes e sempre fazer parte dos conteúdos ensinados nas aulas de dança de salão. Sua movimentação apresenta muitos giros e passagens do homem e da mulher, assemelhando-se à movimentação descontraída do forró, porém o passo básico do soltinho difere do básico do forró. A posição inicial do soltinho ensinada nas aulas de dança de Juiz de Fora consiste no casal enlaçado, estando o homem com a perna esquerda livre e a mulher com a direita liberada. Inicia-se o passo quando o homem transfere o peso para a sua perna esquerda, retornando-o para a direita, marcando assim dois tempos, e, a seguir, faz um contratempo, transferindo o peso para a esquerda, direita e finalizando com o peso na perna esquerda. A partir daí, ele está pronto para iniciar a mesma sequência de movimentos, só que desta vez principiando a movimentação com a perna direita livre e a mulher, com a perna esquerda liberada.

Finalizando essa breve contextualização dos gêneros de dança de salão mais praticados em Juiz de Fora abordaremos agora o samba, que também é uma das últimas danças introduzidas nas escolas e academias de Juiz de Fora, pois o nível de dificuldade do mesmo é considerado maior em relação aos anteriores. Muito embora ele seja alegre e empolgante, é muito comum vermos as pistas de dança esvaziarem quando inicia uma sequência de samba para ser dançado a dois, fazendo com que os casais que dominam tal

movimentação se destaquem e se exibam nas pistas. A explicação para a dificuldade do atual samba dançado a dois pode residir no fato de que, a partir dos anos 1980, ele sofreu "alterações com a introdução de passos do tango, como giros e entrelaçamento de pernas próprios da dança argentina" (ALVES, 2004, p. 38). Comumente o samba dançado a dois é chamado de "samba de gafieira", pois ele, originalmente, era dançado nas gafieiras cariocas, que eram locais onde se dançavam variados ritmos (PERNA, 2001). Tal autor afirma ainda que o nome "samba de gafieira" existe para diferenciá-lo dos demais tipos de samba, como o samba no pé, o samba-*rock* e etc, afirmando também que o samba de gafieira, descendente direto do maxixe, possui raízes africanas. Em Siqueira (2009, p. 39) temos que tais raízes surgiram "a partir da migração de negros da Bahia, na segunda metade do século XIX, para bairros populares cariocas", sendo o Rio de Janeiro, ainda hoje, a maior referência no ensino e aprendizagem do samba de gafieira. Quanto ao seu passo básico Perna (2001) afirma que ele é originário da mistura do passo básico do maxixe com o sapateado do samba de roda, sendo realizado em um compasso binário. Ele descreve o passo básico do samba de gafieira da seguinte forma:

> O passo básico é feito com os pés juntos, pisando com o esquerdo e, em seguida, trocando o peso para pisar com o direito. Vai-se então com o pé esquerdo atrás e junta-se o direito. Em seguida, troca-se o peso para o pé esquerdo, pisando e em seguida leva-se o direito à frente para então juntar o direito e repetir o movimento (PERNA, 2001, p. 146).

Ainda segundo o autor acima citado, foi somente na década de 1940 que o samba de gafieira realmente ganhou força. Segundo ele, até então, existiam três formas de dançar o samba de salão: o samba canção, o samba batucada e o samba liso. O autor afirma também que o atual samba de gafieira "importou alguns movimentos que são característicos do tango argentino", além de vários passos acrobáticos, como, por exemplo, o passo denominado "cabide", que é oriundo do "rock" (PERNA, 2001, p. 142). Percebe-se que não apenas o samba de gafieira, como também a dança de salão como um todo vem passando, assim como toda a sociedade, por um processo de inúmeras e intensas mudanças culturais, fazendo com que, contemporaneamente, novas perspectivas para o dançar a dois se descortinem, como é o caso dos bailes de ficha e dos cavalheiros de aluguel[9]. Porém, apesar de todas as transformações pelas quais a sociedade tem passado, a dança de salão ainda se mantém regida por um conjunto de normas como, por exemplo, o papel do homem de conduzir a mulher na

[9]Baile de Ficha consiste em um baile onde as mulheres, geralmente idosas, pagam jovens dançarinos para serem seus pares, através da aquisição de fichas. Já os Cavalheiros de Aluguel são pagos para acompanhá-las no baile, evitando que elas tomem "chá de cadeira" (ALVES, 2004).

dança e a utilização da “ronda”, que é o sentido anti-horário no qual os casais deslocam-se no salão.

Possivelmente impulsionada pela mídia, em especial a televisiva, a dança de salão tem conquistado uma expressiva projeção nacional. Em grande parte das cidades brasileiras a dança de salão tem se tornado uma prática cada vez mais frequente, o mesmo acontecendo em Juiz de Fora, uma cidade mineira de 516.247 habitantes, segundo censo 2010 realizado pelo IBGE. A dança de salão, antes presente apenas nas escolas de dança e praticada em grande parte por pessoas de meia-idade ou mais, atualmente conquista, no cenário juiz-forano, uma diversidade de adeptos, invadindo os mais diversos espaços, dentre os quais podemos citar as academias de ginástica, as unidades básicas de saúde e os centros de convivência de idosos, como é o caso do CCI “Dona Itália Franco”, que sediou a presente pesquisa.

## Referências


ALVES, A. M. **A dama e o cavalheiro**: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BELO, I. Velhice e mulher: vulnerabilidade e conquistas. **Revista Feminismos**, Salvador, v. 1, n. 3, set./dez. 2013. Disponível em: <http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/84/82>. Acesso em: 21 mar. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Datasus**: informações de saúde. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=0206>. Acesso em: 04 nov. 2013.

CAMARANO, A, A. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 35-63, set./dez. 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300004>. Acesso em: 5 mar. 2014

CARVALHO FILHO, E, T. Fisiologia do envelhecimento. In: PAPALEO NETO, M. **Gerontologia:** a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 1996.

CHEGA de saudade. Direção: Laís Bodansky. Produção: Gullane Filmes. Intérpretes: Betty Faria; Cássia Kiss; Leonardo Villar; Maria Flor; Paulo Vilhena; Stepan Nercessian; Tonia Carrero e outros. Roteiro: Luiz Bolognesi. São Paulo, Rio de Janeiro: Buriti Filmes, Petrobrás, Miravista e Globo Filmes. Brasil, 2008. 1 DVD (92 min). widescreen, color.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2012.

FERREIRA, L.; SIMÕES, R. **Idoso asilado**: qual a sua imagem? Várzea Paulista: Fontoura, 2011.

FERREIRA, M. E. C.; CORRÊA, J. C.; BANHATO, E. F. C. **Desafios de envelhecer no século XXI**. São Paulo: Residencial Santa Catarina, 2010.

GOMES, J. V. **Um pouco sobre a história da dança de salão no Brasil.** 2010. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/EmFoco/Danca/danca_salao.pdf>. Acesso em: 30 maio 2014.

GRANGEIRO, M. **Ai, pisaram no meu pé!**: um novo conceito em aprendizagem e ensino na dança de salão. São Paulo: Scortecci, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/synteseindicsociais2010/SIS_2010.pdf>. Acesso em: 15 set. 2014.

MASSENA, M. **A sedução do brasileiro**: um estudo antropológico sobre a dança de salão. 2006. 145 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MERCADANTE, E, F.; BRANDÃO, V. M. A. T. **Envelhecimento ou longevidade?** São Paulo: Paulus, 2009.

MESQUITA, J. Transposição da linguagem coreográfica dos salões para os palcos: dança de salão como arte. In: PERNA, Marco Antônio (Org.). **200 anos de dança de salão no Brasil**. Rio de Janeiro: Amaragão, 2011. cap. 8, p. 53-73.

MORAES, A. O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, M. **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2011. cap. 15, p. 427-452.

NERI, A, L. **Maturidade e velhice**: trajetórias individuais e socioculturais. Campinas: Papirus, 2001.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

PAPALEO NETO, M. O estudo da velhice no século XX: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, E, V. et al. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

PERNA, M, A. **Samba de gafieira**: a história da dança de salão brasileira. Rio de Janeiro: O Autor, 2001.

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. 2º Festival de dança: a última noite de um bamba e espetáculos ao ar livre são atrações na próxima segunda. 19 abr. 2010. Disponível em: <https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=24054>. Acesso em: 24 jul. 2017.

RAMOS, Alexandre Trindade. **Atividade física**: diabéticos, gestantes, terceira idade, crianças e obesos. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

SAHB, S.; ISSBERNER, L. Indicadores de qualidade de vida na terceira idade: novas perspectivas para o Brasil. In: BRASIL, C. (Org.). **Viver é a melhor opção**: envelhecer faz parte! Rio de Janeiro: Quartet, 2012. cap. 5, p. 99-122.

SIMÕES, R. **Corporeidade e terceira idade**: a marginalização do corpo idoso. Piracicaba: UNIMEP, 1998.

SIQUEIRA, M, D. "**Quem convida é a mulher**": experiências femininas e subversão nos bailes de dança de salão. 2009. 118 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

SOUZA, M, I, G. **Espaços de dança de salão no cenário urbano da cidade do Rio de Janeiro**: tradição e inovação na cena contemporânea. 2010. 227 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

STUCCHI, D. O curso da vida no contexto da lógica empresarial: juventude, maturidade e produtividade na definição da pré-aposentadoria. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.). **Velhice ou terceira idade?**: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 2006. cap. 2, p. 35-46.

TELLES, Silvio de Cassio Costa**. A construção do campo do conhecimento sobre as atividades físicas para idosos no Brasil**. 2008. 186 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2008.

TONIAL, T. **Dança de salão e lazer na sociedade contemporânea**: um estudo sobre as academias de Belo Horizonte. 2011. 164 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. **Diagnóstico socioeconômico da população idosa de Juiz de Fora**: perfil do idoso residente na área urbana de Juiz de Fora, 2012. Disponível em: <http://www.ufjf.br/secom/files/2012/12/Relatorio-executivo-Diag-Pop-Idosa-JF.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2013.

VENTURI, G.; BOKANY, V. A velhice no Brasil: contraste entre o vivido e o imaginado. In NERI, A. L. (Org.). **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, SESC SP, 2007. cap. 6, p. 21-23.

# APÊNDICE B

## TÓPICO-GUIA DA ENTREVISTA

Local da entrevista:

Data e horário:

Entrevistador:

### Seção 1 – Damas: quem são e de onde falam?

1 - Sexo

2 - Raça/Cor

3 - Idade

4 - Bairro e cidade onde mora

5 - Naturalidade e nacionalidade

6 - Escolaridade

7 - Profissão/ocupação

8 - Atual situação laboral

9 - Renda mensal.

10 - Estado civil/situação conjugal

11 - Filhos/Netos (todos vivos?)

12 - Você é o chefe da sua família?

13 - Sua moradia é própria, alugada ou cedida?

14 - Com quem você mora? (Número de pessoas, vínculo e idade das pessoas).

15 - Crença religiosa - Qual e por quê?

16- Tem alguma atividade de lazer? Qual?

17- Fale um pouco sobre você e da atual fase de sua vida.

### Seção 2– Primeiros passos

1 - Há quanto tempo e como você ingressou nas aulas de Dança de Salão do Centro de Convivência do Idoso “Dona Itália Franco”?

2 - Fale sobre a reação dos seus amigos e familiares mediante a sua participação nas aulas de Dança de salão do Centro de Convivência do Idoso “Dona Itália Franco”.

3 - Quais foram suas motivações para ingressar nas aulas de Dança de salão do Centro de Convivência do Idoso “Dona Itália Franco”?
4 - Quais são suas motivações para permanecer nas aulas de Dança de salão do Centro de Convivência do Idoso “Dona Itália Franco”?

Seção 3 – Dançando

1- Fale sobre as aulas de Dança de salão do Centro de Convivência do Idoso “Dona Itália Franco” (o que você mais e menos gosta, dias e horários, músicas, o que você mais gosta e menos gosta de dançar, desempenho, dificuldades/facilidades, professores, colegas de turma, parceiros de dança, críticas/sugestões e etc.).

Seção 4 – Ganhos e Sensações

1 - Você percebeu alguma alteração no seu cotidiano e nos seus hábitos de vida depois que começou a praticar a Dança de salão no Centro de Convivência do Idoso “Dona Itália Franco”? Quais?
2 - O que você sente quando está dançando nas aulas de Dança de salão?
3 - Gostaria de fazer mais alguma consideração acerca das aulas de Dança de salão do Centro de Convivência do Idoso “Dona Itália Franco”

# APÊNDICE C

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada, como voluntária, a participar da pesquisa: “Nas telas de cinema e nas salas de dança de salão: a vez e a voz das idosas”. Neste estudo, pretendemos dar voz às usuárias do Centro de Convivência do Idoso “Dona Itália Franco”, que frequentam as aulas de Dança de salão desta instituição. O motivo que nos leva a estudar a temática é a escassez de estudos científicos acerca da Dança de salão, em especial no que se refere à prática desta modalidade por idosos, parcela crescente da população mundial, dando a eles voz. Para este estudo adotaremos o procedimento metodológico da abordagem qualitativa, com a observação das aulas de Dança de salão realizadas na instituição, bem como a realização de entrevistas com os sujeitos da pesquisa. Informamos que as observações serão registradas em diário de campo e as entrevistas gravadas, para uma posterior transcrição e análise. Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecida em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Sua participação é voluntária e sua recusa não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma que é atendida pela pesquisadora, que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Trata-se de um estudo com risco mínimo, ou seja, o mesmo risco que se tem em atividades rotineiras, como conversar, ler, caminhar, etc. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de cinco anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a você.

Eu, _____portadora do documento de Identidade _____, fui informada dos objetivos deste estudo de maneira clara e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que

concordo em participar deste estudo. Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido o qual pude ler e esclarecer minhas dúvidas.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 20__.

_____

Assinatura da participante

_____

Assinatura da pesquisadora

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, consulte a pesquisadora: Lúcia Aparecida Martins Campos Coelho - E-mail: lamccoelho@yahoo.com.br